



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

RAFAEL VILAÇA EPIFANI COSTA

O NOVO TEMPLO DE SALOMÃO:

O projeto de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus para o Brasil e o mundo.

RECIFE-PE

2017

RAFAEL VILAÇA EPIFANI COSTA

O NOVO TEMPLO DE SALOMÃO:

O projeto de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus para o Brasil e o mundo.

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza.

RECIFE-PE

2017

RAFAEL VILAÇA EPIFANI COSTA

O NOVO TEMPLO DE SALOMÃO:

O projeto de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus para o Brasil e o mundo.

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Data da Defesa: 20 de janeiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza – UNICAP
Orientador

Prof. Dr. Drance Elias da Silva – UNICAP
Examinador Interno

Profa. Dra. Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronsztein – UFPE
Examinadora Externa

“Nós já estamos vendo, que todos os templos, quaisquer que sejam as suas religiões, estarão se curvando perante o Templo de Salomão, porque esse templo aí não foi uma ideia pessoal, não nasceu dentro de mim. Ela veio do Alto, ela veio do Espírito Santo, ela veio do Trono de Deus.”

(Edir Macedo em seu programa de Rádio, sobre o Templo de Salomão)

"O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo o Senhor dos Céus e da Terra, não habita em templos feitos por mãos de homens. Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa, pois Ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração, e todas as outras coisas."

(Atos dos Apóstolos, 17:24-25)

“Você tem que chegar e se impor. Tem que mostrar (ao fiel) que se quiser ajudar *amém*, se não quiser ajudar, Deus vai arrumar outra pessoa a ajudar. Entendeu como é que é? Se não quiser que se dane. *Ou dá ou desce*. [...] Tem aqueles que são tradicionais e dizem ‘esse aí vai ser um falso profeta’. Tem outros que dizem ‘há quanto tempo eu queria isso’. Esse vai ficar do nosso lado, esse vai (dizer) ‘é isso mesmo’, e põe tudo lá. Então ele vai ser abençoado.”

(Edir Macedo, no vídeo em que ensina a pastores da Universal como pedir doações durante os cultos)

“E assim como houve entre o povo falsos profetas, também haverá entre vós falsos mestres, que introduzirão, dissimuladamente, doutrinas corrompidas, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos a repentina perdição. Muitos seguirão as suas palavras, e por causa deles, será difamado o caminho da Verdade. E por amor ao dinheiro, farão de vós objeto de negócio com palavras fingidas. Todavia, sua condenação desde há muito tempo paira sobre eles, e sua ruína já está em processo.”

(Segunda Carta de Pedro, 2:1-3)

Para Edir Macedo.

Porque sem a sua visão não existiria este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Os primeiros agradecimentos vão sempre às pessoas mais queridas, então devo começar por minha mãe, Eliane Vilaça, que sempre me apoiou em tudo, do início ao fim, em todos os meus sonhos e projetos. Ao meu pai, Ariosto Costa, que sempre incentivou meus estudos. À minha avó, Alaíde Vilaça, que na vitalidade dos seus 103 anos, continua me acompanhando em tudo, desde o berço. E à Andreza Soares, minha namorada, que acompanha minhas aventuras acadêmicas desde a graduação. Obrigado por tudo: Pelos momentos, pelos conselhos, por acreditar no meu potencial e por sempre querer estar ao meu lado.

Aos meus colegas das Ciências da Religião: Ricardo Gomes, Adriana Figueirêdo, Karina Bezerra, Geraldo Araújo, Mailson Cabral, Max Rodrigues, Fernando Rodrigues, Diogo Gonçalves, Constantino Bezerra, Arthur Tavares (Peregrino), Luiz Carlos Pacheco (Luca), Izaías Torquato, Alexandre L'Omi L'Odó, Eunaide Monteiro, Edjane Paixão, Raquel Lucena, Regina Gouveia, Valdir Melo, e tantos outros que contribuíram de alguma forma durante o Mestrado.

Aos meus amigos de colégio e faculdade: Henrique Guerra, Alexandre Agra, Carlos Pinheiro, Thiago Sial, Gustavo Semaan, Igor Ferraz, Guilherme Barros, Guilherme Guimarães, Lucas Teixeira, Rodrigo Caruso, Wallace Dias. E às minhas amigas: Luciana Garrett, Rafaela Valadares, Izabella Lins, Nataly Regina, Ana Carolina Galvão, Camila Chagas, Maria Eduarda Mello e Paula Serpa. E a tantas outras pessoas que não cabem nessas linhas, mas que foram importantes nos últimos anos.

Aos funcionários da Unicap, em especial, Alessandro, ascensorista, e às recepcionistas do Bloco G4 Bianca e Ivanise. Aos funcionários da Biblioteca e, em especial, da Coordenação da Pós-Graduação, Danielle, Sérgio, Eliene, Nicéas e a todos os outros, pela presteza e por me ajudarem todas às vezes que precisei.

Aos meus “mestres doutores” que me ajudaram nessa caminhada das mais diversas formas. Ao Prof. Dr. Newton Cabral, que sempre me deu conselhos valiosos e insistiu para que eu continuasse com esta pesquisa pertinente. Você sempre terá minha gratidão.

Ao Prof. Dr. e Padre católico romano Luiz Alencar Libório, que fez as devidas correções no início deste trabalho, e que sem elas, ele não poderia ser concluído.

Ao Prof. Dr. Drance Elias, que foi fundamental para o andamento desta pesquisa e sua metodologia. Ao Prof. Dr. Gilbraz Aragão, que sempre me indicou os melhores materiais de estudo, desde o início do curso, e sei que indicará ainda muito mais. Ao Prof. Dr. João Luiz, pelas aulas sobre o Jesus Histórico, que me ajudaram a compor muito do que está nesta Dissertação.

E ao Prof. Dr. José Tadeu, que além de me acompanhar desde o meu primeiro período da graduação em Direito, aceitou o desafio desta orientação. Obrigado pelos longos anos dessa amizade, pelas conversas formais e informais, e pelas colocações, provocações e orientações sempre pertinentes, que continuam a contribuir até hoje no meu gosto pela Filosofia e pelos estudos sobre Religião.

Também gostaria de agradecer ao Prof. Dr. e Padre ortodoxo Alex Peña-Alfaro, pela disponibilidade para conversar comigo, por suas orientações, e também pela publicação de seu livro/Tese de Doutorado *Ou dá o Dízimo ou Desce ao Inferno*, que foi uma das minhas primeiras descobertas e principais leituras quando entrei na Unicap em 2009, e que posteriormente moveu meu interesse a pesquisar sobre o tema “Igreja Universal” no Mestrado. E à Profa. Dra. Karla Patriota, pela disponibilidade e orientação, ambas fundamentais na reta final deste trabalho.

Aos sermões dominicais de Gustavo Oliveira, Reverendo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, que desde julho de 2016 contribuíram para as reflexões desta pesquisa, me inspirando a buscar o verdadeiro e simples sentido do Evangelho. E aos Reverendos da IEAB Eduardo Henrique e Rose Cunha, e Mark Jones, Reverendo da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, que se tornaram meus “orientadores na Fé”, desde que iniciei minha caminhada no Anglicanismo.

Por fim, é “digno e justo” agradecer Àquele que me guiou e ajudou a superar todas as dificuldades, as noites mal dormidas, as dúvidas corriqueiras e os problemas que apareceram no meio do caminho. Agradeço a Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo, por tudo o que tem feito e por ter me ajudado a chegar até aqui.

IC XC NIKA

(Jesus Cristo vence)

RESUMO

A construção do *Templo de Salomão* – intitulado neste trabalho como *Novo Templo de Salomão* – foi anunciada no ano de 2010, pelo Bispo Edir Macedo, como um grandioso projeto a ser realizado na cidade de São Paulo pela Igreja Universal do Reino de Deus. Desde a sua inauguração, no ano de 2014, notou-se que, além de uma *judaização* da estética aplicada a este espaço sagrado – com a utilização de objetos, paramentos e decoração com motivos judaicos –, a *práxis* iurdiana passou por mudanças substanciais, que incluem aspectos doutrinários, discursivos, litúrgicos, arquitetônicos e simbólicos, que afetaram todos os templos da denominação. Tais mudanças refletem diretamente o sentido que a IURD está tentando construir em torno dos elementos que constituem o seu novo santuário. As origens, os motivos e o modo como se dá esse processo de resignificação da simbologia judaica, realizado pela Universal, é o cerne para se compreender o que está por trás desse empreendimento único no mundo, que foi escolhido como objeto de estudo deste trabalho. O intuito desta pesquisa é mostrar que, além de ser um megatemplo construído na capital paulista e o símbolo máximo de poder da denominação fundada por Edir Macedo, o Novo Templo de Salomão se constitui em um projeto de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus para os próximos anos.

Palavras-chave: Novo Templo de Salomão; Igreja Universal do Reino de Deus; Bispo Edir Macedo; Simbologia judaica; Neopentecostalismo; Igrejas evangélicas no Brasil.

ABSTRACT

The construction of the Temple of Solomon - in this work named as New Temple of Solomon - was announced in 2010 by Bishop Edir Macedo as a great project to be held in São Paulo City by the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG). Since its birth in 2014, in addition to a “conversion” of its aesthetics (or appearance) applied in this sacred space – with the use of objects, vestments and decoration with Jewish motifs –, the UCKG praxis underwent substantial changes; which include doctrinal, discursive, liturgical, architectural, and symbolic aspects that affected all temples from this denomination. Such changes directly reflect the sense that the UCKG is trying to build around the elements that constitute its new sanctuary. The origins, motives and the way in which this process of resignification of the Jewish symbolism, realized by the Universal, is the core to understand what is behind this unique enterprise in world, that was chosen like the main study object of this work. The purpose of this research is to show that, besides being a mega temple built in the capital of the homonymous state of São Paulo and the maximum symbol of power of the denomination founded by Edir Macedo, the New Temple of Solomon is an expansion project from Universal Church of the Kingdom of God for the next years.

Key words: New Temple of Solomon; Universal Church of the Kingdom of God; Bishop Edir Macedo; Jewish symbolism; Neo-charismatic movement in Brazil; Evangelical churches in Brazil.

ABREVIATURAS

AD – Assembleia de Deus

ADVEC – Assembleia de Deus Vitória em Cristo

AEVB – Associação Evangélica Brasileira

CCB – Congregação Cristã no Brasil

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNPB – Conselho Nacional de Pastores do Brasil

FEREDE – Entidades Religiosas Evangélicas da Espanha

IAPTD – Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICAR – Igreja Católica Apostólica Romana

IEI – Igrejas Evangélicas Independentes

IIGD – Igreja Internacional da Graça de Deus

IMPD – Igreja Mundial do Poder de Deus

IPDA – Igreja Pentecostal Deus é Amor

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

NTS – Novo Templo de Salomão

PRB – Partido Republicano Brasileiro

RCC – Renovação Carismática Católica

VINDE – Visão Nacional de Evangelização

UCKG – Universal Church of the Kingdom of God

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Censos 1970-2010	43
Quadro 2 – Instituições religiosas em torno do Templo de Salomão	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. NEM ANJOS NEM DEMÔNIOS: O nascimento e expansão da IURD	17
1.1. Descobrimdo a vocação	21
1.2. A fundação: A breve parceria de Edir Macedo com R. R. Soares	23
1.3. Anos 80 e 90: Os anos de ouro	29
1.4. Problemas e superações	35
2. O DIABO NO REINO DE DEUS: A concorrência neopentecostal	41
2.1. O crescimento evangélico no Brasil	42
2.2. O caso de São Paulo: A concentração de Igrejas no bairro do Brás	48
2.3. A lógica do megatemplo dentro do Neopentecostalismo	54
2.4. Um projeto monumental e irregular	60
3. TEATRO, TEMPLO E MERCADO: O Novo Templo de Salomão	69
3.1. A inauguração	73
3.2. O Templo	76
3.3. Jardim Bíblico, Memorial e Tabernáculo	83
3.4. Infraestrutura e acomodações	87
4. DO CORETO AO TEMPLO DE SALOMÃO: O projeto de Edir Macedo	92
4.1. O significado do Templo para o Judaísmo e o Cristianismo	94
4.2. Da Cruz à Estrela de Davi	103
4.3. A resignificação da simbologia judaica pela IURD	116
4.4. Para onde caminham a Igreja Universal e o Neopentecostalismo?	131
CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS	143
ANEXOS	155

INTRODUÇÃO

Fundada em 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus é uma das maiores Igrejas evangélicas do Brasil. De orientação cristã neopentecostal, a Universal, como assim é conhecida popularmente, também está presente em diversos países. Considerada como um “grande movimento religioso” pelo seu fundador, o Bispo Edir Macedo, a Universal pode ser considerada como um marco do Neopentecostalismo brasileiro, destacando-se das demais denominações cristãs tanto pela sua distinta expansão, quanto por suas práticas, geralmente criticadas pelas demais Igrejas.

Uma das palavras-chave que identificam a Igreja Universal é a Teologia da Prosperidade, uma doutrina cristã que, dentre outros pontos, defende que o crescimento financeiro é não só uma benção, mas também um projeto de Deus para o fiel, que através da fé, de uma atitude positiva em relação à vida e doações para as suas respectivas igrejas, poderão garantir sua riqueza neste mundo. A fé, neste caso, toma um papel central na vida do fiel, que sem ela, nada poderá alcançar, mesmo cumprindo com essa série de “pactos” com Deus, estabelecidos durante os cultos. Juntamente com a adoção da Teologia da Prosperidade, a teologia da Universal centra-se num confronto direto com o Mal, personificado essencialmente pelo Diabo, que segundo sua doutrina, é o centro e causa de todos os males que possam afetar a vida do fiel. A partir dessa doutrina se destrinham todos os rituais voltados para a “libertação” desse Mal.

No meio evangélico sua infraestrutura pode ser comparada às suntuosas propriedades que a Igreja Católica possui. Conhecida por seus megatemplos, megacampanhas, e mega-concentrações-de-fé, a Igreja Universal é, sem dúvida, uma das primeiras referências quando se pensa em televangelismo, com sua programação sempre presente nos canais televisivos do país. Isso se deve, em especial, ao maciço investimento realizado ao longo de sua existência em diversos meios de comunicações, os quais se destacam a rede de rádio Aleluia, o jornal Folha Universal, a editora Unipro, a Line Records, gravadora da Igreja, voltada para a música do gênero *Gospel*.

Mas de todos estes investimentos, o que mais se destaca entre eles, sem dúvida, é a Rede Record de televisão, que no final da década de 80, pertencia a um grupo formado pelos empresários Paulo Machado de Carvalho e Silvio Santos. Com

a compra pela Universal, esta emissora tornou-se a maior concorrente da Rede Globo nos dias atuais.

Mesmo aqueles que acompanharam o crescimento dessa instituição, que iniciou suas atividades com as inflamadas pregações do Bispo Edir Macedo no humilde Coreto da Praça Jardim do Méier, na zona norte do Rio de Janeiro, jamais podiam imaginar que em julho de 2014, a IURD inauguraria não só sua mais nova sede, como também um verdadeiro marco de poder – real e simbólico –, bem no coração da cidade de São Paulo, com a construção do novo santuário iurdiano. A nova sede mundial tornou-se não somente o símbolo dessa nova era da Universal, como também um ponto-chave para se compreender os planos e estratégias que se desenvolvem na instituição.

Cada detalhe, cada pedra, cada metro quadrado do Templo de Salomão, não foi pensado por acaso, possuindo todo um significado para a IURD, e também para o mundo cristão. Como consequência, a Universal conseguiu os holofotes não só do Brasil, como de outros países, marcando o início de uma nova era – não menos conturbada –, em que, a Igreja busca definir seu lugar no mapa evangélico brasileiro, no qual ela esteve severamente ameaçada nos últimos anos por outras denominações, como a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), liderada pelo Apóstolo Valdemiro Santiago; a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD), do Apóstolo Agenor Duque; a Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), do Pastor Silas Malafaia; e a própria Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), do cofundador da Igreja Universal e cunhado de Edir Macedo, o Missionário R. R. Soares.

Entre as suas demonstrações de fé e poder e as controvérsias que a envolvem, a atual momento da Universal é digno de um estudo voltado para o âmbito das Ciências da Religião, uma vez que regularmente ela marca sua presença nos noticiários do país, bem como na política, com destaque para o projeto do Partido Republicano Brasileiro (PRB), partido político nacional cujos dirigentes, em sua maioria, são ligados às cúpulas da IURD.

É inegável que a atuação da Igreja, baseada na Teologia da Prosperidade, bem como o trabalho de evangelismo desenvolvido no Brasil e mundo afora, contribuíram consideravelmente para a expansão da Igreja Universal. Mas essa questão não é tão simples de se responder. A Igreja Universal do Reino de Deus

não é uma simples igreja neopentecostal. Do mesmo modo, é muito mais do que um “movimento religioso”, segundo as palavras de seu fundador. Ela é um fenômeno cristão genuinamente brasileiro, e moldada para uma sociedade pós-moderna. A IURD que se apresenta nos dias atuais possui um perfil diferente da Igreja de alguns anos atrás. A IURD, enquanto instituição, passou por um verdadeiro *upgrade*, uma atualização de seus discursos, símbolos, e atuação no Mercado evangélico brasileiro. Essa atualização reflete a dinâmica das grandes igrejas evangélicas em um mundo globalizado e altamente concorrente.

Este trabalho teve início com pesquisas e observações despretensiosas da programação televisiva noturna da Igreja Universal, após a construção do Novo Templo de Salomão. Foi a partir desta prática que surgiram as primeiras reflexões deste estudo, uma vez que foi notada uma diferença substancial do antigo modelo de pregação e transmissão dos cultos, que agora giram em torno do que o novo santuário significa para a instituição.

Posteriormente, no início de 2015, foram realizadas algumas visitas à sede da Igreja Universal em Recife, localizada na Av. Cruz Cabugá, nº 141, nas quais observei como a construção da nova sede da Igreja havia repercutido nas suas demais unidades. Com meu ingresso no Mestrado em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco, abriu-se a oportunidade de se estudar tal fenômeno, e dessa forma, tomei minha decisão de levar adiante este projeto.

Uma das motivações pessoais para este empreendimento, também diz respeito à minha descendência dos judeus, que, aliada à minha viagem a Israel – realizada em 2015 –, reforçou o desejo de que se precisava estudar o como e o porquê de muitas Igrejas evangélicas no Brasil estarem se revestindo da identidade judaica, apropriando-se de seus símbolos, e ressignificando-os ao ponto de uma instituição como a Igreja Universal reproduzir em grandes proporções o símbolo máximo do sistema judaico de crenças, rituais e organização social, que está encerrado no antigo Templo de Jerusalém.

O método utilizado será o da Análise de Conteúdo. De acordo com Roberto Richardson (1989), embora o método quantitativo seja diferente do qualitativo, este pode fazer uso daquele, utilizando-se de dados estatísticos para a análise do problema, medindo e quantificando de forma pontual os objetos estudados. Por isso, além dos instrumentos bibliográficos, também serão utilizados dados do Censo de

2010 do IBGE e outras pesquisas numéricas relativas aos templos da IURD e de outras denominações neopentecostais. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, está incluída a utilização de fontes que não podem ser expressas em palavras, por isso, além da bibliografia, serão apresentadas imagens e fotografias do Templo de Salomão como parte dos anexos que servirão para fundamentar este estudo. E para a análise do seu objeto de estudo, este trabalho lançará mão do método da etnografia digital. Como parte do material de análise desta pesquisa, também serão disponibilizadas nos Anexos, imagens oficiais dos ambientes do santuário.

Mas como delimitar o estudo sobre uma instituição tão abrangente em história, práticas, doutrinas e elementos constitutivos como a Igreja Universal? Ante a este desafio, tomaremos como objeto de estudo o Novo Templo de Salomão¹, inaugurado em 2014, no coração do bairro do Brás, em São Paulo.

No primeiro capítulo deste trabalho será traçada uma linha histórica, com a vida e motivações de Edir Macedo, e a trajetória da Igreja Universal, bem como seus primeiros anos de atuação, expansão pelo mundo, e consolidação na década de 80 e 90.

No segundo capítulo serão levantadas as razões que levaram à crise da Universal, com sua perda de fiéis, ocorrida a partir dos anos 2000, com o crescimento da população evangélica no país. Será realizado um estudo sobre o bairro do Brás, em São Paulo, onde se localiza a nova sede da IURD, para apontar as razões que levaram à escolha dessa região. Frente a esses problemas enfrentados, serão apresentadas as motivações que levaram a Igrejas como a Universal – e outras denominações pentecostais e neopentecostais – a construir megatemplos em grandes cidades do Brasil. Fechando o capítulo, será mostrado como se deu o anúncio e construção do Novo Templo de Salomão, e como este fato se constitui na primeira parte do projeto de expansão da IURD.

No terceiro capítulo, será desenvolvida uma análise da arquitetura, símbolos, e ambientes que configuram a nova sede da IURD, evidenciando as diferenças, similaridades e particularidades entre o antigo santuário de Jerusalém (Primeiro e Segundo Templo) e o santuário da cidade de São Paulo.

¹ Também abreviado como NTS, esta é a terminologia utilizada por Carlos Barbosa (2015) para se referir ao santuário iurdiano, e que a partir de agora também será usada neste trabalho.

Por fim, no quarto capítulo, será apresentado um estudo sobre o trânsito entre a simbologia cristã e a simbologia judaica, que passou a ser adotada por Igrejas neopentecostais brasileiras, a partir do uso da Semiótica. Como base para essa análise, se buscará compreender a função do Templo para o Judaísmo das Eras salomônica e herodiana, e seu significado após a ascensão do Cristianismo, bem como o processo gradual de apropriação da simbologia judaica pelas Igrejas evangélicas. Com isso, se pretenderá mostrar quais são os objetivos que estão por trás da ressignificação da imagem, símbolos e identidade da Igreja Universal do Reino de Deus.

Como proposta deste trabalho, buscaremos mostrar por quais razões o Templo de Salomão é um projeto de expansão da IURD para o Brasil e também para o mundo. Visto isso, algumas questões podem ser levantadas para servir de ponto de partida para este estudo. O que está por trás da concepção do Novo Templo de Salomão, a nova e definitiva megassede da Igreja Universal? Que projeto religioso e/ou mercadológico está por trás dessa iniciativa? E o que levou a IURD a levar a cabo este empreendimento tão polêmico e oneroso? É o que buscaremos responder nos capítulos seguintes.

1. NEM ANJOS NEM DEMÔNIOS²: O nascimento e expansão da IURD

“[...] Ele realiza maravilhas insondáveis, milagres que não se pode contar”.
Livro de Jó, 5:9.

A Igreja Universal do Reino de Deus tem origem no movimento neopentecostal brasileiro, o qual deriva do movimento Pentecostal surgido no século XIX, nos Estados Unidos. Devido a diversos fatores, que veremos mais a frente, este movimento rapidamente se espalhou pela América Latina, ganhando destaque principalmente no Brasil, tornando-se um dos movimentos religiosos mais bem-sucedidos atualmente.

As origens do Pentecostalismo, segundo seus adeptos, têm suas bases teológicas e doutrinárias firmadas nos primórdios da Igreja Cristã, tal como atesta Paul Freston.

O pentecostalismo toma o nome do incidente que está na origem da Igreja cristã, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, e se vê como um retorno às origens. Não é por acaso que as histórias domésticas se concentram nas origens (épicas) da denominação (apud ANTONIAZZI et. al., 1994, p. 69).

Essa suposta ligação com o Dia de Pentecostes, celebrado pelos apóstolos,³ busca afirmar primeiramente que, a existência de tais Igrejas do movimento, estaria alinhado com as doutrinas, a ética, e as práticas da Igreja Cristã Primitiva. Esse alinhamento se daria por meio da presença e atuação constante do Espírito Santo,

² ANTONIAZZI, Alberto et. al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

³ Pentecostes é o termo grego que designa a festa judaica que celebra a entrega da Lei por Deus a Moisés no Monte Sinai, cinquenta dias depois do êxodo do Egito (Livro do Êxodo, 23:14-17; 34:18-23). Em hebraico é chamada de vários nomes: *Hag Ha-Qasir* (Festa da Colheita), *Hag Ha-Shavuot* (Festa das Semanas), *Yom Ha-Bikkurim* (Dia das Primícias dos Frutos).

tal como, de acordo com as narrativas bíblicas, aconteceu após a Morte, Ressurreição e Ascensão de Jesus.

Já quando estudamos o Pentecostalismo no Brasil, sua conceituação não é algo tão simples. Estudiosos do fenômeno neopentecostal o definem e o classificam dentro do campo religioso brasileiro de diversas maneiras, se valendo, principalmente da linhagem histórica da chegada dos fundadores que vieram do exterior, ou da antiguidade dos movimentos. Pesquisadores como Paul Freston classificam o fenômeno do pentecostalismo brasileiro nas chamadas “três ondas”, que será utilizado neste trabalho como método de classificação mais satisfatório.

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois as suas rivais (vindas do exterior, como a Igreja de Deus, ou de cismas da Assembleia, como a Igreja de Cristo) são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a Assembleia se expande geograficamente nesse período como a Igreja protestante nacional por excelência. Em alguns Estados do Norte, o protestantismo praticamente se reduz a ela. Para todos os efeitos a única grande igreja protestante a implantar-se e irradiar-se fora do eixo Rio-São Paulo, a Assembleia firmou, nas primeiras décadas, uma presença nos pontos de *saída* do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: A Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é *paulista*. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus, e outro grupo expressivo é a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. O contexto é fundamentalmente *carioca* (apud ANTONIAZZI et. al., 1994, pp. 70-71).

O termo “Terceira Onda” utilizado por Freston, é o que hoje chamamos de Novo Pentecostalismo ou Neopentecostalismo. A característica principal desse movimento é o sectarismo,⁴ que rompe institucional, doutrinária e ritualisticamente com o modelo clássico que vem diretamente das primeiras Igrejas pentecostais – Assembleias de Deus e Congregação Cristã no Brasil (CCB), e que passa a ser considerado pelos adeptos do novo movimento como “conservador” e “ultrapassado” frente às novas demandas da fé, dando assim, origem a essa “Terceira Onda”.

⁴ Aqui se utiliza o termo *seita* enquanto grupo religioso que rompeu e/ou derivou de outro anterior, rejeitando-se o sentido pejorativo comumente difundido pela mídia e pelas demais denominações cristãs.

A terceira fase do movimento pentecostal, iniciada nos anos de 1970, com grande projeção nas duas décadas seguintes, foi marcada por algumas diferenças significativas no perfil das igrejas surgidas e práticas adotadas, o que lhe valeu a classificação de “neopentecostal”. Pelo acréscimo do prefixo latino “neo”, pretendeu-se expressar algumas ênfases que as igrejas identificadas nessa fase assumiram em relação ao campo do qual, em geral, faziam parte: abandono (ou abrandamento) do asceticismo, valorização do pragmatismo, utilização de gestão empresarial na condução dos templos, ênfase na teologia da prosperidade, utilização da mídia para o trabalho de proselitismo em massa e de propaganda religiosa (por isso chamadas de “igrejas eletrônicas”) e centralidade da teologia na batalha espiritual contra as outras denominações religiosas, sobretudo as afro-brasileiras e o espiritismo (In: TEIXEIRA; MENEZES (Orgs.), 2006, p. 208).

Por muitas vezes essa classificação de Freston é criticada pelo fato de existir um limiar muito tênue entre as características doutrinárias e práticas das Igrejas da “segunda” com as da “terceira onda”, como frisa o estudioso do ramo Leonildo Campos.

Além da Igreja do Evangelho Quadrangular (Cruzada nacional de Evangelização), as igrejas fundadas por Manoel de Melo, Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo”, e David Martins de Miranda, Igreja Pentecostal “Deus é Amor”, já trazem em si muitas características desenvolvidas posteriormente pelas igrejas de “terceira onda”, principalmente a Igreja Universal do Reino de Deus. Ao modelo tricotomista de Freston, podemos contrapor os modelos dualistas de tipologias propostas por Mendonça [...] e pelo grupo articulado ao redor do CEDI, no sentido de que o “pentecostalismo clássico” é colocado em oposição a uma situação nova, que, para Mendonça, parece ser um “pentecostalismo de cura divina” e, para o grupo do CEDI [...] um “pentecostalismo autônomo” (CAMPOS, 1999. p. 51).

Outra característica importante do Neopentecostalismo brasileiro é que seus membros são reconhecidos por um título diferente dos fiéis dos Estados Unidos. Lá, os cristãos dissidentes de denominações pentecostais são designados como “carismáticos”. No entanto, aqui este termo não vingou, sendo utilizado para designar os membros da Renovação Carismática Católica (RCC), que já estava em expansão pelo país desde a década de 70.⁵

⁵ Assim como o Pentecostalismo, a Renovação Carismática Católica tem origem nos Estados Unidos, na década de 60, sendo claramente influenciado pela mística pentecostal, com sua ênfase na oração, na interpretação literal da Bíblia, na prática do louvor e no fervor religioso como características latentes. No Brasil, a RCC tem origem na cidade de Campinas, através dos padres norte-americanos Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty, que tiveram contato com o movimento nos Estados Unidos. Outras lideranças católicas importantes deste período são os padres Daniel Kiakarski, Clemente Krug, e Jonas Abib, fundador da Canção Nova.

O Neopentecostalismo é chamado de novo pentecostalismo no Brasil por diferir em muito das características das igrejas de primeira e segunda onda. Ricardo Mariano não se aborrece em usar o termo neopentecostais. Esse termo já tem se consolidado ao tratar desse assunto na sociologia da religião e quase não corre o risco mais de ser confundido com movimentos norte-americanos, visto que atualmente nos EUA os dissidentes pentecostais de igrejas protestantes são denominados carismáticos. Essa terceira onda aparece em meados dos anos 70 e 80 com o surgimento da igreja Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus, além das igrejas Renascer em Cristo e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. Os neopentecostais, contrariamente aos pentecostais das primeiras ondas, promoveram grande liberdade quanto às representações em torno do corpo, exacerbaram a guerra contra o diabo, aderiram e acentuaram a pregação da Teologia da Prosperidade – de que se deve usufruir dos bens que Deus reservou aos seus filhos ainda na terra (ROSAS, 2009, pp. 2-3).

Por outro lado, há autores como Paulo Siepierski que contestam a utilização do conceito de Neopentecostalismo para designar o grupo de Igrejas que surgiram a partir da Igreja Universal. Segundo sua tese, a utilização do prefixo grego *neo*, estaria relacionada à noção de continuidade da tradição pentecostal. No entanto, para o autor, o correto seria utilizar o termo Pós-pentecostalismo, pois tais denominações se afastam cada vez mais das crenças e práticas dos pentecostais.

Assim, o pós-pentecostalismo é um afastamento do pentecostalismo tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual. Os traços característicos incluem uma mistura deliberada de religiosidade popular, a utilização autoconsciente de estilos e convenções anteriores, a construção de estruturas comerciais, o abandono dos sinais externos de santidade e frequentemente a incorporação de imagens relacionadas com o consumismo e a comunicação de massa da sociedade pós-industrial do final do século 20. Seu objetivo declarado é estabelecer uma nova cristandade através da atividade política”. (SIEPIERSKI, 1997, p. 51).

Da mesma forma, Leonildo Campos aponta que tais características doutrinárias de Igrejas como a Universal, poderiam defini-la, não como um ramo do Pentecostalismo, mas como parte de um movimento religioso distinto, com características que vão além do Pentecostalismo e do Protestantismo.

Há quem pergunte: seria pós-pentecostal e pós-protestante a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)? Nessa trilha Mendonça tem caminhado, apontando para o desaparecimento do Neopentecostalismo alguns traços doutrinários protestantes, assim como a assimilação de marcas, linguagens e visão de mundo, oriundos do catolicismo e do espiritismo, mantendo-se no conjunto a trilogia de Camargo: Católicos, Protestantes, Espírita (In: SOUZA; MARTINO (Orgs.), 2004, p. 121).

Mas, superando a divergência de conceituação apresentada por diversos pesquisadores⁶, é fato que dentro desse cenário – de uma Terceira Onda, ou de um pós-pentecostalismo –, de trânsito religioso entre as práticas oriundas do modelo de pentecostalismo importado dos Estados Unidos e o sincretismo de elementos da religiosidade brasileira –, que nasce a Igreja Universal do Reino de Deus, organizada por Edir Macedo Bezerra, hoje conhecido como Bispo Macedo.

1.1. Descobrindo a vocação

Edir Macedo nasceu em 18 de fevereiro de 1945 na cidade fluminense de Rio das Flores, estado do Rio de Janeiro. Filho de pais alagoanos, Henrique Francisco Bezerra (comerciante) e Eugênia Macedo Bezerra (dona de casa), ambos católicos praticantes, Edir foi o quarto filho sobrevivente de muitas gestações que não deram certo, tal como ele relata na sua autobiografia *Nada a Perder* (MACEDO, 2014). Em 1963, aos 17 anos, após concluir o ginásio (atual Ensino Médio) e conseguiu um emprego na Loterj, a loteria do estado do Rio de Janeiro. No entanto, sua carreira no serviço público, não durou muito, quando em 1981, pediu demissão.

O primeiro contato de Edir Macedo com o pentecostalismo foi através de sua irmã, Elcy, que então se encontrava afligida por uma bronquite asmática. De acordo com o primeiro volume da autobiografia do Bispo, devido à doença, sua irmã passava a madrugada em claro, ouvindo a programação do rádio, no qual havia a programação do pastor Robert McAlister, o líder da Igreja Nova Vida. Segundo Macedo, ao acompanhar as orações pela madrugada, sua irmã ficou curada, passando também a acompanhar os cultos da denominação, se convertendo à fé cristã.

Conforme firmava-se na nova crença, Elcy passou a falar com regularidade da Bíblia em casa. As palavras dela me tocaram. Passei a tentar compreender alguns trechos do Texto Sagrado, mas enfrentava enormes dificuldades. Tudo parecia complicado. As simbologias, os nomes, as expressões e até as mensagens espirituais mais simples tornavam-se um quebra-cabeça indecifrável. Nada era familiar para mim. Então entendi que

⁶ Ari Pedro Oro em sua obra *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé* (2001) cita a diversidade de nomenclaturas utilizadas para Igrejas que fazem parte desse grupo, as quais já foram designadas como “agência de cura divina” (MONTEIRO, 1979), “sindicato dos mágicos” (JARDILINO, 1994), “pentecostalismo autônomo” (BITTENCOURT, 1994), “pentecostalismo de segunda e terceira ondas” (FREESTON, 1994), “neopentecostalismo” (MARIANO, 1995), e “pós-pentecostalismo” (SIEPIERSKI 1997).

poderia conhecer mais dos mistérios da Bíblia se participasse dos cultos com minha irmã. Foi quando entrei pela primeira vez na Nova Vida. Desde esse dia, passei a ir sempre às noites de quarta-feira e às manhãs de domingo na sede da ABI, onde se reuniam cerca de 500 pessoas. Eu estava exatamente com 18 anos (MACEDO, 2014, p. 66).

Esse contato com a Nova Vida seria o ponto crítico para a conversão definitiva da fé e da visão de mundo de Edir, que iria influenciar a fundação da Universal. O maior líder do Neopentecostalismo brasileiro, como dito anteriormente, havia nascido em berço católico. No entanto, por influência de sua irmã, frequentou ao longo de sua vida centros de Umbanda e espíritas na tentativa de se curar de sua doença, algo que marcaria a doutrina desenvolvida na IURD, devido às suas experiências negativa nestas religiões, tal como ele explicita na sua autobiografia.

Junto com o ingresso de Macedo na Nova Vida veio seu casamento com Ester Eunice Rangel Bezerra, membro da denominação. Esta união contribuiu para o aumento de sua frequência nos cultos, posteriormente vindo também a ajudar na construção do perfil de líder carismático, transformando para sempre a vida do tímido jovem de Rio das Flores.

É inegável que o discurso inflamado, pautado nas pregações tradicionais do pentecostalismo, ramo ao qual pertencia a Igreja Nova Vida, teve um peso decisivo no carisma de Macedo – que frequentou a Igreja de 1963 a 1975. No entanto, foram os cursos de Matemática na Universidade Federal Fluminense e o curso de Estatística na Escola Nacional de Ciências e Estatística – ambos nunca conclusos – que definiram suas habilidades enquanto empreendedor e administrador, na expansão futura da Igreja Universal.

Se a formação acadêmica de Macedo lhe dá méritos, o mesmo não pode ser dito sobre sua formação enquanto teólogo, requisito essencial para a atuação de alguém enquanto pastor de qualquer denominação. Diferente da primeira, esta é contestada por alguns estudiosos.

Sobre a formação teológica de Macedo segundo informações do site Arca Universal, de 19 de novembro de 2001, indica que obteve doutorados em Teologia pela Faculdade de Educação Teológica do Estado de S. Paulo (FATEBOM), e Mestre em Ciências Teológicas pela Federação Evangélica Espanhola (FEEDER), embora o pesquisador Mariano, 1999, afirma que estes diplomas nunca foram apresentados e a entidade espanhola tenha confirmado não possuir qualquer vínculo com Macedo (PEÑA-ALFARO, 2006, p. 71).

Se Macedo se formou ou não em Teologia pouco importa. A sua vocação e as qualidades de um pregador logo aflorariam, revelando o carisma de um homem capaz de movimentar e convencer multidões através de sua retórica. Desde o início essa foi a sua principal arma, e suas primeiras batalhas seriam vencidas justamente pelo poder da palavra e da Palavra, tanto fora, quanto dentro da Universal.

1.2. A fundação: A breve parceria de Edir Macedo com R. R. Soares

Se a Igreja Nova Vida foi fundamental para a vida pessoal de Edir Macedo, da mesma forma ela tem uma importância ímpar quando se fala das origens e influências do Neopentecostalismo brasileiro.

Funcionando como uma verdadeira escola para futuros líderes, esta Igreja lidava com fiéis muito mais cultos do que em outras denominações da “Segunda Onda” como a Quadrangular, Deus é Amor ou O Brasil para Cristo. Estes homens rapidamente absorveram o discurso positivista que viria a se tornar a principal característica psicológica das pregações das futuras Igrejas da “Terceira Onda”, sendo a pioneira a Universal. E uma das razões desse pioneirismo estava nas reformas eclesiais realizadas pelo bispo Robert McAlister.

O fundador canadense da Nova Vida, Robert McAlister, rompeu com a AD em 1960 para elaborar um pentecostalismo menos legalista e com um estilo calcado na incipiente renovação carismática norte-americana. Investiu muito na mídia. A organização era bastante centralizada e personalista. Foi a primeira igreja pentecostal a adotar o episcopado no Brasil; como estrangeiro influenciado pelo ecumenismo pragmático do movimento carismático, McAlister, conhecido como Bispo Roberto, teve a liberdade de introduzir esse traço mais “católico” (apud ANTONIAZZI et. al., 1994, p. 133).

Analisando o texto acima podemos perceber a tênue linha que de fato separa as características estruturais do Neopentecostalismo em relação à Renovação Carismática Católica. Embora façam parte de movimentos distintos, tanto o Neopentecostalismo quanto a RCC partilham desde suas origens, características e estilos de discursos em comum que estão presentes nos cultos. E isto fica ainda mais claro quando analisamos a pesada influência que o movimento carismático católico dos Estados Unidos teve (e ainda tem) sobre o movimento neopentecostal brasileiro.

Traçando uma linha temporal, podemos dizer que primeiramente o movimento pentecostal norte-americano influenciou a mística e a espiritualidade da RCC, que por sua vez, transferiu tais características para as lideranças que viriam a influenciar, formar e conduzir o processo de construção do movimento neopentecostal brasileiro.

No entanto, atualmente este processo se inverteu, e o que se percebe no atual momento vivido pela RCC no Brasil, é que alguns discursos utilizados pelas Igrejas neopentecostais estão sendo adaptados ao universo católico no louvor, na mística, e até no modo como se conduz a liturgia, de modo que, durante as homilias das missas estes discursos escancaram a dura realidade vivida pelos fiéis, sempre contrastando com o poder de transformação que Deus pode ter em suas vidas.

O apelo emocional às pessoas mais sensíveis e abalados pela sua realidade de vida é um estilo de discurso que desde o início esteve presente na Universal, sendo carregado para as novas Igrejas que foram posteriormente fundadas. Em outras palavras, no mundo do novo pentecostalismo nem mesmo esse discurso positivo – adotado pela Universal – é original, sendo uma adaptação do estilo comunicação utilizado por McAlister, tal como ele próprio descreveu.

Ela [a comunicação] começa no saguão de entrada com abraços e palavras de estima mútua. Ao entrar e esperar a hora do culto, os membros da família de Deus trocam experiências da semana, contando as bênçãos de uma cura recebida ou sobre um pedido de oração [...] No culto de domingo pela manhã acontece, neste lindo templo, a mesmíssima coisa que acontece nas igrejas pentecostais humildes, de madeira, nos bairros do subúrbio da mesma cidade. Como o salmista Davi, nós batemos palmas para comunicar a nossa alegria. O corpo começa a balançar. Uma fila de pessoas de braços dados fazem 'aquela dança' que não perturba quem entende esta expressão de gozo e prazer na presença de Deus..." (CAMPOS, 1999, p. 118)

Neste ponto, percebemos uma das razões do rompimento da Nova Vida com o pentecostalismo clássico. A rigidez da relação assembleia-culto foi totalmente quebrada por McAlister. Essa sacralização do templo e da assembleia era a regra nos cultos da Deus é Amor e na CCB, onde, por exemplo, homens e mulheres sentavam separados ou eram estabelecidos padrões de vestimentas específicos com o ideal da fé professada. Com a dessacralização de todos esses elementos, a Nova Vida deu o primeiro passo para uma nova modalidade de louvor, em que o cânon oficial é não ter cânon, e as relações do fiel com a divindade são medidos pela fé e não mais pelas regras da denominação.

Essa liberdade na condução do culto é uma das marcas principais do Neopentecostalismo, algo acentuado nos dias atuais. Ao mesmo tempo em que, esta quebra na estética da liturgia gerou fenômenos marcantes na mística neopentecostal, como por exemplo, o uso acentuado da glossolalia⁷ durante os cultos, tal libertação de padrões de culto aumentou a possibilidade de criar rupturas institucionais entre grupos que desejavam estabelecer seus padrões particulares. Da mesma forma, o processo de fundação da Universal seguiu essa fórmula, consequência do rompimento com a “rigidez” do pentecostalismo clássico, rompimento este iniciado pela Nova Vida.

Difícilmente uma religião surge a partir de um contexto original, ou sem protagonizar rompimento com outra. E no caso da Universal, essa característica se tornou uma espécie de marca (ou mácula) que é seguida até os dias de hoje pelas pequenas Igrejas pentecostais que surgem de um ramo maior, tal como atesta o pesquisador Carlos Brandão: “Se alguma coisa é realmente estável no mundo religioso essa coisa é a dialética de sua constituição, onde a Igreja conquista o sistema e gera a seita que vira Igreja que produz a dissidência” (BRANDÃO, 1980, p. 113). Ainda sobre as razões que levam um grupo religioso ao cisma, Carlos Calvani também reconhece que

O protestantismo sempre foi divisionista, desde a Reforma, devido à sua “baixa eclesiologia”. As Igrejas Ortodoxas e a Igreja de Roma apesar de também já terem experimentado alguns cismas, sempre tentaram (e conseguiram, em muitos casos), manter as diferenças “acomodadas” internamente. No protestantismo, a obsessão pela “verdade bíblica e doutrinária” ou pela “ortodoxia” sempre trouxe dificuldades para se manter diferenças doutrinárias ou teológicas sob o mesmo teto. Aos primeiros sinais de divergência, sempre pareceu mais fácil partir para o cisma ou a ruptura sem pesos na consciência (CALVANI; OLIVEIRA, 2012, pp. 227-228).

Antes da Universal, o grupo dissidente da Nova Vida fundou a Cruzada do Caminho Eterno, que serviu de igreja-estágio para os recém-consagrados pastores. O curto tempo de duração da Cruzada foi decisivo para os rumos que a Universal iria tomar. Foi na Cruzada que Edir Macedo teve sua primeira experiência enquanto administrador de uma igreja. Devido ao seu tempo de trabalho na Loterj, nada mais

⁷ Popularmente conhecido como o dom de falar em “línguas desconhecidas” quando se está em transe religioso. Na Bíblia, a glossolalia foi um dos fenômenos marcantes do episódio de Pentecostes, narrado em Atos, capítulo 2, quando os Apóstolos passaram a pregar o Evangelho em línguas que antes não falavam (estrangeiras), sob inspiração do Espírito Santo.

justo do que ele ficar responsável pela tesouraria da Igreja. Como veremos mais a frente, essa posição de tesoureiro modelaria o perfil do empreendedor religioso que até então estava oculto em Macedo. Em compensação, essa ocupação durante o tempo em que passou na Cruzada permitiria que a liderança pastoral da Universal fosse inicialmente exercida por Romildo Soares.

O rompimento com a Nova Vida não foi consequência de um embate teológico, mas, sobretudo, desse sentimento de independência que foi aflorado com esse novo estilo eclesial de ser. Com isso, os interesses pessoais do grupo liderado por Macedo e Soares vieram a tona, e o rompimento, que a este ponto era inevitável, se deu de forma pacífica. Se a Cruzada do Caminho Eterno surgiu do rompimento com a Nova Vida, a Universal foi consequência do rompimento com a Cruzada, dois anos após sua fundação. E foi nesse clima de independência, que aos poucos, foi se moldando o espírito da Universal. Nas palavras do próprio Edir Macedo:

A trajetória da Igreja Universal do Reino de Deus pode ser explicada por esse fundamento tão singular. Há 37 anos, quando reuníamos meia dúzia de homens e mulheres no velho Coreto, no subúrbio do Rio de Janeiro, ninguém poderia acreditar nas fronteiras que seriam rompidas pelo crescimento avassalador desta obra evangelística (MACEDO, 2014, p. 21)

Após o rompimento, as primeiras reuniões da Universal aconteciam no coreto da Praça do Jardim do Méier, zona norte do Rio de Janeiro, até que o grupo conseguisse o espaço físico para o seu primeiro templo. Neste meio tempo, o discurso inovador, porém não original de Macedo e seus companheiros, atraíam um grupo cada vez maior, que formaria o primeiro conglomerado de fiéis da Universal, posteriormente transferidos para a primeira sede da Igreja.

Foi fundada no Rio de Janeiro, em 9 de julho de 1977, numa pequena sala de uma ex-funerária, na rua da Abolição, nº 2792, num subúrbio da zona norte da cidade, por um grupo do qual faziam parte Edir Macedo Bezerra, Romildo Ribeiro Soares, Roberto Augusto Lopes, os irmãos Samuel e Fidelis Coutinho e Carlos Rodrigues (o ex-bispo Rodrigues). Estes haviam saído da igreja Nova Vida – fundada pelo missionário canadense Walter Robert McAlister, em agosto de 1960, no bairro de Botafogo –, grupo pentecostal do qual surgiram também, além da Universal, a Internacional da Graça (1980) e a Cristo Vive (1986), todas no Rio de Janeiro. O grupo decidira sair da Nova Vida após 12 anos, em 1975, fundando a sua própria igreja: a Cruzada do Caminho Eterno. Antes de abri-la, porém, Macedo e Romildo Soares, que nunca antes haviam exercido cargos eclesiásticos, foram consagrados pastores na Casa da Bênção, pelo missionário Cecílio

Carvalho Fernandes – que posteriormente saiu desta e fundou o Templo da Bênção, em 1991 (PEÑA-ALFARO, 2006, p. 69).

Como foi falado antes, o tempo em que Macedo passou como tesoureiro da Cruzada permitiu que a liderança do púlpito da IURD fosse assumida por Soares. Na realidade, desde o início da Universal a centralização do poder na figura de um líder era algo notável. Mas mesmo assim, essa característica da Universal era diferente do culto à personalidade dos pastores de outras Igrejas.

Isso pode ser percebido até mesmo nos símbolos utilizados desde o início da Universal. O clássico slogan “Jesus Cristo é o Senhor”, estampado em todas as IURDs do mundo, contrastando com o letreiro da “Deus é Amor”, que trazia ao lado da frase a foto do seu fundador, David Miranda, elevando-o a uma condição quase de um profeta/enviado de Deus, responsável pelas curas e milagres que se realizariam por meio dele.

Já na IURD o pastor atuava mais como um pregador do que propriamente um pastor-profeta – ideário que está cada vez mais reforçado nas pequenas igrejas neopentecostais de hoje em dia. Na IURD, agora o milagre vinha de Deus por meio da fé do indivíduo, e essa despersonalização da liderança fez toda a diferença, ao atrair um público que já estava cansado da autopromoção dos pastores das Igrejas pentecostais de primeira e segunda Onda.

No entanto, o que se observou foi que uma verdadeira batalha de cargos passou a se desenvolver dentro da Universal. Uma verdadeira centralização de poder interno tomou conta do grupo-fundador, e com as decisões, cada vez mais hegemônicas pelo estilo de administração-Macedo criou um clima de instabilidade institucional, gerando crises de relações entre os líderes, e ao longo do tempo, uma série de cisões que resultou em novas Igrejas e ministérios.

Esse processo de centralização de poder pôde ser observado, sobretudo, no rompimento de R. R. Soares com a Universal e a fundação da IIGD, como bem expõe Ricardo Mariano.

No princípio, o missionário Romildo Soares era o líder da Universal e seu principal pregador. Sua liderança, contudo, logo começou a ser atropelada pelo estilo autoritário e centralizador de Macedo, bem como por seu carisma, dinamismo e pragmatismo. Soares aos poucos foi perdendo terreno no controle da denominação para Macedo, seu cunhado, que adquiria crescente destaque entre fiéis e pastores da igreja por meio do programa (alugado inicialmente com doações de uma fiel curada na igreja)

de 15 minutos que apresentava na Rádio Metropolitana, do Rio. Em fins dos anos 70, os dois chegaram a um impasse. Macedo, então, para decidir qual deles permaneceria à frente da igreja, propôs que a disputa se resolvesse por meio de votação do presbitério. Macedo venceu o pleito. Soares, compensado financeiramente, desligou-se da Universal para fundar, em 1980, nos moldes da sua antecessora imediata, a Igreja Internacional da Graça de Deus (MARIANO, 2005, p. 56).

Com a gradual debandada, Edir Macedo se tornou o único fundador advindo da Nova Vida que continua até hoje na IURD. Lideranças atuais como o segundo na hierarquia da IURD, como o Bispo Romualdo Panceiro – o mais provável a suceder Macedo – e o Bispo Clodomir Santos, ingressaram na Igreja após sua fundação, onde cresceram lá dentro, se tornando homens de confiança de Macedo. Esse êxodo dos fundadores da Universal é explicado pelo pesquisador Paul Freston, que analisou o caso do último do grupo de fundadores a deixar a IURD, o Bispo Roberto Lopes.

O co-fundador que ficou mais tempo foi Roberto Augusto Lopes, filho de ferroviário e ex-jogador de futebol. Em 1981, Macedo e Lopes instituíram o episcopado na IURD, sagrando-se bispos mutuamente. Macedo sempre foi o líder geral e Lopes iniciou a igreja em São Paulo. Em 1986, este elegeu-se deputado federal constituinte. A indicação teria partido de Macedo. Poucos meses depois, porém, Lopes desligou-se da IURD. É difícil saber se sua saída se deu contra a vontade de Macedo, ou se este a provocou quando percebeu uma ameaça à sua liderança (apud ANTONIAZZI et. al., 1994, p. 134).

Com o início da década de 80, e com a consolidação da administração-Macedo à frente da Universal, a Igreja promove o que chamaremos aqui de “primeiro projeto de expansão”, que contempla inicialmente o crescimento da denominação pelo Brasil, sobretudo nas grandes metrópoles e centros econômicos do país, e posteriormente, sua expansão por países estratégicos.

Em 1980, Macedo instaurou o governo eclesiástico episcopal na IURD, no qual, a partir de então, a Igreja seria governada por bispos (porém, sem sucessão apostólica⁸), assumindo ele, o posto de bispo primaz e o cargo vitalício de

⁸ A sucessão apostólica é o nome que se dá para a linhagem de bispos de uma Igreja cristã, que pode ser traçada até os primeiros apóstolos. De acordo com as crenças da Igreja Católica Romana, a sucessão apostólica do Papa tem origem em Pedro. Outras Igrejas como a Ortodoxa, Anglicana e Igrejas Nacionais, não ligadas a Roma, também alegam possuir linhagens ininterruptas de sucessão. Do ponto de vista teológico, o instituto da sucessão serve como uma espécie de legitimidade para as Igrejas que a invocam, garantindo assim, que elas guardam tradição, as práticas e os ensinamentos legados pelos primeiros cristãos.

secretário-geral do presbitério, até o ano de 1990, quando renunciou para evitar que quaisquer medidas penais pudessem atingir a denominação.

Após esse processo conturbado de fundação e estruturação da Igreja, a Universal se tornaria a denominação pioneira do Neopentecostalismo no Brasil, fomentando não apenas a dinâmica do discurso e da pregação neopentecostal, como também se tornaria o modelo para a fundação e a prática de outras Igrejas que surgiriam a partir de então.

1.3. Anos 80 e 90: Os anos de ouro

Em apenas alguns anos de fundação, a Universal experimentou um crescimento vertiginoso, tornando os anos 80 como os anos cruciais de sua política de expansão.

Em julho de 1980, quando completou três anos, tinha apenas 21 templos em cinco Estados. Em 1982, dobrou de tamanho, passando a contar com 47 templos em 8 Estados. Em abril de 1983, chegou a 62 templos e alcançou mais um Estado. Em agosto de 1984, avançou para 85 templos em 10 Estados. No mesmo mês do ano seguinte, saltou para 195 templos em 14 Estados e no Distrito Federal. Em agosto de 1986, ano em que Macedo se mudou para os EUA, a igreja avançou para 240 templos em 16 Estados. No final de 1987, com 356 templos em 18 Estados, 2 em Nova York e mais 27 “trabalhos especiais” em cinemas alugados, já reunia gente suficiente para promover sua primeira grande exibição de força: lotar o Maracanã e o Maracanãzinho concomitantemente. Até então suas anuais concentrações evangelísticas no Rio de Janeiro eram realizadas (desde 1981) apenas no Maracanãzinho, jamais no estádio. Em agosto de 1988, além de 26 “trabalhos especiais,” possuía 437 templos em 21 Estados e Brasília, 3 deles fincados nos EUA e 1 no Uruguai. Em abril de 1989, ano em que negociaria a compra da TV Record, somava 571 templos. Nestes nove anos, único período do qual dispomos de dados confiáveis, o número de templos da Universal cresceu 2.600% (MARIANO, 1999, pp. 64-65).

No ano de 1986, Edir Macedo decidiu morar nos Estados Unidos, com o intuito de expandir mundialmente a IURD. A sua lógica era que morando em Nova York “poderia, além de captar dólares, criar um núcleo de evangelismo mundial enviando os estrangeiros lá convertidos como missionários para seus países de origem” (MARIANO, 1999, p. 57). O primeiro templo nos EUA foi o na cidade de Mount Vermont, estado de Nova York, sob o nome *Universal Church of the Kingdom of God* (UCKG), posteriormente se expandindo para outros bairros, como Manhattan e Brooklyn.

O problema dessa empreitada em solo americano foi que o discurso da IURD não penetrou na classe média norte-americana, composta em sua absoluta maioria de protestantes tradicionais ou de católicos. Primeiro, porque, Macedo não conhecia as práticas pentecostais e os discursos utilizados pelas Igrejas norte-americanas, e da mesma forma, os pastores brasileiros sequer tinham domínio suficiente da língua para desenvolver os serviços religiosos.

Além do mais, os problemas dos quais o discurso e simbolismo iurdiano se apropria está mais próximo do público latino-americano do que do cidadão americano tradicional, de modo que a Igreja passou a atuar voltada para o público hispânico e de imigrantes, cujo maior milagre para estes era a conquista de uma vida digna em solo americano, bem como a obtenção do Green Card, o documento de permanência definitiva para estrangeiros (PEÑA-ALFARO, 2006, p. 76).

Embora fosse o primeiro país estrangeiro em que se estabeleceu e contasse, desde o início com a ajuda e assessoria de pastores norte-americanos, a igreja cresceu relativamente pouco e quase que só entre imigrantes hispânicos. Depois de quatro anos de insucesso evangelístico e prejuízo financeiro, 1990 sua liderança desistiu de pregar em inglês macarrônico e para os nativos brancos. Optou pelo "portunhol" e pela clientela hispânica. Com isso, sua performance e produtividade melhoraram. Mas não muito. Pois se já não havia o empecilho da língua e da colossal indiferença dos norte-americanos, restava ainda a forte concorrência dos pastores e igrejas latinos (MARIANO, 1999, p.57).

O perfil dos fiéis hispânicos não é diferente do dos brasileiros. Estes se sentem mais acolhidos em igrejas como estas, cujo discurso do pastor sobre a prosperidade torna-se muito mais interessante do que igrejas requintadas com predominância de brancos. O desafio e dificuldades do pastor estrangeiro em terras americanas tornam-se os mesmos dos imigrantes daquela congregação, de modo que o futuro das igrejas neopentecostais importadas do Brasil está na crescente comunidade de imigrantes que se estabelece nos Estados Unidos.

É interessante notarmos que, apesar dos problemas enfrentados pela Universal, outras Igrejas brasileiras seguiram esse modelo de expansão, fincando seus púlpitos em solo norte-americano. A partir desse processo de transnacionalização, os Estados Unidos passou a lidar com a presença de novas Igrejas, como a Internacional da Graça de Deus (início das atividades em 2003), Renascer em Cristo (2011), Igreja Mundial do Poder de Deus (2013), Sara Nossa

Terra (2014), sempre em estados de maioria hispânica e brasileira como Flórida, Nova York, ou Massachusetts.

Esse “efeito bumerangue” da exportação de igrejas neopentecostais estrangeiras para os EUA é uma ironia, pois, “esse país está recebendo de volta parte daquela religiosidade, que exportou para o Terceiro Mundo desde o início deste Século” (CAMPOS, 1999, p. 429). Como consequência dessa empreitada entre a população latino-americana, a IURD abriu posteriormente templos no México, Argentina, Paraguai, Venezuela, Colômbia, Bolívia, Guatemala e Equador.

Foi por conta desse fracasso missionário em solo norte-americano nos anos 80 que nos 90 a IURD iniciou sua expansão em terras lusófonas, em especial, países da África e Portugal. As atividades da IURD em Portugal começam em 1989, no endereço Estrada da Luz, 28 C, na cidade de Lisboa, quando Macedo, impulsionado pela ideia de tornar a Universal uma Igreja mundial, leva seu empreendimento à Europa.

Além das facilidades encontradas na língua comum e nos laços coloniais com o Brasil, Alex Penã-Alfaro aponta o sincretismo presente na religiosidade popular portuguesa, como parte do sucesso da IURD em terras lusitanas. Esta religiosidade popular seria formada pelo “catolicismo com o judaísmo e antigas religiões da bacia do Mediterrâneo; outros autores trabalham ainda com a hipótese das origens orientais desta religião popular portuguesa” (2006, p. 77).

Independente dos fatores, até hoje a Universal possui bases firmes no país. Por conta de suas raízes históricas, a Igreja Católica foi eleita como a “inimiga número um” em Portugal. As disputas religiosas entre a ICAR e a IURD levaram a uma disputa política – sob a alegação de que a Igreja Católica estaria interferindo na política nacional, prejudicando o crescimento econômico de Portugal –, e assim, tal como no Brasil, em 1994, Macedo fundou um partido político no país, chamado *Partido da Gente*.

A autorização para o funcionamento do *Partido da Gente* causou muita celeuma em Portugal, envolvendo a publicação de manifestos às autoridades nos jornais e ampla cobertura da televisão. Muitos adversários da proposta consideravam a ligação do novo partido com a Igreja Universal uma prova de seu caráter fundamentalista e antidemocrático. O registro definitivo desse partido saiu em março de 1995 e foi considerado pela Igreja Universal uma grande vitória, apesar de não ter sido permitido o emprego dos nomes e símbolos originalmente planejados mais associados aos símbolos e propostas *iurdianas* para o País (CAMPOS, 1999, p. 428).

Em Portugal a IURD não é conhecida como “Igreja”, mas como “Centro de Ajuda Espiritual”, e independente das polêmicas que a envolvem, assim como no Brasil, a Universal tornou-se bem sucedida em terras lusitanas, com destaque para o templo construído em Vila Nova de Gaia, o maior da Igreja na Europa. Atualmente os líderes da Igreja em Portugal apenas esperam uma oportunidade para a construção de um megatemplo em Lisboa. De acordo com reportagem de 2012 no site do Público – um dos mais importantes jornais de Portugal –, atualmente a Igreja tem mais de 100 templos e mais de 30 mil fiéis no país (PÚBLICO, 16 jul. 2012). Vale ressaltar que, em 1992, a IURD foi excluída da Aliança Evangélica Portuguesa. E desde 1995, a Federação de Entidades Religiosas Evangélicas da Espanha (FEREDE) não reconhece a Universal como uma Igreja evangélica.

Já a primeira Igreja Universal em solo africano começou em Angola, a partir do ano de 1992, em seguida, expandindo suas atividades para a África do Sul, Moçambique, Cabo Verde, Quênia, Lesoto, Costa do Marfim, Malawi, Uganda e muitos outros países.

No entanto, ao chegar à África, a Universal encontrou um cenário religioso já consolidado, o qual possuía características semelhantes às suas práticas e crenças. A presença da IURD na África coincide com regiões cujas culturas banto e sudanesas são predominantes, das quais, foram originadas algumas tendências do Candomblé e outros cultos afro-brasileiros (CAMPOS, 1999, p. 421).

Além do mais, parte desse cenário religioso africano é delineado pelas chamadas Igrejas Africanas Independentes, a exemplo da Igreja Kibanguista, no Zaire, fundada pelo pregador Simon Kinbangu. Muitos desses movimentos religiosos africanos desenvolveram uma teologia baseada na cura pelo poder da oração, na livre manifestação do Espírito Santo durante o culto, e uma constante luta contra as forças do Mal. Atualmente, tais Igrejas representam 15% do Cristianismo na África (In: PARTRIDGE (Org.), 2006, p. 44), o que, em termos demográficos, é uma parcela muito grande.

Vale ressaltar que muitas dessas Igrejas Africanas Independentes também tornaram-se um verdadeiro empreendimento semelhante à Universal, não apenas enriquecendo seus líderes, como também criando um verdadeiro culto à personalidade deles. Claude Waltier afirma que, além do sucesso empresarial,

muitos desses “messias” e líderes religiosos adquirem status de chefes tribais, e assumem mecanismos de poder pessoal, transmitidos a seus descendentes (In: PUECH (Org.), 1990, p. 310).

Por isso, devido ao caráter altamente sincrético que a Universal carrega (que transita entre o Pentecostalismo norte-americano, Catolicismo, e práticas do Espiritismo e Umbanda), bem como o poder carismático de seus pastores e líderes, a IURD foi tão bem recebida nos países africanos, devido o papel e a importância que o exorcismo e a cura possuem nas práticas das religiões africanas tradicionais, bem como na visão alimentada pelas Igrejas Africanas Independentes, de que o universo se encontra rigidamente dividido entre as forças do bem do mal e que tais práticas devem ser combatidas ferrenhamente (In: PARTRIDGE (Org.), 2006, p. 49).

As características culturais, a situação econômica e social, bem como a mentalidade religiosa mágica, típica da cultura desses povos (In: RICOEUR et. al, 1975, p. 134), estão muito mais próximas da realidade do Brasil do que de países europeus ou até mesmo dos EUA. Da mesma forma, é importante lembrar que todas essas práticas foram redescobertas ressignificadas no século XX, por causa das “raízes africanas do movimento pentecostal moderno” (CAMPOS, 1999, p. 423), a exemplo do Avivamento da Azusa Street. Entretanto, a IURD não é a primeira, nem será a última Igreja a arriscar seus empreendimentos em continente africano, muito menos é vista como uma novidade entre às populações dos países africanos.

O projeto de expansão da Universal também incluiu países do Extremo Oriente como o Japão (1996), sobretudo em regiões onde há uma forte presença da comunidade brasileira. Se nos países africanos a IURD centrava seu discurso nos mesmos tópicos os quais ela acusava de ser a fonte dos problemas e males que o Brasil enfrentava (idolatria, bruxaria, etc.), no Japão o discurso da Universal também se voltou para as práticas religiosas locais, tomando estas como as responsáveis pelos desastres naturais que o país sempre enfrentou, a exemplo dos terremotos. Desde o início a IURD encarou as religiões tradicionais do Japão – o Budismo e Xintoísmo –, como “manifestações do Diabo”, e que o Deus proposto pela Universal era a única saída para os problemas geológicos, sociais e culturais do povo japonês (CAMPOS, 1999, p. 431), discurso este que não mudou até hoje.

No Japão, a IURD possui uma vantagem em sua política de expansão neste início de século XXI, por conta do rápido crescimento das Novas Religiões

Japonesas (NRJ)⁹. Estes novos movimentos (e novíssimos) estão cada vez mais ganhando espaço no país, em detrimento das religiões tradicionais, graças aos seus elementos sincréticos e promessas de cura e prosperidade, perfil este não muito diferente do perfil da Universal. Em suma, as Novas Religiões Japonesas

constituíram-se a partir da junção de bases teóricas com crenças mágicas de salvação. Os fundadores deste tipo de NRJ eram pessoas de interesse acadêmico, possuidores, até certo ponto, de conhecimentos históricos, científicos, religiosos e teorias modernas em geral. [...] Foi através de uma junção de concepções intelectualizadas e crenças mágicas de salvação que estas NRJ ganharam espaço junto ao povo em geral. Neste processo de junção, destaca-se a singularidade da criatividade conceitual e poder de orientação destes fundadores (TOMITA, 2014, pp. 132-133).

Já em países europeus, como o Reino Unido, a IURD iniciou suas atividades em 1995, com o então pastor (hoje bispo) Renato Cardoso. Em 1996, a Universal adquiriu o Teatro Rainbow, em Finsbury Park, tornando sua sede em Londres e maior templo na Inglaterra. No entanto, ela vem enfrentando uma série de dificuldades para sua expansão em outros países europeus, visto que, ao mesmo tempo em que tais Estados “garantem a liberdade religiosa, também colocam limites no funcionamento de entidades e principalmente à comunicação religiosa” (PEÑA-ALFARO, 2006, pp. 83-84) – em especial, às de molde proselitista como a da IURD.

De fato, essa expansão continental da IURD – um dos principais projetos de Macedo para a década de 90 – é impressionante. De acordo com Peña-Alfaro, em 1998 a Universal estava presente em pelo menos cinquenta países e possuía mais de três mil templos (2006, p. 72). Por outro lado, a Igreja passou a enfrentar uma série de entraves para a concretização de sua política de expansão. Dentre os problemas se destacam

A ausência de uma formação escolarizada dos pastores e falta de códigos culturais mais sofisticados para uma melhor navegação em sociedades e culturas diferentes daquelas existentes em suas culturas de origem. Isto tem provocado choques culturais e civilizatórios, que a existência de alguns códigos e visões de mundo compartilhados por latinos e africanos amenizou. A distribuição de templos em 1995 expressava a existência de realidades sociais que orientam e limitam tal expansão. Observemos que dos 236 templos abertos fora do Brasil 33,4 % estavam na América latina (27,8 % na Argentina), 22 % na África austral (36,5 % na África de fala portuguesa e 32,6 % na África do Sul, onde a IURD possui uma estação de

⁹ Como exemplo de Novas Religiões Japonesas, temos a Seicho-No-Ie, Igreja Messiânica Mundial, PL Kyodan, Aum Shirinkyō, Ciência da Felicidade, etc.

rádio e um jornal semanal), 10,2 % na América do Norte, 3,5 % na Ásia e 30,9 % na Europa, de cujo total 72,6 % estavam localizados em Portugal, país cuja proximidade com a cultura africana, o catolicismo popular e a existência de uma certa identidade com a cultura brasileira tem certamente estimulado o crescimento da IURD (CAMPOS, 1999a, p. 365).

É a partir dessa época que também se iniciam as construções de suas conhecidas catedrais, cuja arquitetura se tornaria praticamente modelo em todo o país, sobretudo, nas grandes capitais – algumas catedrais, porém, a exemplo de Recife e Brasília, fugiriam desse modelo arquitetônico¹⁰. Da mesma forma, a década de 90 se caracteriza pela expansão midiática da IURD, com a compra de emissoras de Rádio de TV, juntamente com o gradual crescimento do tempo de suas transmissões.

Edir Macedo adquiriu em 1984 a sua primeira estação de rádio (Rádio Copacabana), ultrapassando, com a compra em 1995 da frequência 99.3 FM, em São Paulo, a quantia de três dezenas de emissoras. A sua chegada na televisão se deu com a aquisição (1989) da Rede Record, por 45 milhões de dólares, rede hoje formada por cerca de trinta emissoras, aperfeiçoada com a compra em 1995 da sede e equipamentos da TV Jovem Pan, operação que ultrapassou os 50 milhões de dólares. Na metade de 1996 a presença da IURD na programação religiosa na TV Record, em São Paulo, era de 60 horas semanais, contra a programação religiosa de outros grupos, de 19 horas na Gazeta, 11 horas 20 minutos na Bandeirantes e 17 horas 50 minutos na Manchete, uma hora na Globo e Cultura e de 12 minutos na SBT. A Igreja católica responde a tamanha invasão montando a sua própria mídia televisiva, a Rede Vida, ainda em fase de implantação (CAMPOS, 1999a, pp. 363).

No entanto, com o crescimento da Universal em solo brasileiro e também no exterior, começam a surgir problemas advindos diretamente dessa transição da IURD como movimento religioso para uma organização profundamente hierarquizada.

1.4. Problemas e superações

A modesta Igreja que iniciou suas atividades em uma ex-funerária agora estava comprando a Rede Record por 45 milhões de dólares (MARIANO, 1999, p. 69), o que logo chama a atenção da grande mídia. Assim, tem-se início uma verdadeira “guerra” da Record com grandes grupos de comunicação como o Grupo

¹⁰ Um estudo sobre a arquitetura e funcionalidade dos templos iurdianos pode ser encontrado na obra de Edlaine de Campos Gomes **A Era das Catedrais: a autenticidade em exibição**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

Mesquita, a Rede Globo, bem como atritos com grandes lideranças evangélicas da época, como o então pastor presbiteriano Caio Fábio Jr.

As disputas com as duas primeiras diziam respeito às sucessivas denúncias de fraude fiscal e bancária por parte da IURD, que rapidamente se espalharam pela mídia, manchando a imagem da Igreja de Macedo. Como consequência, organizações interdenominacionais como a Associação Evangélica Brasileira (AEVB) e a VINDE – Visão Nacional de Evangelização –, presididas por Caio Fábio, também passaram a acusar a IURD de práticas de charlatanismo, curandeirismo e estelionato da Universal, por conta dos seus violentos mecanismos de arrecadação.

Em 24 de maio de 1992, Edir Macedo foi preso pelas acusações acima citadas, sendo levado para uma cela na 91ª Delegacia de Polícia da zona oeste de São Paulo.

Sua detenção foi espetacular. Para prendê-lo foi montada uma verdadeira operação militar. Como protestaram alguns líderes pentecostais, o aparato repressivo empregado era desproporcional à periculosidade e à capacidade do acusado de resistência à prisão. Nada menos que cinco delegados e 13 agentes da Delegacia de Capturas e do Grupo de Ação e Repressão a Roubos Armados foram mobilizados. Empunhando revólveres e metralhadoras e ocupando cinco carros, os policiais cercaram o automóvel do bispo no bairro paulistano de Santo Amaro, quando ele saía de um dos maiores templos da Universal na capital. Dada a voz de prisão, Macedo, seguro pelos braços e sob a mira de armas, passou pelo humilhante constrangimento de ser transportado, como um meliante qualquer, num camburão. Chegando à delegacia, era esperado por reportagem da TV Globo, única emissora informada sobre a operação (MARIANO, 1999, p. 75).

Porém, após doze dias, Macedo foi solto por meio de um *habeas-corpus* impetrado por seu advogado na época, Márcio Thomaz Bastos. Em seu livro "Somos Todos Filhos de Deus?", Macedo aponta que sua detenção foi organizada pelo Governo do Estado de São Paulo, o Governo Federal, um juiz, um promotor e um delegado, tudo, sob os interesses da Rede Globo, o que justificaria a imediata presença da emissora na delegacia (MACEDO, 2007, p. 176). Da mesma forma, no seu livro "Nada a Perder", Macedo aponta um complô da Igreja Católica junto com a Rede Globo, uma vez que o vertiginoso crescimento da Universal estaria ameaçando a hegemonia das duas instituições (MARIANO, 1999, p. 74).

Esse episódio fez com que Macedo decidisse morar um tempo nos Estados Unidos, deixando a administração da IURD no Brasil a cargo do bispo Renato Suhett, até 1993, quando outros bispos foram consagrados para auxiliar na

organização da Igreja, que até então ainda se encontrava em crescimento. Neste mesmo ano foi implementado um plano de gerência, com a divisão da Universal em quatro bispados, o que se configurou no primeiro movimento de descentralização de poder na instituição (GOMES, 2011, p. 55).

A prisão de Macedo acendeu os ânimos entre os líderes evangélicos, que temiam que outras prisões e represálias ocorressem por conta do precedente aberto contra a IURD, uma vez que as acusações de curandeirismo, charlatanismo e estelionato poderiam ser levantadas contra qualquer denominação pentecostal ou neopentecostal. Em contrapartida, em julho de 1993, foi fundado o Conselho Nacional de Pastores do Brasil (CNPB) – a exemplo da CNBB para os católicos –, presidido por Edir Macedo e o pastor Manoel Ferreira, cuja missão, assim se alegava, era de proteger a liberdade religiosa dos evangélicos no país, ante a crescente discriminação e preconceito que cresciam por conta do episódio.

Após o episódio da prisão de Macedo, as denúncias contra a IURD apenas cresceram, em sua maioria, veiculadas pela Rede Globo e os grandes jornais do país. Em 22 de dezembro de 1995, o Jornal Nacional levou ao ar uma denúncia feita pelo então pastor Carlos Magno, na qual mostrava a gravação de um vídeo em que Edir Macedo ensinava a um grupo pastores, durante uma reunião informal em Salvador, como pedir dinheiro durante o culto. A reportagem seguia com denúncias de Caixa Dois, assim como imagens de uma pilha de dinheiro arrecadada no templo de Nova York. Esse vídeo ficou marcado pela famosa frase “Ou dá ou desce”. Abaixo, tem-se a transcrição de um trecho da reportagem do JN, tirado de um vídeo disponibilizado no site Youtube.

Você tem que chegar e se impor. Tem que mostrar (ao fiel) que se quiser ajudar *amém*, se não quiser ajudar, Deus vai arrumar outra pessoa a ajudar. Entendeu como é que é? Se não quiser que se dane. *Ou dá ou desce*. O povo tem que ter confiança. Se mostrar aquele chocho... aquela maneira chocha o povo não vai confiar em você. Você tem que ser um super-herói. Isso chama a atenção e o povo diz: ôpa, esse aí é um líder de Deus mesmo. Tem aqueles que são tradicionais e dizem ‘esse aí vai ser um falso profeta’. Tem outros que dizem ‘há quanto tempo eu queria isso’. Esse vai ficar do nosso lado, esse vai (dizer) ‘é isso mesmo’, e põe tudo lá. Então ele vai ser abençoado. Você nunca pode ter vergonha. Peça, peça, peça. Quem quiser dá, quem não quiser não dá. Tem que ser no peito e na raça. O povo quer ver o seu pastor com coragem, quer ver o pastor brigando com o demônio. Nós vamos lá, bota para quebrar, faz cambalhota e o povo fica louco (YOUTUBE, Jornal Nacional, 22 dez. 1995).

Com o crescente atrito entre a IURD e a Globo, no mesmo mês de setembro a emissora de Roberto Marinho transmitiu a minissérie “Decadência”, cujo ator Edson Celulari fazia o papel de Mariel, um pastor evangélico que se utilizava de seu posto para extorquir seus fiéis e enriquecer ilicitamente. Claramente, a caricatura rasa que hoje boa parte do povo brasileiro tem de um pastor, foi moldada por essa produção global, a qual buscou representar a figura de Macedo, inclusive chegando a colocar frases do famoso vídeo nas falas de Celulari.

Por conta da repercussão da reportagem do JN e da minissérie, a Universal veiculou um programa na Record, no qual a professora e doutora em Linguística, Josênia Vieira da Silva, junto com os bispos Didini, Honorilton e Rodrigues analisaram o contexto do diálogo de Macedo para dar-lhe um “fundamento bíblico”. O conteúdo do programa foi apresentado na reportagem do jornalista Luiz Caversan para edição da Folha de São Paulo, em 29 de dezembro de 1995.

‘O Estado cobra em impostos 26,16% do que a gente ganha. O PT fica com 30% do salário dos políticos eleitos. Por que não posso dar 10% para a Universal?’ ‘Ou dá a contribuição ou desce para o inferno’ foi a interpretação encontrada pela professora (CAVERSAN, Folha de São Paulo, 29 dez. 1995).

Outro episódio marcante da IURD nessa época, que alimentou a já conturbada relação entre a IURD e a Igreja Católica, foi o caso do “Chute na Santa”, assim intitulado pela mídia, ocorrido em 12 de outubro de 1995, dia de Nossa Senhora Aparecida, considerada a Padroeira do Brasil pelos católicos. Nesse acontecimento, transmitido ao vivo pela Record, e retransmitido pelas demais emissoras nos dias seguintes, o bispo Von Helde chutou uma imagem de gesso da santa de Aparecida durante um culto da IURD, enquanto acusava os católicos de idolatria.

Embora o episódio tenha gerado uma grande revolta dos fiéis católicos, que posteriormente tentaram linchar o líder iurdiano, a Igreja Católica não emitiu nenhuma resposta ao caso. Porém, juntamente com o famoso vídeo do “ou dá ou desce”, o “chute na santa” se tornou um dos vídeos mais marcantes sobre as polêmicas que envolvem a Igreja Universal.

Devido às sucessivas denúncias e reportagens veiculadas pelos grandes grupos de comunicação do país (Rede Globo, Revista Veja e Folha de São Paulo), Edir Macedo retornou dos Estados Unidos em 1996, em face da grande perda de

fiéis pela instituição, e a conseqüente queda na arrecadação. De acordo com reportagem da revista *Isto É*, publicada em 15 de janeiro de 1997, desde o início da década de 90, a Universal perdeu cerca de 30% de seus fiéis, o que representava uma perda de seiscentos milhões de reais (NASCIMENTO, *Isto É*, 15 jan. 1997).

A lista de problemas que a Universal enfrentava não parava de crescer. Da mesma forma, Edir Macedo foi novamente levado à Justiça por conta da publicação de um dos seus livros mais conhecidos, “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?” (1980), no qual Macedo denunciava as práticas do Candomblé, Umbanda, Quimbanda, Espiritismo e demais religiões afro-brasileiras como práticas inspiradas pelo demônio e que em tais religiões estavam as origens das doenças, vícios e de todos os males que existem.

O livro se tornou um fenômeno entre os fiéis iurdianos público evangélico neopentecostal, vendendo mais de 3 milhões de cópias. Porém, no ano de 2005, a Justiça Brasileira proibiu a venda da obra, decisão esta revogada no ano seguinte, em segunda instância, pelo Tribunal Regional Federal da 1ª Região, que liberou a venda, sob a justificativa de que a proibição contrariava os princípios da liberdade religiosa e de expressão, garantidos pela Constituição Federal, em seu artigo 5º, VI e IX (BRASIL, 1988).

Sobre tais posicionamentos da Universal, que transcorreram o século XX e ainda persistem no século XXI, o pensador Guenón faz a seguinte ressalva acerca dos limites da liberdade religiosa.

Em nome da liberdade se deseja constranger o mundo inteiro a segui-lo, a aceita-lo; utilizam a liberdade de culto, não para respeitar e tolerar outras crenças, mas para terem a liberdade de agir sem constrangimento, cobertos pela lei e com o sentimento mais pragmático do que verdadeiro de que sua mensagem funciona (GUENÓN, 2009, p. 17).

Porém, tais posições da IURD e seus líderes não são vistas pelos seus fiéis como intolerância religiosa, mas sim como a promoção e defesa das verdades bíblicas. Da mesma forma, apesar das inúmeras denúncias contra Macedo ao longo dos tempos, bem como sua prisão, os fiéis iurdianos mantêm sua fidelidade para com a instituição e seu líder, vendo nele um líder quase messiânico.

Para os *iurdianos*, Edir Macedo é o pastor modelar, um homem que mantém intimidade com Deus, ágil, empresário de sucesso e perseguido, a exemplo de Cristo, foi até preso. Nesse sentido, a sua biografia resume a de milhares

de adeptos, pois Macedo foi católico, passou pela umbanda e finalmente se tornou pentecostal (CAMPOS, 1999, p. 388).

A vida de Edir Macedo segue a mesma lógica da jornada cíclica do “monomito” descrita pelo mitólogo Joseph Campbell em sua obra “O Poder do Mito”. Não é difícil imaginar o status mitológico que Edir Macedo possuirá após sua morte, visto que sua vida, apesar de conturbada e cheia de polêmicas, é rodeada de reviravoltas e superações. É o que Campbell chama de “périplo do herói”, no qual ele “abandona determinada condição e encontra a fonte da vida, que o conduz a uma condição mais rica e madura” (CAMPBELL, 2009, p. 132).

A prova de como essas reviravoltas construíram o “mito Macedo” está no modo como a Universal se utilizou (e ainda se utiliza) de tais “quedas” do Bispo ao longo de sua história, para promovê-lo. Um desses exemplos está na famosa foto na prisão, que virou capa de sua biografia “O Bispo – A História Revelada de Edir Macedo”, lançada em 2007, e que assim como outros livros seus, se tornou um sucesso editorial. A imagem mostra Edir atrás das grades da 91ª Delegacia de Polícia. Porém, ele está sentado, segurando uma Bíblia, como se apesar das adversidades, ele depositasse sua fé em Deus e nas promessas de sua Palavra revelada. Ao contrário do que a mídia tentou passar, tal imagem de Macedo mostra um homem que superou todas as dificuldades por meio da fé, tal como Jesus e os apóstolos, que foram presos. Por tais razões, dentro do meio evangélico, este foi o sentido que ficou atrelado à icônica foto.

Pelas razões acima citadas, não é difícil entender o porquê da imagem do líder iurdiano ter se tornado ainda mais forte e blindada após tantas controvérsias. A IURD é um movimento centrado no carisma e na visão religiosa de Edir Macedo. No entanto, apesar de ter sido a pioneira do Neopentecostalismo no Brasil, a Igreja Universal abriu caminho para o crescimento de um modelo de evangelismo, liturgia e práticas que foram sendo copiadas e aperfeiçoadas por outras Igrejas, surgidas dela ou de outras denominações.

Os anos 2000 ficaram marcados pelo crescimento dos evangélicos no Brasil, e como consequência, o aumento da concorrência no campo religioso brasileiro repercutiu negativamente para a Igreja Universal. No próximo capítulo será tratado o panorama das religiões apresentado pelo censo de 2010, e como isso definiu as mudanças implementadas na Universal nestes últimos anos.

2. O DIABO NO REINO DE DEUS¹¹: A concorrência neopentecostal

“[...] E estejam vigilantes quanto aos ataques do Diabo, o vosso inimigo, que anda à volta rugindo como um leão, buscando a quem possa devorar”.

Primeira Carta de Pedro, 5:8.

Se os anos 80 e 90 foram áureos para a IURD, o mesmo não pode se dizer do início do século XXI. A partir dos anos 2000 o cenário das religiões no Brasil tornou-se bastante plural e difícil de precisar, uma vez que o país assistiu a uma verdadeira *destraditionalização* do catolicismo e um florescer de Igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais (RODRIGUES; CABRAL, 2016, p. 2).

Como atestam as últimas pesquisas, que serão mostradas mais a frente, as comparações entre os Censos de 2000 e 2010 apontam que houve uma expressiva diminuição do número de brasileiros que se declaravam como católicos e um crescimento numérico dos fiéis de Igrejas evangélicas, em especial os neopentecostais.

É preciso frisar que, no início, o fenômeno dos neopentecostais – ou pós-pentecostais, de acordo com a conceituação de Siepierski (1997)¹² –, não era notado pelas Igrejas pentecostais tradicionais como uma ameaça ao seu domínio no campo religioso, pois, para elas, ou para os estudos sociológicos brasileiros, as Igrejas neopentecostais eram meramente enquadradas como “seitas”, numa clara confusão terminológica, como aponta Breno Campos (In: PASSOS; USARSKI, (orgs.), 2013, p. 193). O fenômeno neopentecostal cresceu, de modo que se tornou claro que tais Igrejas e movimentos não faziam mais parte do pentecostalismo clássico.

¹¹ OLIVA, Margarida. **O Diabo no Reino de Deus**: por que proliferam as seitas? São Paulo: Musa, 1997.

¹² Vide p. 20.

Igrejas como a Universal, que imaginavam-se como referências do pentecostalismo nacional no futuro – frente ao mundo globalizado, de modelo econômico neoliberal –, e que poderiam crescer ainda mais, com seu ferrenho modelo proselitista – voltado para uma sociedade materialista e secularizada (CAMPOS, 1999) –, viram-se reféns das regras do Mercado, com uma crescente, e inesperada, concorrência de outras Igrejas evangélicas no país, bem como um esvaziamento dos templos.

As projeções negativistas, de que no século XXI, “a religião diminuiria entre a população”, perderam seu sentido para o Brasil, uma vez que o país se tornou um “centro mundial de Catolicismo global, de pentecostalismo global e de movimentos afro-americanos globais. O Brasil está surgindo como potência econômica global, mas também está surgindo como potência religiosa nessas três religiões” (CARDOSO, Isto É, 21 mar. 2012).

Mais do que isso, a característica principal das Igrejas evangélicas no país, de acordo com Freston, é que estas estão se tornando “religião de massas. À medida que cresce, vai se tornando mais parecida com a sociedade que a recebe” (apud ANTONIAZZI et. al., 1994, p. 29).

2.1. O crescimento evangélico no Brasil

Analisando o trânsito religioso ocorrido na sociedade brasileira nas últimas décadas atesta-se uma mudança estrutural na composição de fiéis dos grandes segmentos religiosos do país. Apesar de ser difícil captar a exata dinâmica religiosa do país, é possível tecer um quadro mais fidedigno a partir da interpretação de dados numéricos, sobretudo aqueles vindos de pesquisas censitárias.

Fazendo uma comparação da população brasileira por grupos religiosos em porcentagem dos Censos de 1970 a 2010, é possível notar que a dinâmica de filiação religiosa começa a apresentar mudanças a partir dos anos 70, “quando todos os grupos religiosos cresceram em termos absolutos, porém, só os católicos decresceram em termos relativos e o grupo das outras religiões permaneceu praticamente constante” (RODRIGUES; CABRAL, 2016, p. 2).

Abaixo, tais dados podem ser atestados pela tabela comparativa dos respectivos Censos.

Quadro 1 – Censo 1970-2010.

Religião	1970		1980		1991		2000		2010	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Católicos	85.472	91,8	105.861	89,0	121.813	83,0	124.980	73,6	123.280	64,6
Evangélicos	4.815	5,2	7.886	6,6	13.189	9,0	26.452	15,4	42.275	22,2
Outras	2.146	2,3	3.311	2,8	4.868	3,3	6.215	3,7	9.865	5,2
Sem-religião	702	0,8	1.953	1,6	6.946	4,7	12.492	7,4	15.336	8,0
Total	93.135	100	119.011	100	146.816	100	169.871	100	190.756	100

(Fonte: ALVES et. al., 2012, p. 153).

Pesquisas demográficas apontam que os católicos devem chegar a 38,3% em 2040, os evangélicos devem chegar a 38,4% e as outras religiões além dos sem religião deve chegar a 18,9% em 2040. De acordo com José Eustáquio Alves (ALVES, EcoDebate, 25 jul. 2016), em 2050 os evangélicos devem ultrapassar o número de católicos. Os dados projetados são de 35,7% para os católicos, 39,8% para os evangélicos e 24,5% para outras religiões e os sem-religião. Sobre esse crescimento dos evangélicos no país, Marcelo Camurça expõe que

No que se refere os evangélicos, um fenômeno novo que veio a ser detectado neste último Censo foi a declaração recorrente de um segmento da população que passa a se identificar apenas como “evangélica”, saindo de 1,7 milhões no Censo de 2000 para 9,2 milhões no Censo atual. Fenômeno que a classificação do IBGE denomina “evangélico não determinado”. Do total do grupo evangélico, este segmento já ultrapassa os “evangélicos de missão” (as igrejas protestantes históricas), superado apenas pelos pentecostais. Esta transformação no meio evangélico, que vem associada ao seu expressivo crescimento, intensifica dentro deste meio um mercado de bens simbólicos e uma diversificação tão plural (embora com a marca evangélica) quanto à do campo religioso brasileiro. Este campo religioso evangélico, então, passa a se caracterizar por um grande *pluralismo* de ofertas, como por uma crescente e acirrada *competição* interna. Atualmente se dizer evangélico significa poder circular entre suas igrejas, atividades, marchas, shows, turismo religioso, sessões de cura e libertação num autêntico trânsito interno (In: ARAGÃO; CABRAL; VALLE (Orgs.), 2014, pp. 293-294).

O critério, ou moeda, desse mercado de bens simbólicos que motiva o trânsito religioso do fiel evangélico brasileiro, é a experiência religiosa vivida em uma

determinada congregação. E esta experiência é vivenciada de uma forma tão íntima, que ela passa a ser automaticamente ligada à própria congregação, como se aquele lugar, aquele espaço, aquela comunidade fosse a responsável por tal fenômeno. Logo, deixar de frequentá-la, pode ser um risco ao fiel, que perderia contato com tal experiência com o Sagrado, e que fora dela não pode haver tal hierofania. (CAMPOS, 1999, p. 75).

A mudança demográfica no quadro religioso brasileiro tem reflexo também na competição entre as igrejas evangélicas e/ou neopentecostais, em detrimento de uma estagnação daquelas consideradas “de missão”, como as Igrejas luteranas, anglicanas e presbiterianas, oriundas do protestantismo histórico. Da mesma forma, ao longo das últimas três décadas, a Igreja Católica assistiu a um declínio considerável, de 83% para 64,6% da população.

Essa queda drástica é apontada para as políticas de proselitismo, adotadas pelas Igrejas evangélicas para angariar novos fiéis. Como reação a essa considerável diminuição no seu quadro de fiéis, muitos movimentos do chamado “pentecostalismo católico” surgiram dentro da Renovação Carismática Católica (RCC)¹³, na busca de recuperar os fiéis perdidos, e conquistar novos.

Marcelo Camurça aponta como consequência dessa reação – que teve como marco na década de 90, a decadência da Teologia da Libertação em detrimento de uma gradual ascensão da RCC –, o desenvolvimento de um “rico mimetismo com estilos de vida moderna revestindo-os com a rubrica sagrada (barzinhos de Jesus, Cristotecas, “aeróbica” de Jesus. shows-missas com seus padres-cantores, etc.)”, como uma espécie de fórmula, desenvolvida pelos grupos carismáticos católicos, na tentativa de reconquistar o prestígio da Igreja entre os jovens e a população em geral (In: ARAGÃO; CABRAL; VALLE, 2014, p. 293).

No entanto, é inegável que essa movimentação proselitista das igrejas evangélicas – inclusive entre elas – foi, sem dúvida, o principal fator de aumento nos seus quadros de membros, apontado pelos Censos de 2000 e 2010.

¹³ Podemos citar muitos grupos ligados à RCC, como a Canção Nova, Comunidade Shalom, Obra de Maria, Toca de Assis, Grupos de Oração Universitária, e movimentos liderados por padres-cantores, como Marcelo Rossi, Alessandro Campos e Reginaldo Manzotti, todos eles fazendo o uso maciço de transmissões televisivas, radiofônicas ou pela Internet, de modo a atingirem o maior número de pessoas e com isso gerar o resultado esperado por essa política proselitista.

Quanto ao surgimento de uma competição interna, pode-se constatar a clivagem e a disputa para dentro do meio evangélico-pentecostal que antes era dirigida a competidores religiosos externos, como a Igreja Católica, espíritas e afro-brasileiros. Os conflitos entre a Igreja Universal e a Mundial do Poder de Deus e entre a Universal e o Ministério de Louvor “Diante do Trono” e o que envolveu na última campanha presidencial o Bispo Macedo se alinhando a Dilma Rousseff e Silas Malafaia a José Serra, são todos testemunhos visíveis deste novo quadro tenso e competitivo que compõe *pari passu* o crescimento do campo evangélico (In: ARAGÃO; CABRAL; VALLE (Orgs.), 2014, p. 294).

Foi por conta desse constante trânsito interno entre os evangélicos, que instituições neopentecostais fortemente estabelecidas, como a IURD, presenciaram um gradual esvaziamento de seus templos. A variedade de discursos, práticas e eventos tornaram-se um atrativo, bem como os constantes convites de fiéis evangélicos a outros para “conhecerem sua Igreja”.

Para Pierre Sanchis (IHU On-Line, 27 ago. 2012), a principal característica dessa nova identidade evangélica no país está na múltipla pertença de seus fiéis. Em outras palavras, “existe um pluralismo religioso que desponta para uma noção mais aberta de pertença religiosa, na medida em que a identificação entre a equivalência de identidade católica e brasileira tem perdido influência no imaginário popular” (RODRIGUES; CABRAL, 2016, p. 2).

Uma pesquisa realizada em 2013 pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) constatou que naquele ano em torno de 12 Igrejas eram abertas por dia no país (MARTINS, Gospel Mais, 2 set. 2013), o que em um período de um ano dava em torno de 14 mil Igrejas (ARAGÃO, Gospel Prime, 1 fev. 2014). Tais dados apresentados não se referem ao registro de novos cadastros de CNPJ, ou seja, não se constituem na abertura de novos templos de denominações que já existem, mas sim de Igrejas, ministérios e congregações independentes, as quais geralmente são abertas nas periferias das grandes cidades ou cidades de interior (In: ARAGÃO; CABRAL; VALLE (Orgs.), 2014, p. 299), sendo em sua maioria absoluta de orientação pentecostal e neopentecostal.

No Brasil, abrir uma Igreja é muito mais fácil do que se abrir uma empresa, o que torna, no setor religioso, mais um atrativo para investimentos. Para se abrir uma Igreja no país basta registrar em um cartório a ata de constituição da congregação – que deve ter pelo menos três fundadores –, e por meio desta, abrir um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) na Receita Federal, após os pagamentos das respectivas taxas, que giram em torno de R\$ 500,00 (quinhentos reais). Atualmente,

no Brasil, o registro de igrejas e entidades religiosas supera o de condomínios, estabelecimentos comerciais, restaurantes e clínicas médicas, ficando apenas atrás do registro de associações (MARTINS, Gospel Mais, 2 set. 2013).

Apesar de que muitos desses grupos não duram mais que alguns anos, está mais do que claro que tais Igrejas Evangélicas Independentes (que aqui chamaremos de IEI's) são as responsáveis, em grande parte, pelo esvaziamento de denominações pentecostais e neopentecostais tradicionais como a IURD. No Censo de 2010 os evangélicos pertencentes a este grupo de denominações independentes, classificados como "outros", registraram um salto de 3,6 milhões, do Censo de 2000, para 5,3 milhões (In: TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 168).

Segundo Leonildo Campos (1999, p. 414), um dos fatores que poderiam explicar o crescimento dessas pequenas denominações – e seu "roubo" de fiéis de Igrejas (neo) pentecostais tradicionais – seria sua flexibilidade na sua identidade e atuação (marketing, proselitismo, liturgia, etc.) e o baixo nível de burocratização, de modo que, essas IEI's, levariam vantagem sobre as grandes denominações, caracterizadas por uma cultura organizacional mais rígida.

De acordo com o Censo do IBGE, a IURD sofreu uma grande perda de fiéis entre os Censos de 2000 e 2010, de 2.102 milhões para 1,873 milhão, o que representa uma diminuição de mais de 10,8% de seus membros (GARCIA, 2015, p. 175), e como consequência, menor peso em sua participação entre os evangélicos, saindo de 8,03%, no início dos anos 2000, para 4,28% em 2010.

De acordo com Leonildo Campos, o Censo de 2010 cometeu um erro ao desconsiderar o surgimento da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), do Apóstolo Valdemiro Santiago, que desde a sua fundação na década de 90, tem sido uma das responsáveis pelo decréscimo de fiéis da IURD. A IMPD, de acordo com o Censo de 2010 possui 450 mil fiéis (In: TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 147). Por conta do surgimento de dissidências, além do fortalecimento de denominações já existentes, como a Igreja Mundial, a IURD passou a buscar novos campos de atuação, se expandindo mais fortemente no exterior, no processo de transnacionalização iniciado na década de 80, apontado no capítulo anterior. Isso explica a crescente presença da Universal em países africanos desde então.

Esse esvaziamento da Universal não foi percebido apenas nos grandes templos da denominação – a exemplo da sede do Rio de Janeiro (MARCOLINI;

MALKES; LOBO, O Globo, 20 out. 2014.) –, como também está presente em templos de pequeno e médio porte, localizados, sobretudo nas capitais e cidades de interior, que hoje acomodam novas Igrejas Evangélicas Independentes. Em tais grupos, por conta de sua característica personalista, totalmente centrada na figura pastor, a identidade do grupo não é o mais importante, mas sim a garantia da experiência religiosa. E é aqui, onde o trânsito religioso é mais intenso, pois, na instância da vivência popular, a figura da instituição torna-se secundária, importando muito mais as proximidades geográficas do templo em relação à casa do fiel e o fácil atendimento de suas demandas religiosas (AZZI; GRIJP, 2008, p. 619).

Com essa nova identidade, característica dos evangélicos do Brasil no século XXI, a fidelidade institucional passou a ser posta em xeque, de modo que, de acordo com Marcelo Camurça, ser evangélico atualmente “significa poder circular entre suas igrejas, atividades marchas, shows, turismo religiosos, sessões de cura e libertação num autêntico trânsito religioso” (In: ARAGÃO; CABRAL; VALLE (Orgs.), 2014, p. 294), por conta do grande pluralismo de ofertas.

Outro fenômeno citado no início do capítulo, e que merece destaque, é o de evangélicos não denominacionais, ou que não frequentam nenhum templo ou denominação, apontados tanto por estudos de pesquisadores da área, como Gracino Júnior (2010), como por pesquisadores vinculados às Igrejas evangélicas.

O Brasil já tem mais de 40 milhões de evangélicos, e este crescimento merece comemoração. No entanto, a porta dos fundos está aberta. Desse total, pelo menos 5 milhões de pessoas não querem mais ir à igreja. Por que isso está acontecendo e que medidas os grandes ministérios têm adotado para trazer de volta aqueles que estão abandonando a comunhão? (RÉGENER, 2011, p. 32).

Aqui deve-se frisar que, junto com o crescimento do número de pessoas que se dizem evangélicas, muitas dessas pessoas abandonaram suas denominações, buscando praticar um Cristianismo desvinculado de “profissões de fé” ou dogmas atrelados a uma Igreja, sendo identificados por um neologismo: “desigrejados”. Estes evangélicos “desigrejados” buscam a prática de uma religião pessoal, na qual, ser apenas “cristão” já é o suficiente dentro da perspectiva religiosa que adotam. Esse fenômeno teve grande repercussão no Censo de 2010, pois criou um grupo de “evangélicos não determinados”. Como consequência da crescente concorrência, as Igrejas estão se preocupando cada vez mais em garantir o retorno desses fiéis

perdidos e angariar novos. E para isso, lançam mão de estratégias de captação a partir da ocupação dos espaços urbanos, para assim, serem mais facilmente notadas pelos seus clientes em potencial.

É interessante notar que, o foco dos templos iurdianos não se encontra na periferia – no sentido de dentro de comunidades e favelas -, mas em lugares próximos do caos urbano e de constante trânsito de pessoas: grandes avenidas e corredores urbanos, próximos de bairros e edifícios comerciais, etc. (GOMES, 2011, p. 178). Da mesma forma, seu modo de ocupação do espaço urbano se deu com a instalação de seus templos em grandes galpões, cinemas e lugares propícios para um grande ajuntamento de pessoas que transitam pela cidade. Por conta dessas características, a IURD é considerada uma “igreja urbana”.

Um dos principais aspectos a distinguir entre o neopentecostalismo, o pentecostalismo tradicional e as demais igrejas evangélicas refere-se à forma de ocupação e expansão das igrejas fundadas na década de 70. Consideradas como igrejas essencialmente urbanas, elas preconizaram a prática de instalação em cinemas, teatros, galpões ou até supermercados. O sentido era estar presente em locais que permitissem um acesso fácil e evidenciar a “visibilidade da obra”. O uso desses espaços ainda hoje provoca acirrados debates e confrontos em países nos quais a IURD se instala (GOMES, 2011, p. 140).

Da mesma forma, muitas outras denominações neopentecostais seguiram esse modelo de distribuição de seus templos nas capitais e nas grandes cidades brasileiras. Para exemplificar este fenômeno, será apresentado um estudo sobre a cidade de São Paulo, cuja maior concentração de templos neopentecostais - e suas respectivas sedes – se encontra no bairro do Brás.

2.2. O caso de São Paulo: A concentração de Igrejas no bairro do Brás

Com o advento da Internet e as tecnologias de mapeamento, é possível estar virtualmente em um local. Desse modo, a observação, coleta de dados, e números aqui apresentados, são frutos de um estudo realizado a partir de uma etnografia digital, com o uso de imagens do Google Maps, que permitem a visualização das avenidas e ruas da região nos dias atuais, e de como era o bairro e quais Igrejas o ocupavam no passado (e quais deixaram de ocupar), por meio de imagens registradas em diferentes anos.

O bairro do Brás é um distrito situado na região centro-leste da cidade de São Paulo, a leste do centro histórico da capital paulista, sendo atendido pela Linha 3 do Metrô de São Paulo e pelas linhas 10, 11 e 12 da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM). O bairro é conhecido por ser uma grande região comercial, bem como industrial, cuja presença de lojas e galpões ocupa boa parte dos quarteirões. Esse quadro, por si só, torna o bairro propício para a abertura de Igrejas, e a conseqüente instalação de seus templos. E isto se atesta pela grande quantidade de Igrejas presentes, sobretudo, na Avenida Celso Garcia, uma das principais do distrito.

Nesta Avenida, só de Igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais contabilizam-se doze. Pela ordem de trajeto, encontram-se o Santuário de São Paulo (antigo Santuário dos Anjos), ligado ao Apóstolo Adelino de Carvalho e sua filha, a Apóstola Sol (Daniela Carvalho), fundadores da Igreja Reino dos Céus; o Centro de Meditação Cristã e a Igreja Jesus Fonte de Vida, estes dois, colados na mesma esquina. Continuando o trajeto, tem-se a Igreja Nova Geração, do Pastor João Misael Pagliarin; a Comunidade Cristã Amor e Graça, do Bispo Emerson Viana; a Assembleia de Deus “Ministério de Madureira”; Ministério Mudança de Vida, da Bispa Cléo Ribeiro Rossafa; a Casa da Bênção, do pastor Doriel de Oliveira; a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, do Apóstolo Agenor Duque; a Comunidade Missão dos Sinais de Deus, do Apóstolo Palhuca; a Igreja Pentecostal Concerto Eterno “Água da Vida”, e a Igreja Pentecostal “Deus é Amor”.

Além das denominações acima citadas, bem em frente ao Templo de Salomão, paralela à Assembleia de Deus, se encontra a Igreja de São João Batista, pertencente à Igreja Católica Romana. Nos quarteirões que circundam o Templo ergue-se na Rua Bresser a Catedral Ortodoxa de São Pedro, da Igreja Ortodoxa Grega, escondida entre os prédios comerciais. Na Rua Júlio César da Silva, ao lado do Templo, entre prédios comerciais tem-se a Igreja Evangélica Cristo La Roca e na Rua Behring, no quarteirão atrás do Templo de Salomão, a tradicional Igreja Evangélica Brasileira e em frente a ela a Igreja Evangélica “Ministerio del Nuevo Pacto Poder de Dios”, pelo nome, uma Igreja voltada para imigrantes de língua espanhola, possivelmente trabalhadores do próprio Brás. Descendo pela Rua José Kauer, encontramos o Centro Espírita Irmã Carolina. E na Rua Firmiano Pinto, do

outro lado da Celso Garcia, localiza-se de modo bem discreto o Centro de Umbanda Vovó Maria.

Também é digno de nota que no entorno do Templo, o bairro do Brás abriga a Igreja Metodista no Brás – na Rua Xavantes –, a Igreja Batista Unida do Brás – na Rua Valdemar Dória –, a Primeira Igreja Batista do Brás – na Rua Major Otaviano –, a Terceira Igreja Presbiteriana Independente – na Rua Joli –, a Igreja Presbiteriana do Brás – na Rua São Leopoldo –, a Igreja Adventista do Sétimo Dia e o Centro Espírita Nova Era – na Rua Martin Affonso –, uma Assembleia de Deus e uma Igreja Católica (capela Nossa Senhora das Graças – ambas na Rua Major Marcelino –, os templos-sede da Congregação Cristã no Brasil – na Rua Visconde de Parnaíba – e da Igreja Mundial do Poder de Deus –, na Rua Carneiro Leão, no espaço conhecido como “Grande Templo dos Milagres”, e duas mesquitas: a Mesquita do Pari – na Rua Barão de Ladário – e a Mesquita do Brasil – na Rua Elisa Witacker.

As instituições acima citadas se encontram na Avenida Celso Garcia, em ruas em torno do Templo de Salomão, e em quarteirões mais distantes, porém, possuem um grande número de frequentadores. Existem outras instituições religiosas no bairro do Brás, porém, essa amostra não pretende contabilizá-las de modo exato. Também não foram contabilizados o templo da sede regional da Universal na Avenida Celso Garcia, anexo ao Novo Templo de Salomão, e outro da mesma Igreja que se localiza na Rua Dr. Carlos Botelho, atrás deste último.

Quadro 2 – Instituições religiosas em torno do Templo de Salomão.

Religião	Quantidade
Igrejas Pentecostais e Neopentecostais	17
Igrejas Católicas	2
Igrejas Ortodoxas	1
Outras denominações cristãs	7
Religiões Espíritas e Afro-brasileiras	3
Mesquitas	2
Total	32

(Fonte: Dados fornecidos pelo autor)

Diante desse panorama traçado, percebem-se duas coisas: Primeiro, a sobrecarga de Igrejas e centros religiosos que a Avenida Celso Garcia e arredores comporta. Segundo, a quase totalidade de denominações pentecostais e neopentecostais. Fica claro que os templos da Igreja Católica Romana, Igreja Católica Ortodoxa, Igreja Evangélica Brasileira, as mesquitas ou até mesmo os pequenos Centros de Umbanda e Espírita não representam concorrência no mercado evangélico neopentecostal.

Esse cardápio de Igrejas que se estendem pela Celso Garcia torna-se um verdadeiro ponto de agregação do público evangélico que está alinhado a um determinado modelo de culto, seja ele mais tradicional, como da Assembleia de Deus Ministério Madureira, ou cultos mais espetacularizados de Igrejas como a Plenitude do Trono de Deus. Dessa forma, a escolha de tal corredor paulistano para a construção do megatemplo iurdiano não foi por acaso. Até porque a Igreja já possuía um público estabelecido no templo que se localiza no quarteirão ao lado da nova sede da Universal.

Também se percebe que de alguns anos para cá, algumas Igrejas mudaram de endereço na mesma Avenida, como o caso do Centro de Meditação Cristã, ou simplesmente deixaram de funcionar ali, como a Igreja Pentecostal Concerto Eterno "Água da Vida"; a Igreja Apostólica Poder da Fé; Igreja Apostólica Geração Eleita; e o Santuário de São Paulo, da Igreja Reino dos Céus. Não podemos apontar com precisão se as causas dessas mudanças se devem diretamente à construção do Templo de Salomão ou pelas dificuldades financeiras enfrentadas pelos gestores desses templos frente à concorrência já estabelecida por outras Igrejas. Mas de certo tais Igrejas citadas constituem grupos sem tanta expressividade quando comparadas às grandes denominações presentes na Celso Garcia, como a Universal ou a Assembleia de Deus "Ministério Madureira".

Essa dificuldade para manter pequenas Igrejas na Avenida foi apresentada em uma reportagem do jornal Agora São Paulo, com o caso da Igreja Pentecostal "Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida", que fechou as portas em 2009.

A concorrência desproporcional por fiéis leva muitos grupos menores a fechar as portas. É o caso da Igreja Pentecostal Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida, com sede no número 243 da avenida Celso Garcia. Os cultos no local terminam hoje. Universal constrói maior templo do país em

SP "Não deu certo. O movimento forte aqui se dá nas igrejas maiores, principalmente a Universal. Nós não temos suporte para continuar", disse o pastor Francisco Edio, 33 anos (FERRAZ, Agora São Paulo, 16 ago. 2009).

Desde o início de sua construção, os preços dos imóveis ao redor do Novo Templo de Salomão subiram de preço, tal como anunciou a reportagem da Veja São Paulo (BATISTA JÚNIOR, João, Veja São Paulo, 8 mar. 2013). Os sites ZL Imóveis e Zap Pro, voltados para notícias sobre imóveis em São Paulo, apontam para uma contínua valorização do bairro. O Zap Pro noticiou que desde 2014 as imobiliárias já informaram um pequeno aumento da procura por imóveis comerciais próximos ao Templo, e que seus proprietários estavam apresentando cada vez mais exigências aos interessados e inquilinos, como o depósito de aluguéis antecipados (ZAP PRO, 23 out. 2014). Já a reportagem do ZL Imóvel apontou que, se havia uma valorização no bairro em curso, ela seria ainda maior nos próximos anos, devido ao término da construção e início do funcionamento do Templo (ZL IMÓVEL, 05 ago. 2014).

De certa forma percebe-se que a presença do NTS vem influenciando no funcionamento das pequenas Igrejas presentes na Celso Garcia, devido à valorização da região e às maiores exigências para manter os custosos investimentos no aluguel de espaços para seus cultos. Porém, não podemos atribuir tais mudanças a um único fenômeno. Além disso, devem ser levados em conta outros fatores determinantes para a manutenção e sucesso de uma Igreja/empresa na região.

Segundo Michael Porter (1986), existe cinco forças que determinam a continuidade de atuação e o lucro de uma determinada empresa: A rivalidade entre os concorrentes, poder de negociação dos fornecedores, poder de negociação dos compradores, entrantes potenciais e ameaça de substitutos. Essas forças acima citadas agem como “concorrentes” determinantes para a atuação da empresa no mercado, podendo ter maior ou menor importância, e são definidas a partir de uma perspectiva de rivalidade ampliada.

Já Martha Feldman (2000), aponta que o sucesso de uma empresa dependerá de como ela consegue enxergar e mudar seus costumes e por consequência seus procedimentos, dessa forma adaptando-se às nuances do Mercado. Ishikawa (1993) ainda fala sobre a capacidade da empresa em se basear nos requisitos demandados pelo consumidor visado, o que ele chama de “trazer o mercado para dentro”.

Em outras palavras, podemos sim traduzir esta análise, trocando o termo “Empresa” por “Igreja”, pois a lógica aplicada para o funcionamento, crescimento ou decadência de uma Igreja a partir do viés administrativo, é a mesma visualizada pelas Teorias de Mercado. Diante da concorrência que cerca a Universal, a única saída para sua sobrevivência no novo quadro das religiões no Brasil é a sua adaptação às tendências do Mercado.

Do ponto de vista da Geografia das Religiões, também é interessante notar que, além da Celso Garcia, temos esta aglomeração de Igrejas presente em outras capitais, como em Recife, na Avenida Cruz Cabugá, e em Fortaleza, na Avenida Castelo Branco. Esta grande concentração de Igrejas “em linha reta” parece ter se convertido em uma fórmula de adensamento de templos partilhada por grandes e pequenas denominações pentecostais e neopentecostais, como meio de garantir um “polo de fé”, tal como acontece em outros espaços metropolitanos, nos quais existem ruas ou avenidas voltadas para um determinado setor de serviços, como por exemplo, um adensamento lojas de carros em uma determinada avenida, uma concentração de lojas de roupas em uma rua, etc. A partir de uma análise funcional, é possível enxergar tal fenômeno como parte da estratégia de disputa de fiéis por essas denominações (GOMES, 2011, pp. 178-179).

Tais igrejas evangélicas, que são a maioria no bairro, têm como público os moradores de outros bairros distantes da cidade e de municípios da Grande São Paulo. E estas instituições escolheram estrategicamente esta região para construir suas sedes, pois, veem nas avenidas principais do bairro, a Rangel Pestana e a Celso Garcia, como vias de fácil ligação do Centro com a Zona Leste da capital por meio das linhas de ônibus, trem ou metrô. Assim, como em outras cidades, a Celso Garcia converte-se um excelente local para empreendimentos religiosos. Um verdadeiro “Corredor da Fé” para a presença de várias denominações.

Considerando que as pretensões de qualquer empresa, mesmo em meio a alta concorrência, são voltadas a manter seu crescimento financeiro e de clientes, essa mesma lógica acontece com as Igrejas. E como estratégia para se sustentarem no Mercado, a abertura de novos estabelecimentos é uma das medidas adotadas para acompanhar o crescimento esperado.

É a partir disso, cria-se um processo de gestão estratégica pautada em ações que proporcionam adaptações ao ambiente, apontada por Wright, Kroll e Parnell

(2010), que no caso das Igrejas neopentecostais em questão, desagua na construção de megatemplos.

2.3. A lógica do megatemplo dentro do Neopentecostalismo

Desde a sua fundação a Universal buscou espaços que pudessem concentrar o maior número de fiéis. Após o início de suas pregações no Coreto, Edir Macedo foi aos poucos alugando espaços cada vez maiores para seus cultos. A IURD passou por galpões, cinemas, até chegar a primeira sede definitiva, na Av. Suburbana, nº 7702, no bairro da Abolição – onde funciona até hoje como sede regional na cidade do Rio de Janeiro.

Com o crescimento da Igreja, em 1997 deu-se início à construção da sede mundial da IURD, a Catedral da Fé, hoje Templo da Glória do Novo Israel¹⁴. Esse templo teria a função de servir como um ponto de convergência dos fiéis. A partir de então começa um processo de construção de megatemplos para acomodar um maior número possível de fiéis. Esse fenômeno é chamado por Edlaine Gomes de a “Era das Catedrais”. De acordo com a pesquisadora

As catedrais representam um marco para a IURD, um símbolo da consolidação do seu processo institucional. Esta igreja responde às “acusações” e “perseguições” demonstrando sua capacidade de superá-las e adotando a catedral como um componente fundamental em sua retórica. O projeto foi efetivado em um contexto no qual a noção de autenticidade era apresentada em contraste com a de inautenticidade (GOMES, 2011, p. 137).

É nesse momento, que se percebe pela primeira vez na história da Universal uma espécie de projeto em torno de um centro que materializa as pretensões de crescimento da IURD. Uma das características desse templo é que ele serviria não apenas de apoio espiritual para seus fiéis, mas também material, contendo teatros, restaurantes, lojas, parque temático, etc. (GOMES, 2011, p. 185). Em outras

¹⁴ A antiga sede da Universal levou vinte anos para ser concluída e está localizada na Av. Dom Hélder Câmara, bairro Del Castilho. Com capacidade para 12 mil pessoas sentadas, é o segundo maior templo da denominação. A sede da IURD no Rio de Janeiro também abriga o Centro Cultural Jerusalém, que conta com uma maquete em escala da cidade de Jerusalém do tempo de Jesus, semelhante à exposta em Israel, no Santuário do Livro. Este Centro foi projetado pela IURD como consequência de sua gradual apropriação da simbologia judaica e da centralidade de Israel dentro da teologia evangélica.

palavras, as catedrais da Universal deixam de ser simples templos religiosos para se tornarem o “centro do mundo” iurdiano (ELIADE, 2013, p. 38) .

Sedes da IURD, como as de Recife, Belo Horizonte, Salvador e São Paulo (o templo do Brás, anterior ao NTS), são bons exemplos da ostentação e da magnitude que a Universal tenta passar com seus santuários, algo semelhante à ideia medieval acerca da grandeza das catedrais góticas, cuja concepção espacial era planejada semelhante à imagem que se tinha da ordem cósmica, onde o homem, entendido como criatura privilegiada, tinha como ambição maior o acesso à plenitude e magnitude do Reino de Deus. Como aponta Carlos Brandão (2006, p. 47), “as proporções gigantescas e inumanas de uma catedral como a de Colônia, bem como o ambiente predominantemente místico são condições fundamentais para que o fiel se ponha em contato com Deus”.

Esse padrão dos megatemplos teria duas funções, uma real, e outra simbólica. Uma que serve à instituição, outra ao fiel. A função real e principal seria abrigar uma concentração cada vez maior de fiéis, como demonstração de poder e autenticidade de tal Igreja. Como consequência dessa ambição, surge a função simbólica do megatemplo, que seria garantir ao visitante esse contato com Deus, através do que há de maior, mais valioso e mais ostentador. E somente através dessas “técnicas de construção” de tais espaços é que poderia ser possível reproduzir e encenar a “obra dos deuses” (ELIADE, 2013, p. 32).

Sem querer, a Universal introjetou um padrão de espaço sagrado seguido por outras denominações que brotaram de seu seio, como a Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus ou a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus. Considerando ainda esse padrão de megatemplo aplicado pela Universal, é possível enxergar uma relação direta entre esse modelo de espaço sagrado e a concorrência entre tais denominações supracitadas.

A crescente concorrência dessas novas Igrejas neopentecostais tem suas raízes na característica cismática, inerente ao protestantismo histórico, e as igrejas que dele derivaram, como foi citado por Calvani (2012, pp. 227-228). Se antigamente essa característica cismática tinha a ver com querelas doutrinárias e teológicas, hoje, porém, tem ligação direta com as transformações ocorridas na Religião da pós-modernidade, que, no caso das Igrejas neopentecostais, atualmente

estão centradas não mais na autoridade de sua instituição enquanto Igreja Cristã, mas no poder de orientação de seus líderes e fundadores.

Com isso, ao sinal da mais fina divergência é possível converter tal atrito ou, em uma mudança radical no modo de ser e agir da Igreja (seu *ethos*), ou no direcionamento de tal disputa a um esperado rompimento e fundação de uma nova denominação, que se tornará concorrente da primeira.

As mais díspares religiões, assim, surgem nas biografias dos adeptos com alternativas que se pode por de lado oficialmente e se pode abandonar a uma primeira experiência de insatisfação ou desafeto, a uma mínima decepção. São inesgotáveis as possibilidades de opção, intensa a competição entre elas, fraca sua capacidade de dar a última palavra. A religião de hoje é a religião da mensagem rápida, da lealdade pequena, do compromisso descartável. Mas não somente o crente muda de um credo para outro, desta para aquela religião. As religiões mudam também e mudam muito rapidamente, muitas vezes suas transformações apontam para um outro público alvo, visando uma clientela anteriormente fora do alcance de sua mensagem (PRANDI, 2003, p. 28).

Essa constante onda de divisão põem em risco o investimento realizado com a construção de templos cada vez maiores, de modo que, apesar de se projetarem sempre de modo positivo para o futuro, tais Igrejas enfrentam os mesmos problemas de uma empresa que perde seus clientes a partir de um processo crescente de concorrência na área em que atuam.

Se antes as maiores inimigas da IURD eram a Igreja Católica e a Rede Globo, hoje a maior pedra no seu sapato é, sem dúvida, a concorrência instaurada pelas novas grandes Igrejas neopentecostais, cuja maior representante desse momento é a Igreja Mundial do Poder de Deus, do Apóstolo Valdemiro Santiago.

Surgida em 1998 de um cisma do então pastor iurdiano, a IMPD logo se tornou um fenômeno neopentecostal através da figura caricatura de Valdemiro. Aparecendo com chapéu de vaqueiro nos cultos e com uma aproximação constante com os fiéis, o carisma de Valdemiro logo fez com que a Igreja Mundial crescesse tanto em patrimônio quanto em espaço na TV, chamando a atenção da Universal.

As disputas se intensificaram a ponto de em 18 de março de 2012 a Rede Record apresentar uma matéria no seu programa Domingo Espetacular, na qual denunciava que Valdemiro possuía várias fazendas em seu nome, compradas com dinheiro da Mundial (YOUTUBE, Programa Domingo Espetacular, 18 mar. 2012). A reportagem caiu como uma bomba para cima da IMPD, fazendo com que, a Igreja

perdesse tanto fiéis quanto espaço nas redes televisivas, devido à queda nas arrecadações.

É interessante que, no tocante à concorrência entre as novas Igrejas neopentecostais, o jogo está se voltando contra a própria IMPD. Em reportagem veiculada no site Gospel Prime, de setembro de 2015, foi apontado que a Igreja de Valdemiro está perdendo fiéis para a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD), do Apóstolo Agenor Duque – ex-pastor da IURD e IMPD –, devido ao crescente espaço conquistado pelo novo apóstolo no campo evangélico neopentecostal (LOPES, Gospel Prime, 18 set. 2015).

Atualmente a IMPD está sediada na “Cidade Mundial dos Sonhos de Deus”, megatemplo inaugurado em 2012¹⁵. O Apóstolo Agenor Duque – cuja sua Igreja também tem origem em um cisma com a Universal –, seguindo os mesmos projetos faraônicos de suas duas igrejas-mãe, também pretende construir uma sede digna para a IAPTD, de modo que esta supere o Templo de Salomão. Porém, por conta da queda de arrecadações, este projeto permanece engavetado até que as condições sejam mais favoráveis (BATISTA JÚNIOR, Veja São Paulo, 2 abr. 2016).

Da mesma forma, outros líderes religiosos como o Missionário R. R. Soares e o Pastor Silas Malafaia estão buscando abrigo para o futuro de suas denominações debaixo de megatemplos. O fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) está realizando a construção de um megatemplo para a sua denominação, o “Templo da Graça”, no bairro do Bom Retiro (na região central de São Paulo), que terá capacidade para 10 mil pessoas sentadas, a mesma do Templo de Salomão (G1 SÃO PAULO, 29 fev. 2016).

Já o líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC) anunciou em 2016 a construção de um megatemplo na cidade de São Paulo. De acordo com reportagem do site Gospel Mais, Malafaia tem planos de construir uma igreja com capacidade de receber até nove mil pessoas, com prazo de entrega de dois anos (CHAGAS, Gospel Prime, 23 nov. 2016). O bairro escolhido para receber a primeira igreja do ministério foi a Mooca. Esse projeto teria por função cumprir metas de

¹⁵ A “Cidade Mundial dos Sonhos de Deus” é o mais recente projeto do Apóstolo Valdemiro Santiago. Antes o “Grande Templo dos Milagres”, no bairro do Brás, era o maior templo da IMPD antes da construção do novo, localizado no bairro de Santo Amaro, e com capacidade para 150 mil pessoas. Embora a sede da Igreja ainda continue no Brás, os dois templos revezam entre si como o centro das atividades da Igreja. Possivelmente, num futuro próximo, a Igreja transferirá a sede oficial para o novo megatemplo, a exemplo da IURD.

expansão da ADVEC, na qual está inclusa a sua presença na cidade de São Paulo, o maior reduto de Igrejas do ramo assembleiano no país.

A expansão da ADVEC é um projeto ao qual Malafaia se dedica há anos. Em 2012, durante uma entrevista, o pastor afirmou que tinha planos de, até 2022, abrir 5 mil templos pelo país. Hoje, a igreja conta com 120 congregações espalhadas por todas as regiões, e embora o plano continue ousado, agora a ideia é abrir 1.000 templos até 2026 no estado de São Paulo (CHAGAS, Gospel Prime, 23 nov. 2016).

A reportagem também aponta que a estratégia de construção dos seus templos é o silêncio, de modo que a sua denominação cresça sem se envolver com as disputas evidenciadas entre a IURD, a IMPD e agora a IAPTD. É possível que esse modelo de espaço religioso, daqui a algum tempo, se torne um imperativo para aquelas denominações que quiserem estar no topo do mercado da fé.

É interessante registrar que outras Igrejas do ramo das Assembleias de Deus, também estão procurando construir seus megatemplos para abrigar suas novas sedes, como a AD de Ribeirão Preto com o seu “Ginásio”, seguindo o modelo da de Cuiabá, e a AD de Pernambuco, que pretende construir o maior templo evangélico da cidade do Recife, com 30 mil lugares, superando a Catedral da IURD, vizinha de sua atual sede (MARTINS, Gospel Mais, 6 jan. 2013).

Um ponto que deve ser destacado aqui, é que todas essas Igrejas citadas estão buscando fincar suas sedes na cidade de São Paulo. E com a IURD não poderia ser diferente. A mudança da sede da Universal, do Rio de Janeiro para São Paulo, atesta essa busca por uma autenticidade do que ela prega. Fincando a sede da Igreja na capital paulista, a IURD garantiria a continuidade de seu império, a partir de sua presença no coração da capital do empreendedorismo e do sucesso financeiro, expressando assim, a sua solidez enquanto instituição bem sucedida, diante do seu conglomerado de fiéis, afastando os maus ventos de uma crise que se abatia sobre a denominação.

O sentido dos megatemplos no contexto da Universal – suas catedrais – também é representado por determinadas categorias que são atribuídas à IURD, seja por pesquisadores externos, ou por pessoas ligadas à Igreja.

Refere-se à catedral como expressão de “fé consolidada”, “projeto monumental”, “obra grandiosa”, “megatemplos” etc. Um outro conjunto de categorias estabelecia a justificativa para esse investimento: necessidade,

exigência, crescimento e expansão. Por um lado, havia a expectativa de desaparecimento da IURD como igreja, devido à sua inerente inautenticidade. Por outro, a resposta da IURD, expressando justamente o contrário. A catedral delimita espaços e, fixando a presença da igreja, expressa sua solidez (GOMES, 2011, p. 150).

Tal como atesta Leonildo Campos, a atmosfera de um templo da IURD tem por função inserir o fiel dentro da dramaturgia encenada nos seus altares.

Os templos *iurdianos* externamente se assemelham muito mais a um salão comercial, cinema ou teatro do que aos modelos arquitetônicos de um templo católico ou protestante. Na sua fachada nunca falta um amplo painel, contendo em letras góticas, o moto da Igreja: “Jesus Cristo é o Senhor”, e logo abaixo: “Igreja Universal do Reino de Deus” [...] Uma coisa que chama muito a atenção de alguém, que visita um segundo templo da Igreja Universal, é a semelhança visual com o templo visitado anteriormente. Quem visitou um deles, praticamente conhece todos os demais, pois há uma padronização de cenários, aparências e maneiras de se atender o público. Assim também acontece com as estruturas cênicas, linguagem, ideologia e posturas dos agentes em todos os lugares onde há templos *iurdianos* (CAMPOS, 1999, pp. 75-77).

Entretanto, com a construção do Novo Templo de Salomão houve um rompimento, tanto com esse padrão romano-protestante de espaço sagrado, quanto com o padrão de megatemplos do meio evangélico até então existentes, em formato de teatro ou galpão, adotado por ela própria e por grandes Igrejas neopentecostais, como a Internacional da Graça de Deus e a Mundial do Poder de Deus.

O NTS não se encaixa em nenhum dos dois modelos, tanto em estrutura cênica, linguagem, ideologia e posturas dos agentes que promovem tal espetáculo, pois foge dessa padronização proposta pela Igreja. Agora, a nova sede da Universal se tornou o novo centro do mundo iurdiano. Todos os demais templos da instituição estão voltados para esta nova Sé, tal como as igrejas e catedrais católicas estão voltadas para a Basílica de São Pedro, em Roma. Por tais razões também é preciso analisar o impacto que essa centralidade do Templo tem sobre a identidade eclesial da IURD.

O que podemos concluir até então, é que a construção do NTS e a reforma da identidade eclesial e ritualística da IURD reflete diretamente a tese de Edlaine Gomes. Tal qual a “Era das Catedrais” surge como um projeto de soerguimento da IURD quando das denúncias contra o Bispo Macedo e a instituição na década de 90, essa “Era do Templo” surge com as tensões enfrentadas pela Universal nos anos 2000.

Conclui-se que a construção da Sede Mundial não constituía um fato isolado; a implementação de um projeto de igreja estava em curso, envolvendo mais que alterações na arquitetura de seus templos. Um discurso estava sendo difundido – o da retórica da superação – compreendendo a construção das catedrais, o enfoque da “fidelidade” e do “compromisso” dos membros com a instituição. Vale ressaltar que o anúncio da “era das catedrais” se deu pouco após um período muito tenso na história da IURD (GOMES, 2011, p. 154).

Por detrás da resposta da instituição a uma crise, existe um projeto de recuperação e de expansão da Igreja Universal de que está sendo posto em prática desde o anúncio do santuário. E podemos dividir este projeto em duas fases: A primeira, com a propaganda e construção do Novo Templo de Salomão, tinha a função de resgatar sua autenticidade como Igreja pioneira do Neopentecostalismo no Brasil. A segunda, por sua vez, não está no anúncio, construção ou presença do novo santuário enquanto um marco dos megatemplos no Brasil, mas sim no seu *modus operandi* enquanto “centro do mundo” Universal, e como ele afeta o fiel, seja ele iurdiano ou de outras denominações cristãs.

Porém, essa questão será analisada no último capítulo deste trabalho, para preservar a ordem cronológica dos acontecimentos e garantir o melhor desenvolvimento dessa pesquisa.

2.4. Um projeto monumental e irregular

O anúncio da construção do Novo Templo de Salomão foi feito por Edir Macedo em julho de 2010, na sede regional da IURD em São Paulo, localizada no templo da Avenida Celso Garcia, no Brás, vizinho ao terreno em que seria construído o futuro santuário.

Durante a sua pregação no altar, Macedo tomou parte do tempo da reunião para falar sobre o projeto, o andamento da construção, bem como alguns detalhes sobre o megatemplo, comparando-o com a Catedral da Fé, no Rio de Janeiro. Abaixo, tem-se a transcrição completa do vídeo veiculado pela programação da Universal, e disponibilizado no Youtube.

Vocês fiquem sabendo que nós já estamos nos preparando para a construção do templo, cujo formato é o mesmo que foi construído por Salomão: O Templo de Salomão. O templo que gastou toneladas de ouro,

ouro puro. O templo que consumiu toneladas de ouro puro. Toneladas... Hoje se fala em gramas de ouro, mas naquele tempo, no tempo de Salomão, sua riqueza era tão grande que ele usou toneladas de ouro para construir o Templo. Os objetos do templo eram todos de ouro puro, puríssimo, de ouro batido. Nós não vamos construir um templo de ouro, de forma nenhuma, mas nós vamos gastar toneladas de dinheiro. Isso não tenha dúvida. Nós já assinamos o contrato e nós já encomendamos as pedras que vêm lá de Jerusalém. As pedras iguais às que foram construídas, ou do mesmo material que foi construído o templo lá de Israel. As pedras que foram testemunhas do poder de Deus há dois mil anos atrás. E essas pedras nós vamos trazê-las. Nós construímos, forramos a Catedral da Fé, lá no Rio de Janeiro com as pedras de Jerusalém. E nós vamos construir uma catedral aqui para 10 mil pessoas e vamos revesti-la com as mesmas pedras. Nós já firmamos o contrato e me parece que são 8 milhões de dólares, o custo só das pedras. E nós tivemos que já encomendá-las, senão não ia dar tempo para trazê-las, para prepará-la. 8 milhões de dólares. Aí pergunta o fariseu e hipócrita: O bispo, por que construir, por que forrar a catedral, a igreja, o templo com pedras de Jerusalém se aqui tem tantas pedras bonitas? [corta-se o vídeo] Nós vamos fazer e para a glória do nosso Deus. E porque vocês também merecem [diz, apontando para os fiéis, que vibram e aplaudem]. Nós construímos assim no Rio de Janeiro, por que não vamos construir aqui em São Paulo? É ou não é? [o povo responde positivamente]. E nós vemos pessoas chegando lá no Rio de Janeiro, elas colocam as mãos ali naquelas pedras, e é como se elas estivessem colocando as mãos em Deus, porque é como Jesus disse: As próprias pedras falarão. [...] Então você vai ter um lugar enorme para colocar a sua mão e fazer a sua oração. Vai arrebentar. Vai ser linda, vai ser linda, mas linda, linda, linda... Vai ser a mais bonita de todas. Eu posso garantir que vai ser a mais bonita porque o modelo vai ser exatamente o modelo externo que foi feito a de Jerusalém. Que Salomão construiu e que Herodes mais tarde veio e reconstruiu. Então é esse templo que nós vamos construir. Os judeus estão esperando uma chance, uma oportunidade para construir esse templo lá em Jerusalém, onde está a mesquita muçulmana. Mas por causa da mesquita estar naquele local, eles não podem construir [corta o vídeo novamente] Eles já tem tudo preparado, todo o projeto preparado para construir um templo semelhante ao que foi construído no passado. E por que eles querem construir o templo? Sabe para quê? Para poder voltar a fazer sacrifícios a Deus. Todos os judeus de todo o mundo esperam uma oportunidade para construir o seu templo. Mas só pode construir o templo exatamente onde tem a mesquita. Mas como vai construir se tem a mesquita? Então eles estão aguardando que haja um terremoto para destruir aquilo, e aí eles vêm, tomam posse e fazem o templo deles. Mas nós vamos construir primeiro do que eles. [risos] Amém? Graças a Deus (YOUTUBE, Bispo Macedo anuncia construção de novo templo em São Paulo, 13 jul. 2010).

A construção do santuário teve início oficial no dia 8 de agosto de 2010, com o lançamento da pedra fundamental, realizado em cerimônia solene no terreno localizado no número 605 da Avenida Celso Garcia¹⁶, e acompanhado por uma multidão.

Algo interessante sobre essa cerimônia, é que na pedra fundamental estava grava a passagem bíblica do Evangelho de Mateus, 16:18: “Também eu te digo que

¹⁶ Vide Anexo A.

tu és Pedro, e sobre esta pedra, edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Durante o sermão de Edir Macedo, ele enfatizou que Pedro “não era a pedra”, mas sim que a “pedra” era a “fé viva em Jesus”. Esta breve fala de Edir Macedo reforçou a histórica oposição da IURD em relação à Igreja Católica Romana e também uma oposição à doutrina católica sobre o Primado de Pedro, a qual diz que o apóstolo de Jesus foi o primeiro Papa instituído, dentro de uma linha sucessória que se mantém até os dias de hoje.

Após o anúncio da construção, e posteriormente, o lançamento da pedra fundamental do Templo, muitos vídeos, notícias e reportagens circularam pela Internet, jornais e em emissoras de TV do Brasil e do mundo. Ora emitindo opiniões a favor do projeto, ora contra (GOMES, 2011, p. 24). Até hoje, muitos sites de notícias, blogs, e canais no Youtube veiculam todo tipo de conteúdo sobre o NTS, seja em nível de propaganda, denúncias sobre a Igreja ou o seu perfil teológico, teorias da conspiração, ou notícias em geral.

Independente do tipo de conteúdo gerado, as principais reportagens que foram veiculadas na grande mídia, eram de cunho jornalístico, apresentando o projeto, bem como seus números. Do lado da Rede Record, cada vez mais os jornais passaram a apresentar notícias sobre o NTS, sempre destacando a originalidade e magnitude do empreendimento.

Em suma, o projeto, assinado pelo arquiteto Rogério Silva de Araújo, ocuparia um grande quarteirão do bairro do Brás. O complexo teria 100 mil metros quadrados de área construída, em um terreno de 35 mil metros quadrados, medindo 56 metros de altura, 104 metros de largura e 126 de comprimento, equivalendo a um prédio de 11 andares. Um verdadeiro gigante em escala, quando comparado ao Templo original do rei Salomão, em Jerusalém, que media 14 metros de altura, por 9 metros de largura e 27 metros de comprimento (1 Reis 6:20; 2 Crônicas 3:8). Barbosa define a marca do projeto da IURD pela sua monumentalidade.

Os significados simbólicos imbricados à construção da nova sede internacional da Igreja Universal do Reino de Deus, expressam-se através de sua monumentalidade, localização e decoração - decoro [...] O NTS, concebido com linhas arquitetônicas que remeteriam, em tese, à descrição do Templo de Salomão contida no antigo relato bíblico; ocupa quase a totalidade de um quarteirão na Avenida Celso Garcia, sendo a monumentalidade uma de suas principais marcas (BARBOSA, 2015, p. 82-82)

Reportagens do site da Exame registram a superação do Templo de Salomão em relação à área construída da Catedral da Sé, na capital paulista (NOGUEIRA, Revista Exame, 16 abr. 2012), e do Santuário Nacional de Aparecida. No caso, do maior santuário mariano do mundo, este tem 23,3 mil m² de área construída, enquanto o Templo Salomão tem 100 mil m² (SOUZA, Revista Exame, 25 jul. 2014). Dessa forma, o Templo do Brás assume a posição de “maior espaço religioso do país em área construída”.

O que se percebe nesta empreitada da Universal, ao tentar substituir os grandes monumentos religiosos brasileiros, pertencentes à Igreja Católica como um meio de resgatar a autenticidade e identidade que possuía no início de sua escalada, a partir de um ofuscamento de outras religiões.

Como exemplo dessa tentativa de ofuscamento, tem-se o Cristo Redentor, que à época da construção da Catedral da Fé do Rio de Janeiro, virou alvo de críticas da Universal, segundo a qual, perderia seu posto como cartão postal, diante do novo templo iurdiano. Com o Novo Templo de Salomão, a IURD pretende ir ainda mais longe. O NTS denota o desejo da Igreja Universal de ocupar o lugar antes preenchido no país pelo catolicismo, projetando-se em um tempo futuro no qual os evangélicos serão maioria no país – de acordo com as pesquisas apontadas por José Eustáquio Alves (EcoDebate, 25 jul. 2016).

Quanto ao custo de construção NTS, os valores variam. Sites como a UOL divulgaram que o custo oficial foi de US\$ 305 milhões de dólares (R\$ 680 milhões de reais) (ROMERO, UOL Notícias, 27 jul. 2014). No site da Universal, a mesma rebate as notícias que se espalharam pela internet de que o Templo teria custado um bilhão de reais.

De acordo com a nota divulgada pela Universal, a partir dos dados auditados pela Jones Lang LaSalle, empresa internacional de consultoria em engenharia contratada pela Igreja para supervisionar a construção, o santuário teria custado o valor exato de R\$ 413.779.184,04 (Quatrocentos e treze milhões, setecentos e setenta e nove mil, cento e oitenta e quatro reais e quatro centavos) (UNIVERSAL, 18 out. 2013). Porém, junto com a grandiosa obra vieram problemas (e suas polêmicas decorrentes) relacionados a questões tributárias e judiciais que envolveram o período em que o santuário foi erguido.

Um dos principais problemas em relação à construção do Templo teve relação com o seu alvará de funcionamento. Para a autorização de funcionamento de qualquer tipo de estabelecimento, o Corpo de Bombeiros, após a devida inspeção do local, concede um documento chamado “Habite-se”. No entanto, o NTS foi inaugurado com um alvará provisório, expedido pelo então prefeito de São Paulo, Fernando Haddad.

Ao conceder um alvará provisório para a inauguração de uma igreja, a gestão Haddad repete o que foi praticado no governo anterior. Em 2012, o então prefeito Gilberto Kassab (PSD) concedeu alvará provisório para a inauguração do megatemplo Mãe de Deus, do padre Marcelo Rossi, em Interlagos, na Zona Sul. Em 2010, Kassab assinou uma autorização provisória do próprio punho para garantir a liberação do templo da Igreja Mundial na Rua Carneiro Leão, no Brás. O ex-prefeito chegou a ser alvo de ação do Ministério Público por causa da licença, considerada ilegal pela Promotoria de Habitação (VEJA, 31 jul. 2014).

Em 2014, após a inauguração do Templo, a Controladoria Geral do Município de São Paulo abriu sindicância para averiguar uma denúncia de irregularidade na construção do Novo Templo de Salomão. O problema se deu porque esse documento provisório era um alvará de reforma, concedido no dia 22 de outubro de 2008. Como a Universal estava construindo um grande complexo no coração da Celso Garcia, este deveria ser enquadrado como um polo gerador de tráfego, por conta do impacto da obra, o que custaria 34 milhões de reais para a Igreja, em obras viárias. Uma vez que utilizou um simples alvará de reforma, ela foi obrigada apenas a instalar seis semáforos e plantar 25 árvores no entorno do Templo (ZYLBERKAN, Revista Veja, 1 ago. 2014).

Por conta dessa fraude – e do livramento de pagar 5% do valor de construção da obra –, a IURD deveria se responsabilizar pela construção de moradias populares, como alternativa à multa gerada por conta do alvará, o que seria feito em no máximo 180 dias. Tal promessa foi firmada em cartório por um bispo da Igreja e representantes da gestão Haddad, porém não foi cumprida. Somente com a ameaça de fechamento e até demolição do edifício, foi que a Universal cumpriu com o acordo. E após dois anos da inauguração do Templo e tais pressões, a Igreja realizou a doação de um terreno no valor de 38 milhões, que servirá para a construção de 700 moradias populares na Zona Leste de São Paulo (VEJA, 20 out. 2016).

O que se percebe nestes casos é até onde chega o poder de barganha de instituições religiosas frente ao Poder Público (e aqui pouco importam se são católicas ou evangélicas) e as facilidades que alcançam na aprovação, liberação e execução de seus projetos, a partir de uma flexibilização da lei que não seria possível em outros casos ou vias comuns. De acordo com Giumbelli (2012, p. 19), o avanço evangélico (neo) pentecostal na esfera pública e sua notável influência é apenas reflexo de um “efeito revelatório” daquilo que estava encoberto pela dinâmica do catolicismo sobre a política brasileira, que aos poucos está desconstruindo a falsa ideia de que o secularismo e a laicidade haviam se consolidado pelo ordenamento jurídico com o estabelecimento do Republicanismo (BERGER, p. 10).

Outro problema jurídico, mas de ordem privada, que a Universal enfrentou durante a construção da nova sede, diz respeito ao Edifício. De acordo com o projeto, o condomínio, que fica dentro do quarteirão ocupado pelo santuário deveria ter sido demolido, para que nada impedisse a visão completa do Templo para quem passa pela Avenida Celso Garcia. De acordo com reportagem da Veja São Paulo, a Universal pretendia comprar todos os apartamentos. Porém, um dos moradores se recusou a sair. Por falta de alternativas, a Igreja decidiu reformar a fachada do prédio, para diminuir o impacto da imagem desgastada do edifício frente ao requintado Templo.

A igreja já conseguiu comprar trinta dos quarenta apartamentos do prédio. No começo, pagava 90.000 reais por unidade. Hoje, as negociações não começam por menos de 2 milhões, o milagre da valorização. Pastores ocupam esses imóveis adquiridos. Como estão em maioria, decidiram trocar o síndico e querem agora instalar um elevador novo (o último foi trocado há apenas cinco meses). “Eles planejam deixar o condomínio caro para tirar quem ainda restou”, acusa o comerciante Rivaldo Cunha de Moraes, dono do apartamento de número 65 há 31 anos. “Eu vivo sob terror psicológico.” Em março de 2011, segundo ele, cinco vizinhos que não haviam aceitado vender seu imóvel acordaram com um saco de pano vermelho na porta. Dentro de cada um havia uma galinha preta morta. Na ocasião, os moradores fizeram um boletim de ocorrência no 12º DP, no Pari. Como não conseguiu demolir o prédio, a Universal faz neste momento uma grande reforma para deixá-lo mais bonito para a inauguração da nova sede (BATISTA JÚNIOR, Veja São Paulo, 30 mai. 2014).

Dois anos depois da inauguração do Templo a situação permanece, bem como as pressões da IURD para que os condôminos restantes deixem o prédio. Em reportagem do Estadão, em outubro de 2016, o caso do Edifício Vidago foi

comparado ao roteiro do filme brasileiro *Aquarius*, que retrata as pressões da especulação imobiliária na cidade do Recife.

O drama de quem mora no Edifício Vidago [...] vizinho à igreja inaugurada em 2014 pela Universal, lembra aquele retratado no longa *Aquarius*, em que Sônia Braga interpreta uma jornalista aposentada que vive sozinha num prédio de frente para a Praia de Boa Viagem, em Recife. Ela foi a única moradora que decidiu resistir às diversas investidas de uma construtora que pretende demolir o edifício que dá nome ao filme e construir um novo empreendimento no terreno (VEIGA, Estadão, 08 out. 2016).

Até a conclusão deste trabalho o edifício continua dentro do quarteirão do santuário. Porém, por conta da contínua pressão e aumento do valor do condomínio, é possível que a Universal adquira por completo os apartamentos, colocando abaixo o edifício para completar o projeto original do santuário.

Por outro lado, os problemas políticos e jurídicos relacionados ao NTS pouco importavam para os fiéis, que estavam ansiosos por ver a promessa feita por Edir Macedo se concretizar. Desde o início da obra, os fiéis iurdianos não pouparam as doações para ver completa a obra feita “para a glória de Deus”, como disse Macedo. Para aumentar os canais de arrecadação, desde 2012 a IURD passou a utilizar um aplicativo para que seus fiéis pudessem doar o dízimo e fazer outras ofertas, via Facebook. Essa facilidade, além de refletir o uso de novas tecnologias, revela a necessidade cada vez maior de se utilizar as redes sociais para se angariar ainda mais dinheiro, dinheiro esse que, na época, foi fundamental na construção do Templo de Salomão (MARTINS, Gospel Mais, 24 ago. 2012).

Da mesma forma, neste período, notou-se o uso maciço das redes sociais pela IURD, como nunca antes havia feito. Para divulgar seu mais novo empreendimento a instituição não poupou esforços em utilizar sites, blogs, canais de vídeos que bombardearam a Internet de informações relativas ao NTS. Como consequência natural do empreendimento e da denominação envolvida, sites e blogs não ligados à Igreja também registraram a construção do santuário iurdiano, de modo que isso reconfigurou os mecanismos de buscas virtuais. Se jogarmos no site do Google o termo “Templo de Salomão” em português, quase todos os resultados primordiais levam ao santuário iurdiano, demorando para se encontrar referências ao Primeiro Templo construído em Jerusalém, diferente do que acontece quando se digita o termo em inglês – *Temple of Solomon* ou *Solomon’s Temple*, que

geralmente vem acompanhado pela sigla UCKG, se referindo ao nome da IURD em inglês (Universal Church of the Kingdom of God). Assim, o empreendimento iurdiano se tornou consolidado na Internet.

Outro ponto interessante sobre o uso das redes sociais para a propaganda do NTS foi a transmissão da construção do santuário, que poderia ser acompanhada pela Internet, em tempo real. Como uma espécie de contagem regressiva, a Universal disponibilizou um *link* para que seus fiéis acompanhassem com expectativa – e também curiosidade –, o levantamento das colunas e das paredes do edifício, tendo esse *link* expirado com a inauguração do complexo¹⁷.

Esta transmissão vinte e quatro horas do Templo, seja em sua construção, ou após sua inauguração, com a transmissão dos cultos, é consequência do fenômeno de midiática da fé, onde o discurso religioso se confunde com o discurso midiático, transformando a prática religiosa em um verdadeiro *reality show*.

Outro fenômeno da cultura de massa contemporâneo, o reality show, também está atravessado por essa fragilidade do símbolo. Mas ali o defeito é transformado em virtude: brincamos com o fato de não termos como saber quanto há de verdade, e quanto há de representação naquele show (MINERBO, 2007, p. 105).

Indo mais além, é possível apresentar esse “Big Brother” iurdiano como um arquétipo do “Templo” enquanto santificador do “Tempo Sagrado”, exercendo a função de regular os ciclos da vida, representando o início e fim de uma Era. Aqui temos um encontro do Templo de Jerusalém com o Novo Templo de Salomão, que se tornaram o centro do mundo, para os judeus, e para os fiéis da Universal, respectivamente.

Reencontramos um simbolismo temporal análogo integrado no simbolismo cosmológico do Templo de Jerusalém. [...] O Templo era uma *imago mundi*: situando-se no “Centro do Mundo”, em Jerusalém, santificava não somente o Cosmos como um todo, mas também a “vida” cósmica, ou seja, o Tempo (ELIADE, 2013, p. 68).

Ter uma contagem regressiva até a conclusão do NTS significava fechar um ciclo de dificuldades para inaugurar uma nova era de superações e conquistas, na qual o santuário iurdiano era o símbolo dessa capacidade de soerguimento da instituição, bem como passava agora a ser este símbolo na vida dos seus fiéis, que

¹⁷ Vide Anexo B.

esperavam ansiosos as bênçãos do “Deus de Israel”, dadas através de “Sua morada”.

E por ser único, o Novo Templo de Salomão cumpriu o papel de trazer uma autenticidade à IURD, há algum tempo esquecida – para não dizer interrompida.

No Templo será possível estar em contato com a história singular da igreja, que é indissociável do próprio templo/tempo bíblico. Está impressa nele, nas pedras, na dimensão, no dinheiro investido, na utilização dos espaços, na visibilidade, na paisagem urbana. É cópia, mas é única (GOMES, 2011, p. 27).

Até o momento foi apresentado um estudo sobre as origens da Igreja Universal, sua trajetória, declínio, e por quais razões primárias ela levou a cabo a construção do Novo Templo de Salomão.

Ao longo do texto foram citados de modo paralelo o Templo de Jerusalém (Primeiro e Segundo Templo) e o Novo Templo de Salomão, mas pouco se discorreu sobre o que de fato eles são. E aqui são obrigatoriamente lançadas algumas perguntas: No que eles consistem? No que diferem? Quais são os seus elementos arquitetônicos e simbólicos?

Para se compreender como o NTS irá atuar na segunda fase do projeto de expansão da IURD aqui apresentado, antes é preciso entender no que ele se constitui e como ele funciona. E para isso é preciso adentrar no santuário iurdiano, e visitar os seus ambientes, patamares e instalações.

3. TEATRO, TEMPLO E MERCADO¹⁸: O Novo Templo de Salomão

"[...] Construí para Ti um templo magnífico, um lugar para nele habitares para sempre!".

Segundo Livro de Crônicas 6:2.

Para se compreender melhor o que o Novo Templo de Salomão significa é preciso mergulhar em sua estrutura. Mais do que isso, é preciso compreender que cada detalhe seu foi pensado minuciosamente, para que nada escape ao projeto de imersão na atmosfera judaica que a construção tenta passar ao visitante.

Para este capítulo foi feito um estudo minucioso de observação do exterior, interior, objetos e símbolos que compõem o santuário, utilizando-se tanto de fotos oficiais encontradas na internet – disponibilizadas nos Anexos –, vídeos de transmissões da Igreja Universal, disponibilizados no Youtube e de reportagens veiculadas por jornais e sites do país, com destaque para a reportagem especial da Veja São Paulo sobre a estrutura do complexo (BATISTA JÚNIOR, Veja São Paulo, 30 mai. 2014) e a transmissão da inauguração do santuário iurdiano (YOUTUBE, Inauguração Oficial do Templo de Salomão, 31 jul. 2014). Esse conjunto de fontes ajudará fundamentar esta parte do trabalho a partir de um estudo crítico da função de cada parte do santuário e sua ligação bíblica e histórica com o Templo de Jerusalém.

Como aponta o apresentador Silvio Santos, em sua entrevista¹⁹ para o programa Domingo Espetacular, da Record, durante sua visita, a construção do

¹⁸ CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado**: organização e marketing de um empreendimento Neopentecostal. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

¹⁹ Duas reportagens ganharam destaque sobre o Templo de Salomão em 2015. Uma foi feita para o programa Conexão Repórter, do SBT, veiculada em 26 de abril de 2015. Foi anunciada como a "primeira entrevista com Edir Macedo, feita por outra rede televisiva além da Record". No programa foi apresentada a trajetória do Bispo e da Igreja Universal, bem como a construção do Templo de Salomão. A outra foi veiculada no Domingo Espetacular, da Rede Record, levada ao ar em 02 de agosto de 2015. Nesta entrevista, a Record mostrou o encontro de Edir Macedo com Silvio Santos dentro do Templo de Salomão. O que se percebeu nestas duas entrevistas foi uma aproximação do

santuário é uma ideia de construir uma réplica do Templo de Salomão no meio de uma grande metrópole como São Paulo foi, de fato, algo original no mundo inteiro.

Muita gente no mundo poderia ter construído tal réplica, até mesmo com seu dinheiro, no entanto ninguém teve essa ideia [...] Se fizessem isso em Nova York, que tem uma quantidade muito grande de judeus e de judeus ricos, em uma semana conseguia o dinheiro para fazer nos Estados Unidos (YOUTUBE, Programa Domingo Espetacular, 02 ago. 2015).

De fato, grandes denominações mundo afora, inclusive que se apropriam de símbolos, liturgia, discursos e demais elementos do Judaísmo, poderiam ter construído templos cuja arquitetura de algum modo remetesse ao histórico Templo de Jerusalém. No entanto, nenhuma delas até hoje concebeu tal empreendimento.

Edir Macedo inovou ao perceber o poder de influência que os símbolos judaicos têm sobre a mentalidade e o modo de ser dos evangélicos brasileiros no século XXI. E isso se traduziu nesse projeto ousado que foi a reforma da IURD enquanto instituição evangélica neopentecostal, passando a se comunicar não mais através dos símbolos da tradição cristã, mas sim através da totalidade dos símbolos que remetem ao Judaísmo do período bíblico dos reis. A sutileza é tamanha que, desde a forma do edifício até as pedras que o recobrem, tudo deveria lembrar a cidade sagrada. De acordo com Edir Macedo em sua entrevista ao Domingo Espetacular, a IURD buscou fazer com “as pessoas que não terão a oportunidade de ir a Israel terão a oportunidade de ir ao Templo, e contemplar as pedras de Israel” (YOUTUBE, Programa Domingo Espetacular, 02 ago. 2015).

Da mesma forma como se espera que um espectador seja transportado para a época de Jesus durante uma apresentação do espetáculo da Paixão de Cristo de Nova Jerusalém, por conta da fidelidade da reprodução, tanto da cenografia quanto da atmosfera criada durante a execução das cenas, o projeto do Templo de Salomão teve muito cuidado em garantir que o fiel-espectador se sentisse transportado para dentro do Templo e da Jerusalém do século I.

SBT com a Rede Record, em uma espécie de parceria que teve como objetivo, além garantir o IBOPE das duas emissoras, realizar uma clara propaganda institucional do Templo de Salomão. Além de mostrar detalhes sobre o NTS, a entrevista com Macedo pelo SBT abordou os episódios que envolveram a sua prisão – acusada de ser arquitetada pela Rede Globo, citada indiretamente por Edir –, e sua oposição à Igreja Católica. Basicamente, as duas reportagens colocaram o nome, a obra e as posições de Edir em evidência, buscando apresentar um perfil atual do fundador da IURD (STORTO; FIGUEIRÊDO, 2015).

A concepção da identidade do santuário iurdiano por si só já é algo complexo, uma vez que envolve uma série de elementos arquitetônicos e simbólicos, oriundos de dois períodos distintos do Judaísmo primitivo. Além disso, é preciso repensar acerca do termo utilizado pela IURD para se referir ao seu novo santuário. O termo “Templo de Salomão” alude ao chamado “Primeiro Templo”, erguido na cidade de Jerusalém pelo Rei Salomão – que chamaremos assim para diferenciá-lo do Novo Templo de Salomão.

Antes de tudo, precisamos situá-lo historicamente. Tal como atesta Karen Armstrong, as informações que possuímos sobre o Primeiro Templo “provém inteiramente dos autores bíblicos, que o descreveram em detalhes, às vezes muito depois da destruição do edifício” (ARMSTRONG, 2011, p. 75). As normas de construção estão presentes em 1 Reis 6:2, 6:20; 2 Crônicas 3:8, e os detalhes de decoração apresentados em 1 Reis 6:15, 18, 21, 22, 29.

Edificado e provavelmente projetado por artesãos de Tiro, ao que tudo indica era um exemplo típico da arquitetura imperial da Síria. Os fiéis comuns não tinham acesso seu interior, e os sacrifícios realizavam-se no pátio externo. O santuário em si era bem pequeno e composto de três partes: o vestíbulo [Ulam], na extremidade oriental; a sala do culto [Hekhal]; e, no alto de uma pequena escada, o Santo dos Santos [Devir], que abrigava a Arca e era fechado por uma cortina de linho azul, carmesim e púrpura. O mobiliário mostra como o culto jerosolimita de Javé se adaptara à paisagem espiritual do Oriente Próximo. Com exceção da Arca, não incluía símbolos evidentes do Êxodo. A Bíblia nos diz que havia no Hekhal dois grandes candelabros de ouro, uma mesa de ouro para os pães da proposição e um altar de cedro dourado para os perfumes. Havia também uma serpente de bronze, mais tarde identificada com a que Moisés fabricou para livrar o povo da praga, porém relacionada provavelmente com o velho culto jebuseu. Na entrada do Ulam erguiam-se duas colunas, enigmáticamente chamadas de “Jaquim” e “Booz”, e fora, no pátio aberto, localizavam-se o imponente altar dos sacrifícios e um tanque de bronze maciço, sustentado por doze bois também de bronze, representando o Yam, o mar primordial. Figuras esculpidas de querubins, palmeiras e flores revestiam as paredes internas e externas do Templo. A influência síria é evidente (ARMSTRONG, 2011, pp. 75-77).

Em 586 a.C., com a invasão de Israel pelas tropas de Nabucodonosor II, o Primeiro Templo foi destruído. Dá-se início ao chamado “Cativo da Babilônia”, que se estende até o ano de 516 a.C., quando os judeus retornam ao seu Reino e dá-se início à construção do chamado Segundo Templo pela iniciativa do líder judeu Zorobabel, como está narrado em Esdras 5:1-6,18.

Posteriormente, no século I, o rei Herodes – “o Grande” – implementou uma reforma no Templo, dando-lhes características helênicas, algo que muitos judeus

tomaram como uma blasfêmia. Além de desobedecer as ordens diretas dadas por Deus para a construção do santuário, esta reforma descaracterizou profundamente a construção, cujo único propósito desta empreitada do monarca judeu era de agradar a César, que foi presenteado com a construção da Fortaleza Antônia, edifício este que passou a sediar o governo romano na província da Judeia.

A população naturalmente ficou preocupada: e se o rei demolisse os edifícios existentes e depois não tivesse dinheiro pra dar continuidade à obra? Será que ele observaria as prescrições da Torá? Suas construções costumavam ser extraordinariamente inovadoras, mas a planta do Templo fora revelada por Deus Moisés e a Davi e não deixava margem à originalidade. [...] Se não se podia alterar o tamanho ou a forma do Templo, Herodes podia, no entanto, fazê-lo mais bonito. Revestiu as paredes de mármore branco, com veios avermelhados e azuis, “como as ondas do mar”. Cobriu de ouro as portas do Hekhal, decorou-as com “vinhas douradas, das quais pendiam cachos da altura de um homem”, e guarneceu com uma inestimável cortina de linho escarlate, azul e púrpura, com bordados que representavam o sol, a lua e os planetas (ARMSTRONG, 2011, p. 170).

No ano 70, devido às inúmeras revoltas que se sucederam, as tropas romanas, sob o comando do general Tito, destruíram o Templo de Jerusalém, deixando apenas intacto o muro ocidental, hoje conhecido como Muro das Lamentações. A área retangular do Monte do Templo que era coberta pelo santuário judeu, hoje abriga a Esplanada das Mesquitas (*Haram Al-Sharif*, em árabe).

Quando analisamos as representações gráficas do Primeiro e Segundo Templos²⁰ percebemos que há uma confusão de imagens quanto ao que à IURD tenta transmitir aos seus fiéis. Estes estão entrando em um Templo que leva o nome do rei Salomão. Porém, sua arquitetura, proporções e motivos estéticos remetem ao Segundo Templo, o “Templo de Herodes” – de acordo com o modelo apresentado na maquete de Jerusalém²¹ –, que sequer contava mais com a Arca da Aliança. Essa aparente confusão das terminologias, quando relacionadas ao período arquitetônico, ganha sentido quando relacionamos os legados discrepantes, existente entre o rei Salomão e o rei Herodes.

²⁰ Vide Anexo C.

²¹ O modelo citado está em permanente exposição no Museu de Israel, em Jerusalém, e foi financiado pelo Hotel Holyland. Essa maquete reconstrói a topografia e o caráter arquitetônico da cidade de Jerusalém à época de ser destruída pelos romanos. Ao centro da maquete se encontra o Templo de Jerusalém, cujas características foram apresentadas de acordo com décadas de escavações e estudos arqueológicos feitos pela Universidade Hebraica de Jerusalém.

A palavra *container* Salomão; o líder primaz da IURD, constela em si mesmo, dentro da configuração parcial do corpus discursivo analisado [...], a figura arquetípica do rei Salomão — ele não evoca conscientemente ao rei Herodes, figura nababesca, de luxo e ostentação, pois não se reporta nunca ao templo de Herodes: o templo de Herodes foi destruído! — ele é Salomão, o homem que recebeu de Deus a ordem expressa acerca da construção do Templo. Assim como Salomão, a IURD teria recebido “a aprovação divina para a realização do projeto do Novo Templo de Salomão” (BARBOSA, 2013, p. 180).

Dessa forma, no imaginário que a Universal tenta passar, o Novo Templo de Salomão seria um marco que sobreviveria ao tempo, como prova do “mandado divino” conferido à IURD neste século XXI. Mais do que isso, o NTS é a síntese mais que perfeita da tese de Leonildo Campos, em sua famosa obra “Teatro, Templo e Mercado”. E tal como o autor afirma no epílogo de sua obra, o segredo de seu sucesso para o século XXI está na reformulação de seus “produtos” ante ao Mercado religioso brasileiro (CAMPOS, 1999, p. 474). E ao tomarmos o Novo Templo como objeto de estudo desta nova fase da Universal, percebe-se que a instituição realmente seguiu esta “fórmula” descrita por Campos.

Desde a sua construção, até a sua inauguração e funcionamento, a Universal teceu todo um marketing em torno de sua mais nova sede, vendendo-a como o local mais sagrado entre todos os santuários já erguidos até então, tornando-o seu palco principal, que resgataria a encenação dos antigos rituais do Judaísmo Ortodoxo.

E para garantir a legitimidade do seu novo santuário, a Universal buscou reencenar os acontecimentos narrados na Bíblia que envolvem o Templo de Jerusalém, de modo a legitimar cada passo dado dentro do NTS, desde a inauguração até os cultos posteriores, reproduzindo não apenas a forma, mas também a intenção do culto ali realizado, transmitindo assim, ao fiel iurdiano, a sensação de que ele se encontra em um espaço sagrado, sendo esta sacralidade garantida por uma espécie de sucessão sacerdotal a partir desta reencenação.

3.1 A inauguração

Após quatro anos de construção, o Templo do Brás finalmente estava pronto.²² Mas antes de sua inauguração, no dia 19 de julho de 2014 foi realizada a consagração do novo santuário. Este evento, registrado na terceira parte da série

²² Vide Anexo D.

Nada a Perder, teve participação apenas de bispos, pastores e obreiros da Universal, vindos de várias partes do mundo (MACEDO, 2014, p. 238).

Esta espécie de dedicação foi semelhante ao episódio descrito em 1 Reis, 8:1-66, onde o rei Salomão inaugurou seu templo recém-construído, realizando suas primeiras orações e rituais. Dentro do imaginário iurdiano, a reprodução do evento do Antigo Testamento serviu como uma espécie de legitimação para o local, a partir de então, devidamente consagrado para o culto ao Deus de Israel. E uma vez dedicado, o Templo poderia ser utilizado pelo povo.

A tão esperada inauguração ocorreu na quinta-feira, 31 de julho de 2014. A escolha desta data para a inauguração do NTS, tem relação com a passagem de 1 Reis 8:2, cuja inauguração do Templo de Jerusalém ocorreu durante o mês de *Etanim*, o sétimo mês do calendário judaico. Aqui se percebe uma estratégia de marketing do novo santuário por parte da IURD, que, além de ter escolhido uma data que aludisse aos episódios bíblicos, evitaria um choque com os últimos jogos da Copa do Mundo – transmitidos pela Globo –, jogando-a assim para o final do mês. Da mesma forma, a Universal instituiu entre o mês de junho e julho o “Jejum de Jesus”, que teria por função, afastar os fiéis das informações vindas de veículos de comunicação seculares.

Entre os dias 10 de junho e 19 de julho os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus farão o Jejum de Jesus, deixando de consumir qualquer tipo de informação secular. Dentro das coisas proibidas está a leitura de jornais, revistas, sites, acesso a redes sociais, programas seculares na TV, rádio e até mesmo os jogos da Copa do Mundo (LOPES, Gospel Prime, 23 mai. 2014).

Esse jejum já era um ritual realizado pela Universal ao longo do ano, porém com o nome de “Jejum de Daniel”. Essa referência a Jesus dizia respeito ao fato desse jejum durar 40 dias, semelhante aos 40 dias em que Jesus, de acordo com as narrativas evangélicas, passou jejuando no deserto antes do episódio da Tentação. Além do intuito de tirar a audiência da Rede Globo durante o período da Copa, e do alegado “fortalecimento espiritual” para a inauguração do Novo Templo de Salomão – de modo que os fiéis estivessem totalmente voltados para a instituição –, essa prática transparece uma prática de controle ideológico da IURD para com seus fiéis (PEÑA-ALFARO, 2006, p. 245), a partir da legitimação de um discurso de dominação, representado pelo poder de dizer o que se fazer ou não se fazer.

Desde a manhã do dia 31 de julho, os quarteirões que circundavam o NTS apresentavam uma movimentação de fiéis. O evento da IURD parou o trânsito do bairro do Brás, com o deslocamento de 10 mil convidados. Entre as autoridades governamentais estavam a então presidente Dilma Rousseff e o seu Vice, Michel Temer, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin e o então prefeito Fernando Haddad. Junto com outras autoridades dos poderes executivo, legislativo e judiciário, o evento contou com a participação de mais de dois mil pastores de várias denominações e a presença do Cônsul-Geral de Israel, Yoel Barnea e membros da comunidade judaica.

Do lado de fora do Templo, milhares de pessoas acompanharam a inauguração através de telões que projetavam as imagens internas e externas do santuário, tudo dentro de um rígido cerimonial, desde a divisão do espaço, com setores específicos destinados ao público em geral e aos convidados que entrariam no recinto, até a ambientação, semelhante a uma premiação do Oscar, com uma iluminação especial para o templo e o uso de um tapete vermelho que conduzia até o interior do santuário. Algo que não poderia passar despercebido foi o comportamento de muitos fiéis e obreiros, que rezavam com a cabeça e os braços encostados contra a parede da fachada do templo, em gesto semelhante ao praticado pelos judeus que rezam no Muro das Lamentações, em Israel.

A cerimônia começou às 18h, com a apresentação de uma orquestra e coral. Essa abertura contou com projeções na fachada do Templo de um filme que narrava desde a trajetória do povo judeu até a fundação da Universal, cuja função era de apresentar a IURD como uma continuação do pacto de Deus firmado com o povo de Israel. Em seguida, aconteceu o cortejo da Arca da Aliança, onde bispos e pastores levaram a Arca pela Celso Garcia, do outro templo da Universal no Brás até o altar do Templo de Salomão,²³ semelhante ao cortejo da Arca em Jerusalém, trazida pelos sacerdotes judeus. Sua entrada foi ao som da trilha do compositor Elmer Bernstein para o filme épico "Os Dez Mandamentos" (1956).

As formalidades prosseguiram com um coral composto de mulheres africanas, que, vestidas com roupas coloridas que remetiam ao estilo de muitos países do Continente, entoando cânticos evangélicos em inglês e zulu. Em seguida, a orquestra tocou o Hino de Israel e o Hino Nacional brasileiro. O interessante é que a

²³ Vide Anexo E.

presença de representantes das nações africanas vestidos de forma típica evidencia a tentativa da Universal de reforçar sua imagem como uma Igreja internacional, que não discrimina nem menospreza a cultura africana, apesar de, em sua história, existir muitos casos de discriminação à cultura, às práticas, e às religiões de origem africana (YOUTUBE, Inauguração Oficial do Templo de Salomão, 31 jul. 2014).

No culto de inauguração, Edir Macedo falou constantemente sobre superação, sempre remetendo ao Templo como símbolo de persistência, solidez, e vitória ante as dificuldades da vida. E como exemplos práticos dessas superações, apresentou testemunhos de fiéis que venceram o vício em drogas, em especial, o crack, tema este bastante levantado pela Universal durante os suas reuniões. A cerimônia finalizou com a benção do Bispo Edir Macedo e hinos religiosos.

Realizada a inauguração, para um público restrito, o santuário passou a receber caravanas organizadas pela Igreja, com fiéis vindos de todas as regiões do país, bem como pessoas de outras pertencas religiosas passaram a frequentar o templo. Independente das motivações que levam o visitante ao NTS, o que ele encontrará será algo verdadeiramente inédito.

3.2. O Templo

Ao avançar pela Avenida Celso Garcia, o Novo Templo de Salomão se ergue à vista de todos, destacando-se das construções ao redor – incluindo outras construções religiosas como a Igreja de São João Batista, a Assembleia de Deus “Ministério Madureira” e a Catedral da Fé da IURD no Brás.

Chegando ao quarteirão do santuário, o visitante cruza os portões de ferro na entrada e adentra em um grande pátio, ladrilhado por pedras que vieram de Israel (YOUTUBE, Programa Domingo Espetacular, 02 ago. 2015), ladeado por postes de iluminação dourados e quatro grandes palmeiras. A entrada, além de buscar o impacto com a magnitude do Templo, também revela a transnacionalidade da instituição, através dos mastros que se erguem na esplanada em frente ao Templo, onde, além das bandeiras das 181 nações em que a Universal está presente (PÚBLICO, 16 jul. 2012), as bandeiras da IURD, do Brasil e de Israel²⁴ ganham destaque frente às demais.

²⁴ Vide Anexo F.

Ao avançar, o visitante chega à fachada. A forma geral do Novo Templo de Salomão copia a arquitetura do Segundo Templo, tal como ele ficou conhecido após a reforma feita pelo rei Herodes – “o Grande”. A parte frontal do edifício é sustentada por quatro grandes colunas localizadas nas duas extremidades. Acima da fachada se ergue a arquitrave que sela o telhado ao redor do Templo. Como peça estética que remete à maquete do Segundo Templo em Jerusalém, tem-se uma fileira de ameias²⁵ em formato triangular. Fora isso, as proporções alongadas – tanto na vertical como na horizontal – descaracterizam o edifício como uma “cópia em escala exata” do Templo de Jerusalém, tal como foi anunciado pela Universal.

Ao centro da fachada tem-se um grande nicho quadrático, revestido por espelhos dourados que de longe se destacam no conjunto. Incrustado nesses espelhos existe um arco que faria o papel da porta do antigo santuário jerosolimita, e abaixo dele, se encontram os portões dourados que dão acesso ao interior do santuário. Além da entrada principal, o Templo possui doze conjuntos de portas laterais, simbolizando as Doze Tribos de Israel. Em um bloco de pedra ao lado de uma das entradas laterais está gravado o trecho de 2 Crônicas 7:15-16²⁶, que passou a ser utilizado como um mote bíblico para o santuário.

Antes mesmo de entrar, o visitante é abordado por seguranças que estão de prontidão para uma revista completa com detectores de metal. Aqui a segurança se faz fortemente presente. Não é permitida a entrada com qualquer aparelho eletrônico, celulares ou câmeras fotográficas, e da mesma forma alimentos e bebidas. Quando são encontrados tais objetos, o visitante é obrigado a deixar seus pertences em uma área do santuário reservada aos guarda-volumes, localizado no estacionamento. Da mesma forma há uma rígida regra de vestimenta para homens e mulheres que frequentem o recinto (TEMPLO DE SALOMÃO, 29 out. 2016). Crianças menores de oito anos são direcionadas aos aposentos da Escola Bíblica Infantil, onde permanecem durante o tempo da reunião com educadoras destinadas a essa função.

²⁵ A ameia é um elemento da arquitetura militar que se constitui em aberturas no parapeito das muralhas de um castelo ou fortaleza, por onde os soldados podem atacar o inimigo enquanto se defendem. Considerando que o Templo de Jerusalém era também uma fortaleza, esse elemento não é uma mera decoração, mas um artifício de defesa do santuário, que guardava o tesouro do Templo e do Reino de Israel.

²⁶ “Estarão abertos os Meus olhos e atentos os Meus ouvidos à oração deste lugar. Porque agora escolhi e santifiquei esta casa, para que o Meu Nome esteja nela perpetuamente; e nela estarão fixos os Meus olhos e o Meu coração todos os dias”.

Possivelmente essa medida foi aplicada para evitar distúrbios durante as reuniões, por crianças que venham a chorar ou falar alto, de modo que a única voz que seja ouvida seja a do pastor ou bispo que conduz a reunião, ou das respostas uníssonas que vêm da plateia.

Ao passar pela revista, sobe-se uma escada, que leva aos portões dourados do Templo, ladeados por obreiros vestidos com as túnicas brancas dos levitas – os guardas pertencentes à casta sacerdotal oriunda da Tribo de Levi, que tinham a função de proteger o histórico Templo de Jerusalém. A Universal recomenda que se chegue 15 minutos antes das reuniões, pois 5 minutos antes do início as portas são fechadas, impedindo o acesso de pessoas atrasadas.

Ao entrar no espaço sagrado dedicado ao Templo, o visitante se depara com um grande espaço, livre de colunas, visualizando a plateia formada pelas poltronas de veludo vermelho, divididas em 58 blocos, que vão de 85 a 195 lugares. De acordo com o site da empresa Figueras, responsável pelas cadeiras, no total, o santuário conta com 10 mil assentos para comportar os presentes (FIGUERAS INTERNATIONAL SEATING, 28 out. 2016), e disposição segue o desenho de um auditório, onde, as poltronas, à medida que avançam, ficam voltadas para o centro do altar. Se no chão, estão incrustadas 10 mil poltronas, no teto, a iluminação é composta por 10 mil lâmpadas, uma para cada fiel. Destacando cada elemento do interior da nave.

Além dos elementos, a cor predominante no Templo (tons de dourado, mel e amarelo) colabora para a construção desse espaço pomposo. Ao observar o interior do Templo [...] a primeira sensação marcante é a da ostentação de riqueza, produzida pela combinação dos elementos às cores (STORTO; FIGUEIRÉDO, 2015).

Nas paredes laterais estão incrustados dentro de um nicho em forma de arco grandes *menorás* – os tradicionais candelabros judaicos de sete braços. Esses *menorás* servem não apenas de iluminação lateral para o Templo, como também eles mudam de cor de acordo com o momento da celebração.²⁷ Este detalhe faz toda a diferença para a atmosfera que a IURD tenta passar para seu fiel. Enquanto os candelabros deixam o templo em uma penumbra azulada, pela iluminação de

²⁷ Vide Anexo G.

LED, o altar permanece iluminado, destacando o respectivo pastor que comanda as orações.

Dependendo do momento culto, todo o templo pode ficar imerso na escuridão (somente com as chamas vermelhas dos candelabros acesas), ou imerso numa penumbra (com as tonalidades de azul ou amarelo) – destacando-se neste jogo de luzes o altar e uma grande cruz formada pela iluminação do teto, tal como acontece em outros templos da IURD, cujo teto possui uma cruz formada pelas lâmpadas ou por vitrais –, ou todo o recinto pode ficar iluminado, incluindo a nave com a plateia e o altar. O impacto desse jogo de luzes é semelhante aos momentos dramáticos de uma peça de teatro ou de um concerto, no qual o público é envolvido em uma atmosfera melancólica ou energética, levando-o a interagir diretamente com o palco, quando, neste momento, o espetáculo chega ao ápice na comunicação entre a plateia e os atores, músicos, ou no caso das igrejas, seus pastores. É um momento no qual a magia, a transformação, a emoção e a sugestão ganham realidade.

Da mesma forma, o fundo musical é composto por músicas exclusivamente executadas com piano, flauta e instrumentos de cordas (violino, *cello*, *strings* em geral), e pertencentes em sua totalidade do hinário da Universal. Por conta da extensão da nave, a parede ao fundo conta com dois grandes telões para que os fiéis que estão mais atrás, acompanhem o que está acontecendo no altar.

Diante da plateia, se encontra uma balaustrada de madeira que separa o público do espaço destinado ao altar. Este é composto por um palco estilo elisabetano, com uma ampliação de proscênio (em formato circular), dando destaque ao pregador que esteja nele. Ao redor de sua base, estão incrustadas réplicas das doze pedras preciosas que se encontravam no peitoral utilizado pelo Sumo Sacerdote de Israel, que simbolizavam as Doze Tribos. Em cima dele, ao centro, ergue-se um púlpito de madeira, decorado com duas réplicas das Tábuas da Lei, com os Dez Mandamentos escritos em hebraico²⁸.

Em cima do altar também se encontram um *menorá* dourado estilizado, formado pelas quatro letras do tetragrama YHWH, bem como uma mesa para se consagrar objetos e óleos e se colocar a réplica da Arca da Aliança, que em muitos rituais é levada até o altar. Como marca principal do altar, a presença do dourados é muito forte, seja nos objetos que estão nele, ou no seu revestimento. Ele ainda conta

²⁸ Vide Anexo H.

com esteiras que recolherão as ofertas e dízimos doados durante as reuniões. Todo o dinheiro recolhido é guardado diretamente em uma sala-cofre em um lugar desconhecido do edifício (BATISTA JÚNIOR, Veja São Paulo, 30 mai. 2014).

Nas palavras de Edir Macedo, em sua entrevista ao programa Conexão Repórter, do SBT, veiculada no dia 26 de abril de 2015, apesar de ser tímido, quando ele está no altar, “falando da fé, o gigante se levanta” (YOUTUBE, Programa Conexão Repórter, 26 abr. 2015). É no altar onde a magia do discurso se concretiza, junto com a autoridade transmitida pela liderança. É para onde “todos os olhares convergem, concentram-se e ali estão dispostos os símbolos significativos da cosmovisão da IURD” (GOMES, 2011, p. 192). No altar são realizados todos os atos litúrgicos da IURD, desde a pregação no púlpito, testemunhos de milagres por parte dos fiéis, até a consagração de óleos e orações junto aos bispos e demais pastores da Igreja.

Assim como acontece em outros altares da IURD, a exemplo da antiga sede da Universal, no Rio de Janeiro (antigo Templo da Glória do Novo Israel), percebe-se “a postura de obreiros e pastores em oração, com gestos próprios dos judeus no Muro das Lamentações, em Jerusalém: de frente para a parede, apoiam suas cabeças nos braços e se debruçam sobre” (GOMES, 2011, p. 193). Porém o significado desses gestos e orações ganha mais força no altar do NTS, pois este agora, simboliza a recriação do lugar mais sagrado dos judeus.

No altar existem dois grandes elementos destaques. O primeiro deles, o “Véu”, que no Templo de Jerusalém, dividia o espaço do Santo, reservado aos ofícios sacerdotais, do Santo dos Santos – que guardava a Arca da Aliança. No Templo iurdiano esse Véu se ergue entre duas colunas douradas, simbolizando as duas colunas que ficavam na entrada do Primeiro Templo, chamadas de Boaz e Jaquim²⁹. Ele está “rasgado” em duas partes, em alusão ao episódio narrado no Evangelho de Mateus, 27:50-51a, onde, em decorrência da morte de Jesus, o Véu do Templo, que separava o Sumo-Sacerdote do local onde se encontrava a Arca da Aliança, teria se partido “de cima para baixo”. Teologicamente, esse evento

²⁹ São duas colunas de cobre que ficavam no pátio do antigo Templo de Jerusalém, construído pelo rei Salomão e possuíam uma função meramente decorativa. A coluna chamada Boaz, ficava na esquerda, e a Jachin, na direita, descritas pelo Livro de Jeremias, 52:21-22. Estas colunas também são parte do simbolismo maçônico, e estão presentes em todas as Lojas, uma vez que dentro da arquitetura da Maçonaria, acredita-se que estes espaços são uma recriação simbólica do Primeiro Templo de Jerusalém.

simboliza o fim da separação existente entre Deus e a humanidade por meio do Pecado Original, e a restauração desse acesso direto ao Criador, por meio do sacrifício de Jesus na cruz.

Uma mudança que se percebe no altar é que a tradicional frase “Jesus Cristo é o Senhor”, presente em todos os templos da IURD, foi substituída pela frase “Santidade ao Senhor”.³⁰ Essa nova “logo” apresentada no altar do Templo remete à tradição sacerdotal do Antigo Testamento. Por conta da sacralidade e simbolismo dos seus paramentos, o Sumo Sacerdote de Israel levava essa inscrição, em hebraico, na sua mitra, tal como foi ordenado a Moisés (Êxodo, 39:30-31), para que ele se lembre da sua vida consagrada ao serviço designado por Deus.

Ao realizarem a bênção sacerdotal descrita em Números, 6:24-27³¹ (*Nesiat Kapayim*), todos os sacerdotes de Israel elevavam suas mãos, menos o Sumo Sacerdote, que jamais poderia elevar suas mãos acima do nome sagrado de Deus – as iniciais do Tetragrama – que estavam gravadas na mitra. É interessante notar que os templos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias também ostentam a mesma frase abaixo de outra, “A Casa do Senhor”, para indicar que o edifício se trata de um templo dessa denominação fundada por Joseph Smith Jr, em 1830, nos Estados Unidos³².

O segundo elemento de destaque do altar do Templo, é, sem dúvida, a réplica da Arca da Aliança, revestida com folhas de ouro, que serve de fundo para o fundo do recinto. Mais do que um elemento estético, simbolizando o espaço mais sagrado do Templo, ela também abriga o Batistério – os quais estão sempre posicionados atrás do altar em todos os grandes templos da IURD.

De acordo com o site da revista Exame, existe um mecanismo na Arca pelo qual ela se abre, revelando o batistério em seu interior, adornado por 100 metros quadrados de vitrais dourados (SOUZA, Revista Exame, 25 jul. 2014). O Batistério, presente em todos os templos da Universal, é projetado para servir de espaço para o batismo de novos membros – sempre realizado por imersão total da pessoa nas águas. Antes das cerimônias, elas adentram em uma sala para se trocarem e

³⁰ Vide Anexo I.

³¹ “lahweh te abençoe e te guarde! lahweh faça resplandecer o rosto sobre ti e te seja benigno! lahweh mostre para ti a sua face e te conceda a paz! Porão assim o meu nome sobre os israelitas e eu os abençoarei”.

³² Para mais informações sobre o simbolismo do Templo para os mórmons, vide Capítulo 4, a partir da p. 101.

seguem para o altar, tudo longe dos olhos do público (BATISTA JÚNIOR, Veja São Paulo, 30 mai. 2014).

À vista do que foi apresentado, a arquitetura exterior do Novo Templo de Salomão rompe com o modelo arquitetônico de um estabelecimento comercial, teatro ou cinema tradicionalmente apresentado pela IURD, mas seu modelo interior apresenta um perfil que remete diretamente a um teatro, com sua plateia, seu palco, iluminação cênica, ambientação musical, e até mesmo uma cortina, elemento este que não existia até então nos templos iurdianos³³.

Na dramatização do espetáculo de fé, o cenário é aquela parte do espaço demarcada pela presença de atores, plateia e objetos de culto, tornando-se um lugar apropriado para a encenação. O cenário sempre foi um elemento fundamental para a experiência de culto, mesmo após o surgimento do alto grau de abstração e individualismo do homem moderno (CAMPOS, 1999, p. 74).

Dessa forma, o NTS cumpre seu papel enquanto “Teatro, Templo e Mercado”, de acordo com a tese de Leonildo Campos, pois preenche todas as qualidades necessárias para um cerimonial baseado em uma encenação específica, com uma delimitação de espaços, uso de objetos, e participação de atores devidamente trajados e que executam ações dentro de uma representação simbólica pretendida.

Em uma reunião no Templo, ocorrida no dia 12 de agosto de 2014, poucos dias após a inauguração, o Bispo Clodomir Santos falou a respeito do santuário ser uma “Casa de Deus” e não uma “casa de shows”, provavelmente para confrontar as críticas que surgiram contra o empreendimento após iniciar suas atividades.

O lugar onde Deus é cultuado, verdadeiramente, aonde ele desce, aonde ele se manifesta, é a casa do sacrifício. E ele levantou esse Templo para abrir os nossos olhos a esse respeito. Porque hoje, mais do que nunca, as Igrejas evangélicas transformaram-se em casas de show. O altar de muitas Igrejas transformou-se num palco, aonde homens com títulos de pastores se apresentam como verdadeiros atores, e não levam as pessoas a esse sacrifício. A uma vida com Deus. Eles querem, trabalham, lutam e se esmeram para que estas Igrejas estejam cheias. Estão preocupados com números, que é o contrário do Bispo [Macedo], que é o contrário da Igreja Universal. Porque se nós estivéssemos preocupados com números, nós não adotariamos essas regras de conduta e de acesso ao Templo. Não haveria essa exigência que está havendo, justamente para que as pessoas

³³ Esta ressalva foi adicionada por conta do templo da IURD em Londres, construído no antigo teatro em Finsbury Park. Este templo iurdiano possui uma cortina no local onde se encontrava o palco, hoje servindo de altar. Porém, não há nada que se deseje esconder com tal cortina antes do início do culto – diferente do Novo Templo de Salomão que possui suas cortinas para esconder e revelar a Arca da Aliança presente no altar.

estejam aqui e tenham um encontro com Deus e não participem de mais uma reunião. Eu duvido que você saia daqui e tua vida continue sendo a mesma pessoa (YOUTUBE, Reunião no Templo de Salomão - Terça 12/08 com Bispo Clodomir, 18 ago. 2014).

Desde o início das atividades do NTS, os bispos e pastores da IURD buscaram apresentar um perfil santificado do seu santuário, contrastando e distanciando-o de qualquer Igreja evangélica (pentecostal ou neopentecostal) e suas respectivas práticas, embora os estudiosos sobre a IURD apontem que a denominação sempre manteve uma identidade teatral.

O culto *iurdiano* se aproxima da estrutura dos *shows* e dos espetáculos teatrais. Nele, atores e plateia interagem, entre objetos que fazem parte de um cenário. O pastor-ator com a sua voz comanda um espetáculo em que a modulação de sua voz, a entonação, o ritmo e velocidade se tornam uma metalinguagem e assim ele cria novas realidades. [...] O pastor conduz o cântico, cujas letras são de fácil memorização. [...] A dramatização neopentecostal nada mais é do que um momento em que tais transformações são experimentadas no palco da vida, em nível simbólico. Nesse sentido, a Igreja Universal é um teatro permanente, e seus pastores, obreiros e fiéis, atores que são, ao participarem integralmente dos *shows*, que ultrapassam as paredes do templo, espalhando-se na vida cotidiana de cada um deles (CAMPOS, 1999, pp. 112-113).

Historicamente, os cultos da IURD sempre aconteceram dentro dos templos, pois é ali onde acontece a hierofania de todos os seus rituais, das correntes de oração até os batismos³⁴. De acordo com Campos, (1999, p. 87), quando os rituais da IURD são encenados fora dos templos, “são nos grandes estádios ou em locais a céu aberto, ruas e praias, realizadas talvez mais para demonstrar força à opinião pública e inflar de orgulho seus seguidores do que para arrecadar dinheiro”.

No caso do Novo Templo de Salomão, essa espetacularização rompe com o modelo do templo enquanto local fechado, único para a encenação, e vai além do altar/palco do edifício principal, se estendendo aos ambientes secundários do santuário: o Jardim Bíblico, o Memorial e o Tabernáculo.

3.3. Jardim Bíblico, Memorial e Tabernáculo

O Jardim Bíblico é uma área anexa ao edifício do Templo que reproduz espaços singulares nas histórias do Velho e do Novo Testamento. Relativo ao Antigo

³⁴ A exceção ocorre com o batismo de presidiários, que são feitos dentro das penitenciárias.

Testamento tem-se uma réplica do Tabernáculo utilizado por Moisés e o povo hebreu após o Êxodo. E em relação ao Novo, a reprodução do Getsêmani (*Gat Shmanim*, em hebraico), conhecido popularmente Jardim das Oliveiras, o local onde Jesus foi traído por Judas e preso pelos guardas do Sinédrio. A ideia desse espaço é que o visitante, ao chegar no Templo de Salomão, se sinta como se estivesse visitando a Terra Santa.

O primeiro destaque do Jardim Bíblico é um grande *menorá* de metal, que se ergue ao lado do acesso ao espaço. É uma espécie de marco, tal como existe na entrada do Muro das Lamentações, em Jerusalém, no qual os turistas e fiéis se deparam com o grande candelabro, que reproduz o que existia no interior do Templo histórico destruído pelos romanos.

Em seguida, os visitantes passam por uma trilha ladeada por Oliveiras, árvore típica da Palestina. Sobre esse último espaço, é importante pontuar que, diferente das pedras trazidas de Israel, as doze oliveiras plantadas (simbolizando as Tribos de Israel) vieram do Uruguai. Esse simbolismo da Universal em relação aos números tende a se repetir como uma espécie de afirmação dessa nova identidade judaica que a Igreja tenta passar, a exemplo da presença constante do símbolo mais conhecido do Judaísmo, o *Menorá*, seja no interior do Templo, ou na entrada do Jardim Bíblico, sempre em grandes proporções.³⁵

Porém, entre o Jardim e o Tabernáculo, a construção que mais se destaca no local é o Memorial³⁶, também conhecido como Memorial. Trata-se de uma estrutura circular, formada por arcos revestido de mármore branco, com uma cúpula metálica no alto, e cercado por um espelho d'água. A arquitetura do Memorial remete diretamente ao Domo da Rocha³⁷, localizado na Esplanada das Mesquitas (*Haram Al-Sharif*), em Jerusalém, outro elemento da região que a Universal se apropriou para levar os seus fiéis à se sentirem imersos na atmosfera imagética jerosolimita.

³⁵ Vide Anexo J.

³⁶ Vide Anexo K.

³⁷ Este edifício foi construído no século VII, pelo califa Abd al-Malik. Apesar de ser um santuário, e não uma mesquita, o Domo da Rocha (*Qubbat As-Sakhr*) é um dos locais mais importantes do mundo islâmico e um dos pontos turísticos mais conhecidos da cidade de Jerusalém. A “rocha” a que seu nome faz alusão é o altar que teria sido supostamente erguido por Abraão para sacrificar Ismael (Isaac, segundo a tradição do Judaísmo). Sob esta rocha teria se localizado o Santo dos Santos do Templo de Jerusalém. Para os muçulmanos, é considerado sagrado, pois teria sido dali onde o profeta Mohammed realizou a *Miraj*, sua viagem aos Céus, descrita na tradição islâmica.

A estrutura, embora relativamente pequena, em comparação com o Novo Templo, abriga abaixo dela um museu, que conta a história do povo judeu, desde quando era uma tribo até a construção do Templo da cidade de Jerusalém. Essa sala, de capacidade de até cem pessoas, tem uma peculiaridade, pois possui um sistema de assentos móveis, que podem ser guardados ou retirados do piso, a depender da situação (FIGUERAS INTERNATIONAL SEATING, 28 out. 2016). Após assistir a um vídeo sobre a história de Israel nos tempos bíblicos, o visitante é levado até o ponto principal do Memorial: o Domo.

O espaço circular é sustentado por doze colunas (mais uma vez o número doze), representando as Doze Tribos de Israel. No espaço abaixo da cúpula estão expostos, em miniatura, os objetos que se encontravam dentro do Templo histórico, incluindo um pote com uma réplica do Maná – o alimento que Deus proveu aos judeus durante a travessia pelo deserto após o Êxodo –. Essa variedade de atrativos faz com que o visitante imerja ainda mais fundo na atmosfera judaica que o santuário iurdiano tenta passar, sentindo-se como se estivesse em Jerusalém, mesmo que em meio à maior e mais movimentada metrópole do país.

O passeio termina em uma loja da IURD, que comercializa desde chaveiros, bíblias, miniaturas do Templo de Salomão (o de Jerusalém e o da Universal) e até mesmo o pó retirado da construção do Templo de São Paulo (BATISTA JÚNIOR, Veja São Paulo, 30 mai. 2014). Junto com outros objetos como águas e óleos consagrados, esse pó certamente também tem uma função mágica e miraculosa dentro do ideário da Universal, algo que aproxima tais práticas das crenças dos cultos afro-brasileiros e do catolicismo popular. O uso, venda e/ou distribuição desses elementos visa, de acordo com a teologia iurdiana, “despertar a fé das pessoas” (MARIANO, 1999, p. 133).

Um detalhe interessante é que, de acordo com o site da Veja São Paulo, em um espaço reservado, existe uma sala revestida de mármore que guarda seis gavetas dentro da parede, informação que foi negada pela IURD (BATISTA JÚNIOR, Veja São Paulo, 30 mai. 2014). Geralmente, catedrais e basílicas possuem túmulos que abrigam seus bispos e personalidades importantes, a exemplo da Catedral Metropolitana de São Paulo, com sua cripta. Pelo visto, Macedo também pretende que o Templo tenha sua cripta, que guardará seus restos mortais, transformando o santuário iurdiano, no futuro, em um verdadeiro centro de peregrinação. Se isso se

concretizará, e se seu fundador e/ou bispos da instituição, realmente serão enterrados neste espaço, só o tempo confirmará.

Na área externa do Novo Templo de Salomão está a mais simples de todas as construções, porém com uma função importantíssima dentro da atmosfera religiosa que a Igreja Universal tenta reproduzir. Trata-se de uma reconstituição do Tabernáculo³⁸, o primeiro espaço sagrado utilizado pelos hebreus para a realização do seu culto.

No Antigo Testamento, Deus ordenou aos Israelitas que construíssem um tabernáculo portátil que seria seu *templo* enquanto viajassem pelo deserto (Êxodo 26–27; 40:35). Este espaço era chamado, em hebraico, de *mishkan*, ou "moradia" (de Deus), ou *mow'ed*, a "Tenda da Reunião". Era ali onde acontecia todo o serviço religioso do povo hebreu recém-libertado do Egito.

O espaço que o Tabernáculo era dividido em três partes: O Átrio, o Santo e o Santo dos Santos. Esta mesma divisão seria utilizada posteriormente para a construção do Primeiro e Segundo Templo. No Átrio Exterior encontram-se a *Bacia de Bronze*, onde os sacerdotes se purificavam antes dos serviços, e o *Altar do Holocausto*, onde estes ofereciam os sacrifícios ao Deus de Israel.

Já dentro da tenda, no Santo, encontram-se a Mesa dos Pães da Proposição, onde eram oferecidos os doze pães, simbolizando as ofertas a Deus das Doze Tribos de Israel; o *Menorá*, ou candelabro de sete braços, que relembra a Sarça em Chamas da qual Deus falou à Moisés pela primeira vez; e o *Altar do Incenso*, onde os sacerdotes queimavam as resinas diante do véu que separava o Santo do Santo dos Santos.

E por fim, no Santo dos Santos, estava assentada a *Arca da Aliança*, que simbolizava a presença de Deus no meio do povo, onde dentro dela eram guardadas as *Tábuas da Lei*, que continham os mandamentos dados por Deus a Moisés, a *Vara de Aarão*, que foi utilizada para guiar o povo durante o Êxodo e sua jornada, e por fim, o vaso com o *Manah*, o alimento dado por Deus a seu povo.

Em detrimento da extravagante estrutura do NTS e das claras diferenças da arquitetura interna da construção, o Tabernáculo é o único lugar do santuário iurdiano onde foram reproduzidos de modo mais fiel os elementos que formavam não apenas o primeiro local de adoração do Judaísmo Primitivo, como também

³⁸ Vide Anexo L.

remete à disposição dos objetos litúrgicos dos dois edifícios que serviram de Templo para o povo judeu nos séculos seguintes.

Entretanto, este lugar foi projetado apenas para servir de mais um atrativo turístico dentro do Jardim Bíblico, não sendo em nenhuma circunstância utilizado para algum culto ou oração. Para se ter acesso é preciso agendar a visita previamente, no site do Templo de Salomão.

3.4. Acomodações e infraestrutura

Os dados que serão apresentados neste tópico foram retirados da reportagem veiculada no programa Conexão Repórter, do SBT, e da reportagem exclusiva do site Diário do Centro do Mundo, realizada com um dos engenheiros responsáveis pela construção do Templo (ARAÚJO, Diário do Centro do Mundo, 04 ago. 2014).

De acordo com esta última, o edifício principal do santuário é dividido em uma nave, onde ocorrem os cultos, e duas torres, que sustentam os níveis superiores do templo. A primeira torre, o bloco A, tem 11 pavimentos, que concentram o estudo bíblico e os estúdios de rádio e televisão. No 11º andar, há uma área para os pastores que se conecta à segunda torre. O bloco B tem oito pavimentos com acomodações. A partir do primeiro andar, há uma série de apartamentos nos três andares acima do santuário. Os locais servem tanto para receber os fiéis da IURD quanto para autoridades de outras religiões.

Toda a estrutura externa e interna do Templo foi planejada para acomodar pessoas com deficiência física, rampas e elevadores. Além disso, há espaços reservados para pessoas com necessidades especiais dentro do santuário. Da mesma forma, no térreo, há um posto médico de prontidão para casos de emergência. Durante as reuniões, são disponibilizados mil assentos com aparelhos com tradução simultânea para estrangeiros (BATISTA JÚNIOR, Veja São Paulo, 30 maio. 2014).

De acordo com a reportagem do programa Conexão Repórter, a fachada do Templo abriga sete estúdios de Rádio e TV, para as transmissões da TV Universal (YOUTUBE, Programa Conexão Repórter, 26 abr. 2015).

Toda unidade da IURD possui uma televisão própria para registro dos cultos. O estúdio produz conteúdo local, que é distribuído pela rede deles. É um padrão e tivemos que construir salas adequadas para cabeamento e a

transmissão ao vivo de TV e rádio”, explicou um dos engenheiros ao DCM. Eles não precisam se reportar a uma central com a infraestrutura que foi erguida no Templo de Salomão (ARAÚJO, Diário do Centro do Mundo, 04 ago. 2014).

O complexo também conta com 36 salas para a Escola Bíblica infantil, com capacidade de atender 1300 crianças, para os pais possam assistir as reuniões. O Templo de Salomão também conta com berçário, creche, consultório médico, consultório odontológico, lavanderia e diversos espaços para que os fiéis possam acomodar seus familiares sem sair da instituição religiosa. Nos últimos andares da fachada se encontra o escritório de Edir Macedo e a administração do Santuário. (YOUTUBE, Programa Conexão Repórter, 26 abr. 2015).

O Templo conta com 2000 vagas de estacionamento, distribuídas entre dois andares no subsolo e um edifício garagem localizado atrás do edifício principal. Além das vagas habituais, dentro do estacionamento há uma área reservada às pessoas que serão batizadas. Elas possuem um espaço próprio, que tem ligação direta com o Batistério. Ao chegarem, se encaminham diretamente à sala de espera antes da cerimônia. Nos fundos do primeiro andar, se encontram os escritórios de atendimento e administrativos, assim como os vestiários para os funcionários, obreiros e pastores da IURD.

De acordo com a reportagem do Programa Conexão Repórter, o complexo possui 59 apartamentos estilo “quitinetes” e 25 apartamentos com suítes, para hospedar o corpo eclesial da cúpula da Igreja, e bispos e pastores que estejam em viagem (YOUTUBE, Programa Conexão Repórter, 26 abr. 2015). Estes apartamentos são mais simples do que as acomodações de Edir Macedo, pois quanto maior o andar, maior o padrão de luxo oferecido. E isso pode ser atestado pelas imagens aéreas mostradas no Programa do SBT, que dão a dimensão do espaço que a mansão ocupa na cobertura do Templo, preenchido com um vasto jardim como parte da decoração externa.

O ponto alto das acomodações do Templo é o espaço reservado para servir de residência para o Bispo Macedo, que a partir de agora passou a morar no Novo Templo. De acordo com a reportagem do site Diário do Centro do Mundo (ARAÚJO, Diário do Centro do Mundo, 07 ago. 2014.), as acomodações de Edir Macedo podem ser comparadas a uma mansão, pois ocupam dois andares da segunda torre do santuário acima da nave, no sétimo, no oitavo, junto com a cobertura. De acordo

com o memorial descritivo da obra³⁹ – a planta que orientou os engenheiros para a construção do santuário –, o espaço tem cerca de mil metros quadrados, cujo acesso se dá através de cartão magnético, por questões de segurança. Todo o piso é revestido de mármore, e parte da decoração é folheada a ouro.

A referida reportagem aponta que o local possui uma completa infraestrutura de lazer, com sala de cinema, salão de jogos, piscina, academia e uma quadra esportiva fechada, feita com grama sintética. Da mesma forma, todas as suítes possuem jacuzzis, com hidromassagem, e sauna. O Bispo Macedo também conta com uma garagem exclusiva, isolada por portões de aço. O santuário não conta com um heliporto. Porém, os bispos e lideranças que chegarem de helicóptero, descerão no outro templo da Universal, vizinho ao de Salomão, e seguirão de carro até a nova sede da Igreja.

Essa ostentação apresentada nas instalações do NTS, mais do que reflexo da busca por apresentar aos fiéis a realidade palpável da Teologia da Prosperidade – que deve começar pela própria instituição e pelos seus líderes –, revela a conversão do Templo em um verdadeiro santuário para Edir Macedo, onde ele agora, cumpre o papel daquele que participa da “santidade dos deuses”, consagrando-o de forma definitiva como o “solo sagrado” por excelência da Universal.

Instalar-se num território equivale, em última instância a consagrá-lo. Quando a instalação já não é provisória, como nos nômades, mas permanente, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade. “Situá-lo” num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”. Ora, esse “Universo” é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses (ELIADE, 2013, p. 36).

O fundador da Universal não precisa buscar outra residência, pois o Templo agora definitivamente sua casa, e local definitivo de sua moradia, até mesmo após a sua morte. Independente de Edir Macedo ser enterrado no NTS é inegável que o santuário iurdiano já virou um ponto de peregrinação para os fiéis da Universal. E como todo santuário religioso, ele movimenta a economia ao seu redor. E isso é claramente notado pela presença de restaurantes e lojas ao redor do Templo.

³⁹ Vide Anexo M.

Sobre esta questão, é importante destacar a presença de estabelecimentos comerciais que prestam serviços no ramo alimentício e de produtos religiosos. Na Rua João Boemer, na lateral do santuário, existem estabelecimentos que utilizam o epíteto “templo”, como modo de atrair frequentadores do NTS como seus clientes em potencial. Assim temos a “Lanchonete do Templo”, “Galeria do Templo”, “Skina do Templo – Restaurante e Cafeteria”. Na Rua Júlio César da Silva, na outra lateral do santuário temos a “Gráfica Nova Aliança”, cujo slogan é “especializada em impressos para igrejas e diversos materiais de campanhas”.

Aproveitando o espaço do Edifício Vidago, que fica dentro do quarteirão do santuário e que não foi demolido durante o seu processo de construção⁴⁰, a Universal inaugurou a loja “Souvenirs do Templo”, a loja oficial do Novo Templo de Salomão. Nela são encontradas toda sorte de lembranças relativas ao NTS, desde Bíblias, livros, miniaturas do Templo (de Jerusalém e da IURD) e objetos da simbologia e ritualismo judaico, como Arcas da Aliança, *menorás*, *shofars*, *talits*, *kipás*, *mezuzás*, cálices, bandeiras, óleos, todos eles certificados como importados de Israel. Ao lado da loja, tem-se um restaurante da rede Giraffas, de modo que este estabelecimento, além de atender aos visitantes do Templo, possa gerar uma renda pelo aluguel do espaço.

Por conta do grande fluxo, a Universal também está comprando outros prédios e estacionamentos das redondezas do Templo para acomodar os visitantes que chegam diariamente em seus carros ou vêm nas caravanas de ônibus para os cultos (VEIGA, Estadão, 08 out. 2016).

Para se compreender o objeto de estudo que figura neste capítulo, foi preciso primeiro analisar o que o constitui como projeto da IURD a partir de sua materialidade, e quais são elementos simbólicos e arquitetônicos que o constituem. O NTS enquanto espaço cênico é revestido de uma simbologia, que precisa ser apresentada enquanto espaço sagrado físico, para posteriormente ser interpretada como arquétipo, e como tais arquétipos dialogam primeiro com a identidade da instituição, para assim, alcançar o fiel.

Em todos esses casos, é fundamental que o espaço cênico e a ação dos atores sejam mediados pela presença de uma simbologia, devidamente compartilhada por todos os participantes. Assim, o estoque de símbolos

⁴⁰ Vide p. 65.

acumulados no imaginário popular é sacado de acordo com a procedência do fiel (CAMPOS, 1999, p. 93).

Diante do que foi apresentado neste capítulo, pode-se agora avançar para o que está além da materialidade, da pedra, das cores e das formas. Assim, o quarto, e último capítulo, responderá *por que, como, e no que* se constituem a apropriação e ressignificação da simbologia judaica pela Igreja Universal, com a construção do Novo Templo de Salomão. E como consequência, poderemos compreender o que é este alegado projeto de expansão da Igreja Universal.

4. DO CORETO AO TEMPLO DE SALOMÃO⁴¹: O projeto de Edir Macedo

“[...] Mas, quando vi que não estavam agindo direito, conforme a verdade do Evangelho, disse a Pedro na presença de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?”.

Carta aos Gálatas, 2:14.

Recapitulando o que foi apresentado até aqui, passamos pelo histórico de fundação e expansão da Igreja Universal, as crises enfrentadas nos anos 90 e 2000 e a conseqüente construção do Novo Templo de Salomão, aqui apresentado como um projeto de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus, dividido em duas fases de execução. A primeira se deu com o anúncio do empreendimento e a construção do complexo religioso no coração da capital paulista. A segunda fase estaria em execução a partir da inauguração do santuário, que a partir do seu *modus operandi* traria um impacto positivo na imagem da instituição, nos seus fiéis e frequentadores em potencial, levando a um novo crescimento da IURD.

Nesta fase final do estudo, se buscará compreender como se deu o processo de mudança na antiga identidade da Igreja Universal para uma nova identidade, ressignificada a partir dos símbolos do Judaísmo e seus elementos constitutivos. Para isso, serão utilizadas como fonte de pesquisa bibliografia especializada na área, bem como a continuação da etnografia digital – iniciada no capítulo 2 deste trabalho –, com a análise de vídeos da IURD retirados do Youtube, que mostram os rituais, discursos e cerimônias reproduzidos no Templo de Salomão.

Porém, antes de se compreender como a Igreja Universal realizou este processo de ressignificação, é preciso investigar as fontes históricas desse processo de apropriação dos símbolos judaicos, feito originalmente por outras Igrejas evangélicas no Brasil. A abordagem dessa questão será tratada a partir da Semiótica.

⁴¹ MACEDO, Edir. **Nada a perder (Vol. 3)**: Do Coreto ao Templo de Salomão. São Paulo: Planeta, 2014.

A Semiótica é um ramo da Ciência que estuda os signos e quais significados são atribuídos a eles a partir das relações interpessoais, sociais, políticas, religiosas, etc. A palavra *Signo* tem origem no termo grego homônimo *σημεῖον* (*semeion*), cujo estudo remete à própria Grécia Antiga. Já a Semiótica moderna tem origem no matemático e filósofo norte-americano Charles Peirce, na segunda metade do século XIX. Segundo Peirce (1983), o ser humano dá um significado a tudo que o cerca, por isso pensa, nomeia, indica, simboliza e realiza diferentes atos de comunicação. Logo, a Semiótica estuda como os signos são utilizados dentro de uma comunicação entre seus interlocutores.

Para realizar esta análise, partiremos da conceituação da escola europeia⁴², que apresenta o signo como uma unidade dicotômica, composta pelo significante (*signans*) – "alguma forma física" – e pelo significado (*signatum*) – "referente exterior" (SANTAELLA, 2004). Dessa forma, o intuito do uso da Semiótica neste capítulo é compreender como o significante pode ter seus novos significados, a partir do processo em que a Igreja Universal conferiu um novo sentido (conteúdo) aos elementos (forma) da simbologia judaica⁴³, e como essa ressignificação se traduz como o mecanismo principal do projeto de expansão da IURD.

Os símbolos bíblicos sempre foram utilizados entre as Igrejas cristãs como forma de comunicação com os seus fiéis, relacionando-os aos eventos do Antigo e do Novo Testamento. Essa comunicação pode se dar por meio de discurso verbal ou pelo uso da imagem. Assim, temos a presença de símbolos desde o conteúdo dos sermões que aludem aos episódios narrados na Bíblia – envolvendo personagens, situações, locais, etc. –, até o uso de objetos – como paramentos, imagens de escultura, água benta, o pão, o vinho, a cruz, etc.

Analisando o campo religioso brasileiro a partir da Semiótica, percebemos que a partir dos anos 2000, muitas Igrejas evangélicas de cunho neopentecostal passaram a reproduzir em seus discursos, rituais, objetos sacros e arquitetura, os

⁴² Chamada de Semiologia, o estudo da Semiótica a partir da vertente europeia apresentava métodos e enfoques diferenciados da escola americana de Charles Peirce, apresentando o signo como um sistema mais simples, composto de dois planos (a forma e o conteúdo). Ao longo da história, muitos semiologistas europeus como Umberto Eco passaram a se referir à Semiologia como Semiótica. Para facilitar a abordagem neste trabalho, a Semiótica será tratada a partir da abordagem europeia.

⁴³ O objeto de estudo da Semiótica é o Signo, que é conceituado como tudo o que o ser humano capta e interpreta a partir dos seus sentidos. Como este capítulo busca compreender o processo de ressignificação realizado pela Igreja Universal com a construção do Novo Templo de Salomão, o conceito de Signo será traduzido como o conjunto de elementos que compõe a simbologia judaica e seus objetos litúrgicos representativos.

símbolos relativos ao Antigo Testamento que antes não eram comuns na identidade de Igrejas protestantes ou até mesmo pentecostais. Esse fenômeno pode ser compreendido como uma “ressignificação da simbologia judaica” a partir de sua apropriação.

É cada vez mais comum a apropriação de símbolos, rituais e trechos da liturgia judaica. Entre eles têm destaque a estrela de David (na bandeira do Estado de Israel ou simplesmente como um ornamento dentro das igrejas), a *menorá* (candelabro de sete braços), o *shofar* (chifre de carneiro cujo som tem lugar destacado nas comemorações do Ano Novo Judaico e no Dia da Expição), o *talit* (acessório em forma de xale usado pelos judeus ortodoxos), réplicas da Arca da Aliança e passagens escritas em hebraico, tanto nos livros litúrgicos como nas paredes dos prédios dessas igrejas. Em algumas denominações evangélicas é comum que se celebre a Páscoa Judaica e a Festa dos Tabernáculos e a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) organizou em 2007 uma campanha nacional de venda de *mezuzot* (pequeno rolo de pergaminho, que contém trechos sagrados da *Torá*, protegido por uma caixinha e pregado nos umbrais das portas de lares e estabelecimentos judaicos). Finalmente, quase todas as igrejas evangélicas organizam viagens a Israel nas quais seus membros e simpatizantes visitam, além dos lugares santos cristãos, os lugares sagrados do judaísmo, como o Monte Sião e o Muro das Lamentações (TOPEL, 2011, p. 36).

Mas para se compreender esse processo de bricolagem das Igrejas evangélicas brasileiras, é preciso investigar a fonte de onde parte o resgate dessa concepção litúrgica que gira em torno do Judaísmo. E a resposta para essa questão está encerrada no significado que o Templo de Jerusalém possui tanto para o Judaísmo como para o Cristianismo.

4.1. O significado do Templo para o Judaísmo e o Cristianismo

Embora o santuário judeu tenha sido destruído pelos romanos, é consenso entre os pesquisadores da área que a instituição do Templo ainda possui tanta força, que mesmo após sua derrocada, ela ainda alimenta as esperanças, as práticas, e o pensamento religioso judaico como o centro de sua identidade (SCHMIDT, 1998, p. 27).

O Templo de Jerusalém enquanto um espaço sagrado pode ser compreendido a partir de uma abordagem fenomenológica e histórica, possibilitando um estudo de seu sentido dentro dos parâmetros da mitologia judaica (sentido simbólico), bem como de um sentido que emerge da sua função como centro do

poder religioso, político, econômico e social do Reino de Israel (sentido funcional). Como consequência, local onde também se manifestam relações de poder.

Tomando-o sob a perspectiva de seu sentido mitológico, podemos aplicar a abordagem de espaço sagrado cunhada por Mircea Eliade. Para este pensador, o Templo de Jerusalém é um dos últimos exemplos de uma concepção do espaço sagrado como uma reprodução do arquétipo do Paraíso celeste.

Nas grandes civilizações orientais – da Mesopotâmia e do Egito à China e à Índia – o templo recebeu uma nova e importante valorização: não é somente uma *imago mundi*, mas também a reprodução terrestre de um modelo transcendente. O judaísmo herdou essa concepção paleoriental do Templo como a cópia de um arquétipo celeste. É provável que tenhamos nessa ideia uma das últimas interpretações que o homem religioso deu à experiência primária do espaço sagrado em oposição ao espaço profano. [...] se o Templo constitui uma *imago mundi*, é porque o Mundo, como obra dos deuses, é sagrado. Mas a estrutura cosmológica do Templo permite uma nova valorização religiosa: lugar santo por excelência, casa dos deuses, o Templo ressantifica continuamente o Mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo. Definitivamente, é graça ao Templo que o mundo é ressantificado na sua totalidade. Seja qual for o seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários (ELIADE, 2013, pp. 55-56)

É difícil separar o sentido simbólico do Templo de Jerusalém de seu sentido funcional uma vez que ele está diretamente ligado às estruturas políticas e sociais do povo judeu, de modo que todas as suas relações de poder passavam obrigatoriamente pelo ideário religioso formado (e vice-versa) em torno do que representava o santuário para o Judaísmo daquela época.

Por isso para adentrar no pensamento do Templo de Jerusalém, é preciso entender a dicotomia existente no coração da prática religiosa judaica, que é sintetizada pela Lei Moisaica, em Levítico 10:10: “Distinguir o sagrado do profano, o que é impuro do que é puro”. O simbolismo do Templo para a religiosidade judaica resume-se em um lugar “puro”, “santo”, “sagrado” por excelência.

O campo semântico da sacralidade hebraica situa-se entre dois polos: um, positivo, outro, negativo. Positivamente, *qodesh* designa o que está em uma relação de pertença ao divino, o que lhe é consagrado. Negativamente, *qodesh* define-se por oposição ao profano, *hól* pp. (SCHMIDT, 1998, 74-75).

Por sua vez, o ato de profanação se traduz na quebra dessa integridade que o sagrado representa (SCHMIDT, 1998, p. 75). É a partir dessa lógica que o sistema do Templo conserva tudo o que é mais sagrado para os judeus, incorporando

também outros elementos constitutivos do Reino de Israel e da identidade do povo judeu, entre eles o sistema político e social.

Tanto para o sistema de crenças do Judaísmo da Era salomônica, zorobabélica, até a Era herodiana, o Templo era o santuário central no Reino de Israel. E essa centralidade do culto estava diretamente relacionada à ideia de que o Sagrado (*Qodesh*) habitava no Templo. Assim, para os judeus, o Templo era literalmente a “Casa de Deus”.

Quando analisados os textos do Antigo Testamento, percebem-se diferentes interpretações teológicas para a figura de Deus, que variam de acordo com as quatro tradições⁴⁴ apresentadas pela Torá.

Uma que o interpreta a partir da vida nômade, que tem o deserto como desafio, que vê um Deus caminhante que não habita em templos ou palácios mas em tendas e na simplicidade da vida pastoril e agrícola. É o Deus da Teologia Mosaica e que escolhe Profetas para serem seus porta-vozes. Outra que interpreta Deus como o Rei, Senhor dos Exércitos, que habita a cidade, no Monte Sião, que tem um templo rico e ornamentado como casa, que escolhe Reis para serem seus porta-vozes (CUNHA, 2014).

É no período de Davi que está última interpretação ganha força, apresentando Deus como um rei que governava seu reino através de uma cidade sagrada. Daí a centralidade de Jerusalém para o culto judaico, traduzida de modo simbólico a partir da figura do Templo como espaço sagrado por excelência.

Para a monarquia em Israel se consolidar, centrada em Jerusalém, a Deus foi atribuída a imagem de rei, de governante, que havia escolhido ali como sua cidade e o templo como local de moradia. Jerusalém tornou-se, portanto, mais do que uma capital, base da monarquia terrena, mas cidade sagrada. É uma teologia que agregou elementos de outras tradições religiosas, como a da montanha sagrada, divina – uma tradição antiga que interpretava ser a montanha mais alta o local de residência de um deus. No caso, Jerusalém estava assentada sobre o Monte Sião, que nem é dotado

⁴⁴ Por muito tempo se discutiu o fato de que Deus é intitulado no Antigo Testamento ora como “Elohim”, ora como “Javé”. Hoje, os estudiosos das Escrituras judaicas apontam que a construção literária dos cinco livros da Torá deriva de quatro “documentos” ou “tradições”, a saber: Javista, Eloísta, Deuteronomica e Sacerdotal. Cada uma delas dá ênfase a uma atuação de Deus na história do Povo de Israel. As Tradições Javistas e Eloístas apresentam uma imagem de um Deus que atua de modo intenso na história do mundo, desde a sua Criação até a condução do seu povo escolhido por meio de Abraão e Moisés. A semelhança de interpretações dessas duas tradições é tão forte que por volta do ano 700 a.C., se fundiram em uma só Tradição chamada de “Jeovista”. Já a Tradição Deuteronomica se resume ao livro do Deuteronomio, apresentando a necessidade da fidelidade e do amor à Deus como requisito essencial de sua Aliança (ex.: Deuteronomio, 6:4-5). Já a tradição sacerdotal é a mais tardia, e se originou durante o exílio em Babilônia, de 587 a 538 a.C. Por sua vez, ela dá ênfase à casta sacerdotal como símbolo da unidade do povo judeu, que já não tem mais o seu Templo e está longe de Jerusalém.

de muita altitude, mas ganhou, nessa leitura teológica, o status de montanha sagrada: Jerusalém repousa sobre o monte, é a cidade mais alta e isso a qualifica como cidade real de Deus, moradia terrena dele de onde exerce o seu governo. Aí reside a explicação para a arca se fixar naquela localidade e o estabelecimento da necessidade de uma peregrinação até ela para o culto, as festas, as ofertas. Jerusalém passou a ser o único local de culto. Essa construção teológica reuniu toda a mística, todo o mistério disponível na tradição, para convencer o povo de que era em Jerusalém que a intervenção divina se manifestava. Surgiram as imagens do Santo dos Santos, dos querubins, por exemplo (CUNHA, 2014).

A partir de então, a casta sacerdotal ganha um status que antes não possuía, quando da época da sua constituição pela Tribo de Levi. Desse modo, os sacerdotes construíram uma relação de poder com o governante do Reino de Israel, onde o Templo é o local onde exercem essa relação. E é aqui onde se inicia uma relação de poder entre o sistema sacrificial do Judaísmo e a população.

Na medida em que essa tessitura se transforma em relação à época da monarquia israelita e judaica, modifica-se também a sua função. Templo e sacerdócio adquirem de forma dupla maior significação. Eles assumem determinados traços identitários da monarquia nacional; de alguma forma, o sumo sacerdote é também o sucessor do rei. Como membros da elite local, eles participam da base sobre a qual o governador se baseia, diretamente vinculada com a administração do poder na província, ao lado dos “anciãos” ou dos “nobres” (KESSLER, 2009, p. 197).

Se o funcionamento do Templo ficava a cargo da casta sacerdotal, seus gastos eram custeados pela população, que tinha a obrigação de a cada serviço religioso levar suas ofertas, tributos e toda sorte de contribuição ao Reino.

A posição destacada do segundo templo faz com que a população tenha que contribuir imensamente mais para o sustento do templo na época monárquica. Em cada ação cültica devem ser oferecidas partes, encaminhadas em favor do sacerdócio (Lv 7,8.33-36;10,14s etc.). A isso se acrescentam outras ofertas para os sacerdotes (Nm 18,12-16; Ne 10,36-38). Além disso, também o culto oficial deve ser financiado pela população, além do patrocínio a partir do tesouro oficial. [...] Além disso é cobrado um imposto do templo, que segundo Ex 30,11-16 perfaz meio siclo e segundo Ne 10,33s, três quartos de siclo ao ano. Este tributo não serve tanto para o sustento do sacerdócio mas mais para a aquisição de material cultural. A parte disso, as famílias devem, em rodízio, fornecer lenha (Ne 10,35; 13;31). E MI 3,8-10 e Ne 13,12 menciona-se ainda um dízimo para o templo. Por fim, acrescentam-se ofertas voluntárias ao modo de como hoje em dia se dão as coletas nos cultos (KESSLER, 2009, 196).

Essa amostra dos tributos destinados ao Templo de Jerusalém nos dá a noção da importância que a instituição possuía enquanto autoridade secular e religiosa dentro do sistema social, político e econômico do Judaísmo antigo.

Considerando que o Segundo Templo figura como uma continuidade do Primeiro, é possível perceber o “peso redobrado” que o santuário judeu teve ao longo do tempo, enquanto atuou, ao mesmo tempo, como órgão arrecadador, através de sua função econômico-religiosa; como símbolo da monarquia, através de sua função político-religiosa; e como símbolo da estratificação social do Reino de Israel, através de uma função social-religiosa.

A organização espacial do Templo em três átrios reproduz a organização tripartida da sociedade judaica, hierarquizada em três ordens. Cada semana, a classe dos sacerdotes e a dos levitas, que estão em serviço diante do altar, têm o encargo de representar o conjunto das vinte e quatro classes de sacerdotes e das vinte e quatro classes de levitas que constituem a ordem sacerdotal. Igualmente, a delegação (*ma'amad*) do povo, reunida no pórtico dos israelitas, representa o conjunto das vinte e quatro grandes famílias (*mishmarot*) da aristocracia leiga, enquanto as mulheres e o restante da população masculina constituem o terceiro grupo, inferior em pureza aos dois outros, e permanecem no átrio dito “das mulheres”. Assim o Templo, em sua própria arquitetura, é uma imagem da comunidade judaica, com suas classificações, hierarquias, procedimentos de ascensão pelo jogo das alianças na escala social, seus ritos de passagem e, também, suas exclusões (SCHMIDT, 1998, p. 69).

Esse sistema simbólico permanece em vigor até a vitória de Roma sobre Jerusalém em 70 e o decreto de expulsão definitiva dos judeus da região, quando o Templo deixou de ser um espaço de relações de poder para retornar ao campo simbólico do Judaísmo, ocupando um lugar de destaque dentro do sistema profético, a partir da ideia da restauração do poder que Israel possuía antes da dominação romana.

Dentro do imaginário religioso da população se acreditava que Jerusalém seria reconquistada, os judeus retornariam, e o Templo seria reconstruído. Porém, com o passar do tempo, ficou claro que o Templo não poderia ser mais recuperado, sendo possível apenas sua memória durante a realização dos serviços religiosos como parte da história de um povo escolhido, um sinal físico dessa “Aliança” feita com Deus (SCHMIDT, 1998, p. 243).

Apesar de muitos judeus ortodoxos ainda ansiarem por ver o Templo reconstruído nos dias de hoje, é preciso salientar que tal concepção perdeu seu valor, uma vez que a ressignificação do pensamento judaico após a Diáspora, extinguiu vários preceitos que eram seguidos durante os períodos do Templo de Jerusalém. Agora, a observância e estudo da Torá eram mais importantes que os sacrifícios realizados no santuário e a movimentação econômica dele decorrente.

Não havia mais a necessidade de uma casta sacerdotal inserida dentro de um sistema sacrificial, pois não havia mais o espaço para exercerem seus ofícios, bem como suas relações de poder. Assim, o rabinato assumiu a responsabilidade com o culto e sua liturgia, onde a sinagoga tornou-se agora a representação simbólica do santuário judeu, como uma espécie de “pequeno Templo”⁴⁵. Dessa forma, o Judaísmo deixou de ser uma religião caracterizada por um sistema ritualístico sacrificial para tornar-se uma religião de observância e de estudo pessoal. Com o início do Judaísmo Rabínico, o próprio sentido do Templo acabar sendo ressignificado, tornando-se a representação simbólica do próprio *Shabat* – o sábado judeu.

Para Jon Levenson, o conceito do “Templo é para o espaço o que o Sabbath é para o tempo” (1984, p. 298). De acordo com James Carroll, essa premissa constrói a ideia de que “o Sabbath era um Templo também em casa, com um ritual religioso central revivido semanalmente no seio da família, em torno dos símbolos sabáticos do pão, do vinho, do candelabro e de conversas à mesa” (2013, p. 113).

O Templo depois do Templo continua a ser um ponto central da memória judaica durante a Antiguidade romana e tardia. Mais que isso: projetado no futuro, transposto no edifício da sinagoga ou alçado nos espaços visionários, continua sendo um lugar de encontro com o divino, ao redor do qual é possível dar forma ao futuro – político por vezes, escatológico com mais frequência – do povo de Israel (SCHMIDT, 1998, p. 244).

Já para o Cristianismo, o santuário judeu não possui nenhum sentido como ele é semelhante àqueles já apresentados em relação ao Judaísmo, uma vez que, toda a sua função ritualística e ontológica converge caducou, a partir da figura de Jesus. No sistema simbólico do Cristianismo, Jesus é o “novo templo” – no qual está presente toda a Lei, profecias e alianças do Antigo Testamento –, destruído e divinamente reedificado após sua ressurreição (João 2:19), de acordo com a Teologia cristã.

Esse gesto de Jesus não é motivado pelo desacordo com essa ou aquela prática sacerdotal que seria contrária à Lei, e a que esses relatos evangélicos não fazem nenhuma alusão. Atacando o sistema sacrificial, esse gesto profético visa ao Templo. Mas a intenção de Jesus não é

⁴⁵ A interpretação das sinagogas como “pequenos Templos” é retirada da tradição talmúdica que dá um novo sentido à passagem do Livro de Ezequiel, em 11:16: “Eu serei para eles como um pequeno Santuário”. Dessa forma, as sinagogas assumem de modo natural o papel central de local de culto numa comunidade judaica (SAFRAI, 1990).

purificar o Templo nem se opor aos sacrifícios de que Deus fez um mandamento para Israel. É, antes, anunciar seu fim iminente, de modo que possa ser substituído por um Templo novo, divinamente arquitetado e não feito por mãos de homens (SCHMIDT, 1998, p. 244).

Desse modo, o gesto de Jesus, derrubando as mesas dos vendedores, anuncia não uma purificação, mas trata-se de um gesto simbólico que anunciava a destruição do santuário judeu, o que se confirma no texto do Evangelho de Marcos, 13:1-2, quando Jesus aponta para os apóstolos que “não ficará pedra sobre pedra”.

De acordo com Eliade (2011, p. 311), a destruição do Templo de Jerusalém marca simbolicamente a ruptura da Igreja primitiva com o Judaísmo, quando os cristãos se recusam a se envolverem na guerra contra os romanos e fogem de Jerusalém. Com esse evento, começa um processo de transformação do sistema religioso da comunidade judaica sobrevivente – citado acima – e da comunidade cristã em desenvolvimento.

Mas é a proposta da universalidade da mensagem cristã que é a responsável pelo rompimento do Cristianismo com o Judaísmo, uma vez que ela se opõe ao modelo ritualístico centralizado no Templo, cujos serviços só poderiam ser realizados e usufruídos por judeus, anunciando que “essa hierarquia religiosa estava condenada; o novo Israel terá outros chefes” (ELIADE, 2011, p. 294). A prática da inclusividade com a aceitação de pagãos na comunidade – gregos, romanos, e não judeus, em geral –, é o ponto-chave dessa ruptura.

É nesse momento que a tensão entre judeus tradicionais e judeu-cristãos, representada pela disputa dos apóstolos – a exemplo de Thiago, que pretendia manter a comunidade fechada, e Paulo, que defendia a inclusão de gentios – evidencia a ruptura definitiva da comunidade cristã com a rigidez das leis cerimoniais do Judaísmo.

É a partir do desenvolvimento, acirramento e clímax dessas tensões com as primeiras divisões entre os seguidores de Jesus⁴⁶, que todas as leis judaicas acerca das prescrições alimentares, circuncisão e determinados preceitos, perdem sua validade dentro do Cristianismo, uma vez que eram voltadas exclusivamente às

⁴⁶ As primeiras divisões no Cristianismo são observadas quando se forma um grupo majoritário de “Cristãos Gentios Paulinos”, que dará forma à Igreja Cristã como ela é conhecida nos seus primeiros séculos. O grupo que não seguiu Paulo e a comunidade cristã ficou conhecido como Judeu-Cristianismo. Dentro desse grupo haverá vários rompimentos, formando ramos de diferentes tendências, algumas mais ligadas ao Judaísmo, como os Ebionitas, outras, com fortes influências do Gnosticismo, como os Elcasaitas.

pessoas de pertença judaica. Essa questão fica evidente na Carta aos Romanos, 14:17, quando Paulo discorre que o “Reino de Deus não é questão de alimento e de bebida”. A partir de tais episódios, são sedimentando os princípios básicos da Teologia cristã, que “exalta a pureza do coração em detrimento do formalismo ritual” (ELIADE, 2011, p. 298).

Apesar dessa ruptura do Cristianismo com o Judaísmo, no século XIX algumas Igrejas resgataram o arquétipo do Templo, reinserindo-o no seu sistema litúrgico. Como exemplo desse resgate e ressignificação do simbolismo do santuário judeu, temos o movimento restauracionista dos Santos dos Últimos Dias (SUD), conhecido popularmente como Mormonismo⁴⁷.

Fundado por Joseph Smith Jr. em 1830, a partir de alegadas visões que teria tido de Deus, Jesus Cristo e do anjo Morôni, sua doutrina central gira em torno da restauração dos ensinamentos e práticas da Igreja fundada por Jesus, que havia caído em apostasia desde os primeiros séculos. De acordo com Smith, durante a chamada Primeira Visão, ele havia sido escolhido por Deus como o profeta dessa época para restaurar o Evangelho e a Igreja. A palavra mórmon vem de um dos principais personagens que aparecem no *Livro de Mórmon*, a Escritura principal do movimento, cuja denominação mais expressiva é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Segundo a Escritura mórmon *Doutrina e Convênios*, em um episódio narrado na Seção 88:119, Deus ordenou a Joseph Smith a construção de templos para a Igreja recém-fundada, de a modo a restaurar o sistema de culto interrompido em Israel: “Organizai-vos; preparai todas as coisas necessárias e estabelecei uma casa, sim, uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de aprendizado, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus” (VÁRIOS AUTORES, 2007. p 196). Até os dias de hoje essas construções são tidas pelos mórmons como réplicas do Templo de Jerusalém. Porém, esses santuários não se constituem em uma réplica arquitetônica, mas sim uma construção carregada de

⁴⁷ O Mormonismo ou movimento dos Santos dos Últimos Dias foi fundado por Joseph Smith Jr. em 1830, a partir de alegadas visões que teria tido de Deus, Jesus Cristo e Morôni, um anjo, cuja mensagem revelada era de que Joseph havia sido escolhido como o profeta dessa época para restaurar o Evangelho e a Igreja fundada por Jesus, que havia caído em apostasia desde os primeiros séculos. A palavra mórmon vem de um dos principais personagens que aparecem no Livro de Mórmon, a Escritura principal do movimento. A mais expressiva denominação mórmon é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

simbolismos que, de acordo com as crenças mórmons, remeteriam ao santuário judeu.

O espaço sagrado mórmon é organizado de modo bem definido. Em todas essas construções se encontra um padrão seguido, reproduzindo alguns, dos elementos encontrados no Templo de Jerusalém, como a pia batismal (ladeada por doze touros em sua base, representando as doze tribos de Israel), salas representando os átrios do Templo, o “Santo”, e o “Santo dos Santos”. Porém, diferente do sistema religioso judaico, os templos mórmons não realizam sacrifício de animais, apenas servindo para instrução dos membros da Igreja e celebração de sua liturgia.

Nesse sentido, o espaço sagrado da Igreja Mórmon é semelhante ao arquétipo apresentado por Mircea Eliade (2013, p. 32), interpretando-o como uma reprodução terrena do Paraíso, que tem a função de dar continuidade à “obra dos deuses”. Isso se mostra claro, quando os templos mórmons fazem alusão aos seus ambientes como salas “terrestriais”, “telestiais” e “celestiais”, representando a ascensão do ser humano à eternidade e aos planos espirituais que só são acessíveis às “divindades” ou àqueles que passaram pelo processo de apoteose, o qual os mórmons chamam de “Exaltação”⁴⁸.

Somente os membros que possuem uma vida moralmente aceitável, de acordo com os ensinamentos da Igreja, podem adentrar nos templos. De acordo com o pesquisador do Mormonismo, Douglas Davies, a obediência ou a desobediência às normas da Igreja, às suas lideranças e hierarquia, desempenham papéis fundamentais dentro da linha de pensamento desta Igreja (In: PARTRIDGE, 2004, p. 32).

No Templo são lavados ritualmente e ungidos, iniciados nos ensinamentos fundamentais da igreja, e assumem os votos que estabelecem um pacto entre eles e o divino, Isto garante o poder para se alcançar um estatuto exaltado após a ressurreição, o que é muitas vezes designado como “as

⁴⁸ A Exaltação é uma crença entre os membros da Igreja Mórmon, segundo a qual a humanidade pode tornar-se semelhante a Deus após um processo de evolução espiritual após a morte. Embora o significado exato disso não esteja bem definido na Teologia mórmon, a maioria dos Santos dos Últimos Dias especula que isto significa o cumprimento do mandamento de Jesus, em Mateus 5:48: “Sede perfeitos como o vosso Pai é perfeito”. Por conta dessa doutrina de deificação dos indivíduos, bem como a crença na Trindade como formada por três divindades “distintas, mas em harmonia de propósito”, muitas Igrejas tradicionais acusam o Mormonismo de ser politeísta, o que iria de encontro à crença fundamental do Cristianismo (embora este não seja um monoteísmo estrito como o Judaísmo ou Islamismo).

chaves”, expressão que simboliza o controle das forças pós-morte (In: PARTRIDGE, 2004, p. 35).

Esses elementos, embora estranhos, quando vistos por cristãos tradicionais, são parte inerente da doutrina desse segmento religioso, transformando-se em uma marca da Igreja Mórmon, onde o mais conhecido deles é o Templo de Salt Lake City, cidade sede da Igreja SUD.

Além dos Mórmons, desconhece-se outra denominação cristã que faça alusão ou se utilize do sistema ritualístico do santuário judeu como parte de sua doutrina. Diante desse quadro apresentado a respeito da função do Templo dentro do atual sistema ritualístico do Judaísmo e do Cristianismo, fica claro que, na religião judaica, com a destruição do santuário de Jerusalém, este é substituído formal e materialmente pelo espaço sagrado da sinagoga, e ritualisticamente praticado na observância do *Shabat*. Já com a ascensão do Cristianismo, o sistema sacrificial do Templo perdeu seu sentido para a sua doutrina que está centralizada no sacrifício de Cristo na cruz como “único, perfeito e suficiente” para a remissão dos pecados e salvação da humanidade (Hebreus 9:23-28), simbolizado pela instauração de uma “Nova Aliança” e a sua renovação constante a partir do rito da Eucaristia (ELIADE, 2011, p. 299), e convertendo o Cristo em um arquétipo espiritual do próprio Templo.

Visto isso, podemos avançar para analisar como se deu o processo de resgate da simbologia judaica pelas Igrejas neopentecostais brasileiras, apoiado sobre uma tríade de fatores, os quais são de caráter mercadológico, doutrinal e litúrgico.

4.2. Da Cruz à Estrela de Davi

Antes de apresentar a teoria proposta nesse trabalho sobre o modo como se deu a ressignificação dos símbolos judaicos pela Igreja Universal, é preciso compreender o conceito de apropriação de símbolos. De acordo com Roger Chartier, este processo se traduz em uma tentativa de construção de uma história e identidade própria por parte de um grupo. Neste trabalho, aplicamos este conceito à Religião.

A história cultural tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada

realidade social é construída, pensada, dada a ler. A apropriação como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inseridas nas práticas específicas que as produzem (CHARTIER, 1990, pp. 16-17).

Chartier ainda prossegue, apontando que o conceito de apropriação

permite vincular as duas dimensões etimológicas que estão presentes nele: apropriar-se é estabelecer a propriedade sobre algo; e, desta maneira, o conceito de apropriação foi utilizado por Michel Foucault para descrever todos os dispositivos que tentam controlar a difusão e a circulação dos discursos, estabelecendo a propriedade de alguns sobre o discurso por meio de suas formas materiais. E existe a apropriação no sentido da hermenêutica, que consiste no que os indivíduos fazem com o que recebem, e que é uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento em que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos. Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos (CHARTIER, 2001).

Desde o seu surgimento, as Igrejas cristãs beberam de uma fonte simbólica dual, sendo considerada a sua simbologia de cunho judaico-cristã. Porém, há uma grande diferença no processo de apropriação e ressignificação dos símbolos judaicos pelas Igrejas históricas e pelas Igrejas evangélicas neopentecostais.

Embora por um lado, durante o período de formação da Igreja dos primeiros séculos, tenha havido uma assimilação e revalorização dos simbolismos e argumentos mitológicos de origem bíblica – aqui se leia judaica⁴⁹ – (ELIADE, 2011, p. 347), por outro, o Cristianismo promoveu um movimento cada vez maior de “dessacralizações” do sistema religioso judaico com a crescente “helenização” de suas crenças, com a criação do que Eliade chama de um “Cristianismo Cósmico”⁵⁰, que rompe radicalmente com o Judaísmo (2011, p. 349). Ou como aponta Rubem Alves, nós "recebemos uma herança simbólico-religiosa, a partir de duas vertentes.

⁴⁹ Como exemplos de símbolos judaicos que foram prolongados em seu uso e ressignificados pelo Cristianismo estão o rito da Eucaristia (que reencena a Páscoa judaica com o uso do pão e do vinho), as vestes sacerdotais (o kipá virou o solidéu dos bispos e papas e os demais paramentos seguem os elementos presentes nas vestes dos sacerdotes do Templo de Jerusalém), o uso de objetos sacros como o turíbulo para o incensar do altar (tal como era feito em Jerusalém), o uso de velas no altar (tal como o costume judaico), o sacrário como símbolo ressignificado da Arca da Aliança (que no Judaísmo guardava as Tábuas da Lei, e que no Cristianismo guarda a hóstia que representa o “Corpo de Cristo”, simbolizando a “Nova Aliança”), etc.

⁵⁰ De acordo com Eliade, esse “Cristianismo Cósmico” consistiria na projeção de um mistério sobre a natureza e na dimensão litúrgica da existência do mundo. Como exemplos disso temos que a “concepção de um cosmo remido pela morte e pela ressurreição de um salvador, e santificado pelos passos de Deus, de Jesus, da Virgem e dos santos, permitia que se reencontrasse, ainda que esporádica e simbolicamente, um mundo cheio de virtudes e belezas de que o mundo histórico se via despojado pelas guerras e pelos terrores por elas causados” (2011, p. 350).

De um lado, os hebreus e os cristãos. Do outro, as tradições culturais dos gregos e dos romanos“ (2006, p. 41).

Por trás dessa reprodução da simbologia judaica, tais Igrejas evangélicas buscam “limpar” o Cristianismo de seus elementos helênicos (TRAVASSOS, 2015, p. 140) – traduzidos na linguagem evangélica como “pagãos”, a partir da definição de Chartier de que são impostos e produzidos novos sentidos, de modo que se identifica um caminho de ressignificação, partindo dos símbolos cristãos a um retorno ao Judaísmo, aqui metaforizado como um caminho “da Cruz à Estrela de Davi”.

Nesse processo de ressignificação dos símbolos judeus, há uma apropriação, em que se acredita que a reapresentação ou reprodução fiel de tais símbolos, conservará o sentido que possuíam há dois mil ou três mil anos.

Na construção de um conjunto de imagens, sejam elas pertencentes ao universo icônico visual ou sonoro, sejam elas pertencentes a outros universos (verbais, performáticos, olfativos, gustativos), é notável a utilização de imagens precedentes como referência e como suporte de memória. Assim, a representação de um objeto não é apenas a representação de algo existente no mundo (...) mas também uma reapresentação das maneiras pelo qual este algo já foi representado (BAITELLO JÚNIOR, 2005, p. 95).

De acordo com Magali Cunha, esse processo de apropriação está marcado por algumas características e aplicações teológico pastorais, sendo elas

(1) na ênfase à monarquia, ao templo judaico, a ações de guerra e domínio expressas no movimento musical gospel (letras de canções, capas de CDs e nos nomes de grupos musicais); (2) na utilização de imagens bíblicas na língua hebraica em letras de música e na nominação de elementos relacionados às igrejas ou ao mercado religioso; (3) na introdução de figuras, instrumentos musicais e símbolos judaicos e do Judaísmo nas práticas de culto e na ornamentação dos espaços cúlticos; (4) na realização de festas relacionadas à tradição judaica (Tabernáculos, Primícias, Purificação, Dedicção, Purim); (6) na prática de estabelecimentos de "votos" (promessas) que implicam assumir comportamentos atribuídos a personagens do Antigo Testamento, como os "gaditas" (CUNHA, 2014).

Cabe salientar que esse processo não tem origem com as Igrejas do Protestantismo brasileiro (Presbiteriana, Luterana, Anglicana, Metodista, Congregacional, Batista, etc.), uma vez que ainda se percebe uma centralidade cristológica no sacrifício de Jesus e na conversão ao Evangelho como pontos

centrais da doutrina difundida por tais denominações protestantes. De acordo com Cunha (2007, p. 186):

A resposta não está na história do protestantismo brasileiro, que construiu uma teologia muito pouco baseada no Antigo Testamento. Para Antonio Gouvêa de Mendonça, o protestantismo no Brasil baseou-se numa religião de Jesus, cristológica. Um estudo realizado por ele, com base nos cânticos que integram a hinódia tradicional protestante brasileira, demonstra a centralidade da fé e a imagem de Cristo em Deus, longe das imagens da teofania das tradições monárquicas de Jerusalém. A exceção seria a imagem do Deus guerreiro que convida para um engajamento também guerreiro de seus seguidores, mas não é um discurso predominante. A conversão a Cristo torna-se a centralidade, inclusive na hinologia, primeiramente com os hinos clássicos inseridos pelos missionários, depois com os corinhos trazidos pelas paraeclesiásticas estadunidenses. A ênfase no Cristo salvador prevaleceu no protestantismo brasileiro e só foi alterada nas décadas de 80 e 90 (apud MENDONÇA, 1984).

Mendonça ainda prossegue com a análise de que essa ênfase no Novo Testamento pode ser verificada entre os Protestantes históricos pela intensa atividade missionária e a distribuição de cópias da Bíblia, e principalmente do Novo Testamento (práticas estas presentes desde que os primeiros missionários protestantes chegaram ao Brasil). A imagem do Cristo que aparece na Teologia Protestante é de um servo obediente a Deus, que se sacrifica em favor da humanidade, que é salva mediante a sua fé nesse “redentor da humanidade”.

Com a queda do Regime Comunista em 90, e a ascensão e consolidação de um modelo neoliberal, duas abordagens teológicas ganham espaço no campo religioso, a principal, a Teologia da Prosperidade, e a segunda, e não menos importante, a noção de Guerra Espiritual. Durante as décadas de 80 e 90, com o gradual desenvolvimento do Neopentecostalismo no Brasil e sua pregação sobre esses dois temas, percebe-se uma alteração dessa ênfase do Cristo enquanto servo, para uma ênfase nos elementos teológico-monárquicos do Antigo Testamento, apresentando uma figura de um “Cristo Rei”, “sentado no trono, comandante de ações bélicas, guerreiro, que convoca combatentes para derrotar o inimigo que se coloca no meio dos seus súditos (a igreja)” (CUNHA, 2014).

De acordo com a pesquisadora, essa ressignificação segue uma linha de pensamento que insere o Cristianismo e sua doutrina dentro da lógica de Mercado.

A base bíblica para esta formulação teológica, que busca inserir a fé cristã e as igrejas na lógica do mercado, do capitalismo globalizado, dificilmente seria encontrada no Novo Testamento com suas propostas de desapego

aos valores materiais, de Deus que se revela na fraqueza e no sofrimento, de misericórdia e justiça e do Deus que encarna no ser humano e nasce em família pobre e num lugar humilde (CUNHA, 2014).

A ênfase dada ao Antigo Testamento, mostrando um povo em constante vitória diante das batalhas enfrentadas, se torna mais atraente do que uma leitura teológica baseada no Novo Testamento, em que a Igreja é perseguida, os cristãos passam por constantes períodos de dificuldades, e os seguidores fiéis a Deus são mortos, ou pelo Império Romano ou pelos próprios judeus. É a partir dessa dicotomia que se percebe uma gradual adoção por tais Igrejas de imagens e discursos sobre a “vitória” e “conquista” pessoal, que evocam os episódios e símbolos marcantes do Antigo Testamento, sobretudo o período monárquico dos reis Davi e Salomão.

Figuras como o Deus de Guerra, o “cavaleiro Jeová” e os gaditas alimentam a noção da guerra espiritual permanente contra os poderes anti-prosperidade, antirealização do mercado para que fieis alcancem poder e sucesso. O que não seria possível em relação ao Novo Testamento com personagens e situações que evocam derrota e dificuldade, como a perseguição à igreja, apóstolos em prisões e perseverança como um valor. Este quadro de adesão a uma nova concepção cristã a partir dos signos bíblicos se completa com uma identificação mais ampla com a tradição do judaísmo (CUNHA, 2014).

Dentre as razões para a escolha de tal período, está o fato de que este foi o momento mais próspero para o Reino de Israel, pois é quando o rei constrói o seu magnífico Templo, possui uma grande tropa de cavalos para seu uso e do exército, e os cananeus, derrotados por Davi, são escravizados e submetidos ao trabalho forçado (mesmo contrariando a Lei instituída por Deus, presente no livro de Deuteronômio, em 17:14-20), garantindo assim, a supremacia de Israel. Dessa maneira, evocando tal período do Antigo Testamento, reforça-se a ideia de que, assim como nos tempos de Salomão, a “nação de crentes” continuará a ser vitoriosa, conquistando seus objetivos coletivos e pessoais, mediante a fé no Deus de Israel.

Esta formação teológica apresenta duas explicações: derrota é resultado de pouca dedicação a Deus e a responsabilidade é única e exclusiva do “crente” que pouco fez para receber as bênçãos; e há forças do mal atuando no mundo para que os “filhos do Rei” sejam derrotados; nesse caso, é necessário “destruir o inimigo” ou “o mal” que impede que se alcance as bênçãos da prosperidade, por isso deve-se invocar todo o poder

que é direito do fiel para se estabelecer uma guerra contra “o devorador” (CUNHA, 2014).

Ainda assentada sobre a tese de Magali Cunha, questão da arquitetura e decoração dos templos das Igrejas neopentecostais também reflete essa lógica de Mercado. Desde o início da Reforma Protestante, as Igrejas surgidas a partir desse ramo excluíram de seus locais de culto toda representação iconográfica de esculturas, ícones e pinturas de qualquer tipo, a partir de uma interpretação absoluta de Êxodo 20:4-5⁵¹, evitando assim, uma prática da fé baseada na idolatria, segundo a interpretação dada a 1 Coríntios, 10:14⁵².

Historicamente, as Igrejas Protestantes sempre basearam a arquitetura e decoração de seus templos em elementos não baseados em seres vivos, e que remetiam a símbolos e elementos centrais da doutrina da Reforma, como a Bíblia e a Cruz, sendo representados das mais diversas formas, como esculturas, ou presentes em pinturas ou vitrais. No entanto, com a ascensão do Neopentecostalismo e sua doutrina, desenvolveu-se um paradoxo entre a Teologia da Prosperidade pregada nos púlpitos de tais Igrejas e a austeridade decorativa e litúrgica apresentada por elas.

Como assegurar a promessa de mobilidade social ascendente de templos pobremente decorados, quase ascéticos? Além do mais, como cativar as massas brasileiras com uma antiga tradição religiosa católica, cujas igrejas de estilo barroco constituem um referente importante para aqueles que escolheram como nova religião o Neopentecostalismo? (TOPEL, 2011, pp. 38-39).

Além do mais, deve-se salientar que, na busca de uma autenticidade em torno da Teologia da Prosperidade, os neopentecostais encontraram no arquétipo do judeu enquanto uma pessoa bem sucedida financeiramente, uma concretização dessa prosperidade que tanto almejavam. A judaização das práticas neopentecostais seria, por fim, uma garantia de que, ao repetirem os gestos,

⁵¹ “Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás, porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e a quarta geração dos que me odeiam, mas que também ajo com amor até a milésima geração para com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos”.

⁵² “Eis por que, meus bem-amados, deveis fugir da idolatria”.

palavras, e modo de ser e cultura dos judeus, estes fiéis cristãos seriam tão abençoados como os fiéis do Povo de Israel.

No imaginário destes indivíduos e de suas lideranças é fácil identificar alguns estereótipos sobre a comunidade judaica local, entre os quais se destaca a posição privilegiada de seus membros na hierarquia socioeconômica do País. Os judeus são vistos como uma minoria que “deu certo”, isto é, como um grupo que conseguiu inserir-se com sucesso na estrutura de classes e na distribuição de prestígio da sociedade maior. Este, provavelmente, seja outro componente que explicaria a judeofilia das igrejas neopentecostais e dos indivíduos que optam por pertencer às igrejas messiânicas, bem como aqueles que invocam raízes marranas. [...] Este fenômeno se observa na utilização da mezuzá e da menorá como amuletos e a interpretação e utilização de certos versículos bíblicos como mecanismos para atingir a prosperidade no campo econômico, a cura e outros (TOPEL, 2011, p. 44).

Nessa busca de uma identidade neopentecostal brasileira, em oposição à forte identidade católica presente no país, os lideranças de tais Igrejas encontraram no simbolismo judaico a fonte para a ressignificação, autenticidade e legitimação dos seus cultos, uma vez que, de acordo com a visão evangélica, tais símbolos não poderiam ser acusados de idolatria, uma vez que eles fazem parte das narrativas bíblicas, e eram parte, inclusive, da identidade judaica de Jesus. Como consequência de uma tríade de fatores – mercadológicos, doutrinários e litúrgicos –, ao longo do tempo Igrejas neopentecostais como a IURD, a IAPTD e outras denominações passaram a incorporar na dinâmica de seus rituais e na decoração de seus altares *menorás*, arca da aliança e muitos outros símbolos oriundos do Judaísmo.

Por outro lado é importante frisar que o desenvolvimento de tais rituais ou a apropriação dos símbolos judaicos e o seu progressivo uso não converte tais Igrejas em grupos pertencentes ao Judaísmo Messiânico⁵³, uma vez que tais denominações evangélicas ainda promovem sua identidade como cristã, enquanto que “os judeus

⁵³ Em pesquisa monográfica anterior sobre o assunto (COSTA, 2014), foi apresentado um panorama do Judaísmo Messiânico: “Embora busquem resgatar as tradições do Cristianismo Primitivo, surgido entre os judeus do século I, o Judaísmo Messiânico é um movimento surgido no início século XX, nos Estados Unidos. A maioria dos judeus messiânicos seguem as tradições judaicas, mas só reconhecem sua completude através da aceitação de Yehoshua Ben Yosef (nome de Jesus, em hebraico) como o Messias esperado pelo Judaísmo. No entanto, o Governo de Israel não reconhece os judeus messiânicos como judeus legítimos para a chamada *Aliah* (imigração de judeus a Israel), uma vez que tais grupos não seguem costumes tradicionais do Judaísmo, pois acreditam em Jesus como o Messias. Por tais razões, são considerados como uma seita cristã”.

messiânicos não querem ser vistos ou chamados de cristãos, querem preservar o que eles dizem ser uma identidade judaica⁵⁴ (TRAVASSOS, 2015, p. 140).

Aqui podemos apontar uma distinção clara entre grupos judaico-messiânicos de tais Igrejas evangélicas, pois no caso destas últimas não há a assimilação da observância rigorosa dos rituais e datas comemorativas concernentes ao calendário judaico (*Rosh Hashaná, Sucot*, etc.), a utilização de expressões e da linguagem hebraica ou iídiche durante os cultos ou celebrações, muito menos a tentativa dos fiéis de se considerarem convertidos ou buscarem suas origens judaicas enquanto B'nei Anussim⁵⁵. Por conta desses fatores distintivos, Deborah Travassos discorre que “o judaísmo messiânico poderia então ser classificado como um grupo que está fora dos limites da comunidade judaica oficial, mas seus seguidores não podem também ser classificados como cristãos” (2015, p. 34).

Vale frisar ainda que a doutrina judaico-messiânica é vista com desconfiança por muitos grupos cristãos, por conta da tentativa de “descristianização” de seus símbolos. Da mesma forma, tais Igrejas que utilizam ou ressignificam a simbologia judaica não devem ser confundidas como adeptas do movimento *Jews for Jesus*⁵⁶, que continua a utilizar símbolos cristãos, cujo intuito é converter o maior número de judeus, de modo que eles não precisem largar seus costumes para crer em Jesus como o Messias e o Filho de Deus – doutrina essencial para se tornar um convertido ao Cristianismo.

Ainda há um fator que não deve ser desconsiderado dentro do processo de apropriação da simbologia judaica, que é a construção de uma imagem escatológica que está totalmente voltada para a centralidade de Jerusalém e do povo judeu como parte do cumprimento dessas profecias.

⁵⁴ Um símbolo bastante comum dos judeus messiânicos é um *Menorá* fundido com uma Estrela de Davi e um Peixe, representando assim, a ligação existente entre o Israel bíblico, os cristãos primitivos (entendidos como judeus praticantes) e os judeus messiânicos (sucessores da tradição judaica preservada por esses cristãos). O que se percebe nesse símbolo, é que a adoção do Peixe afasta a ideia de uma identidade pagã, representada pela cruz, símbolo de tortura romana e de veneração do Cristianismo tradicional.

⁵⁵ *B'nei Anussim*, ou “filhos dos forçados”, é o termo que designa os descendentes de judeus convertidos à força na Europa, nos séculos XVI e XVII. Eram popularmente conhecidos pelo epíteto pejorativo de *marranos*, do árabe, “porcos”.

⁵⁶ É um grupo formado na década de 70 que tem por missão a conversão de judeus para o Cristianismo. Suas doutrinas em nada diferem do Cristianismo tradicional, diferente dos judeus messiânicos, que se identificam com as crenças e práticas judaicas. Uma das estratégias de proselitismo desse grupo cristão é a distribuição de cópias do Velho e do Novo Testamento em hebraico para o público judeu. Em contrapartida ao *Jews for Jesus*, judeus se organizaram em um grupo para combater esse tipo de proselitismo, criando o *Jews for Judaism*.

A partir do século XIX, diversos grupos fundamentalistas protestantes, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, adotaram o dispensacionalismo. A fundação do Estado de Israel em 1948 aumentou entre os dispensacionalistas a expectativa milenarista em relação à segunda e última vinda de Jesus que, como fora mencionado, governará o mundo de Jerusalém. A análise do discurso de pastores e bispos de diferentes denominações neopentecostais através da TV e de sites na internet e a conversa com pastores das igrejas Presbiteriana e Adventista do Sétimo Dia permitem esboçar a hipótese de que quase todas as igrejas neopentecostais, como parte das correntes do protestantismo histórico brasileiro, defendem a visão escatológica brevemente explicada, que apoia a existência de um Estado judeu nas Terras de Israel por acreditar que o mesmo tem papel central no plano Divino, constituindo um pré-requisito para a volta de Jesus e o início de seu reinado messiânico (TOPEL, 2011, pp. 40-41).

Formulado nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XIX, o dispensacionalismo parte da premissa que, a segunda vinda de Jesus Cristo acontecerá em breve e será uma sequência de eventos que acontecerá no mundo inteiro em um futuro não tão distante, começando pelo arrebatamento dos “escolhidos”, seguido de um período de sete anos de dificuldades (a “Grande Tribulação”), com o desencadeamento da “Batalha do Armagedon” e o consequente estabelecimento do “Reino de Deus na Terra”⁵⁷. Nesta cadeia de eventos, acredita-se que esta segunda vinda de Jesus se manifestará em Jerusalém e dessa cidade iniciará seu reinado messiânico.

O pesquisador bíblico Harald Schaly discorre que para os evangélicos, “o ponto de partida da interpretação escatológica já não se encontra em Roma, mas tem retornado a Jerusalém” (SCHALY, 1992).

Os papéis apocalíptico e político de Jerusalém emaranham-se mais e mais. A exuberante democracia norte-americana é acintosamente diversa e secular, mas é também a maior potência cristã de todos os tempos – e seus evangélicos continuam a olhar os Últimos Dias em Jerusalém, da mesma forma que os governos americanos veem uma Jerusalém apaziguada como a chave para qualquer paz no Oriente Médio, e estrategicamente vital para as relações com seus aliados árabes (MONTEFIORE, 2013, p. 643).

É partir dessa concepção escatológica, que se inicia todo um processo de retorno às origens judaicas a partir do movimento evangelical norte-americano, que influenciará o evangelicalismo brasileiro, sobretudo, o neopentecostal, com sua Teologia da Prosperidade, que possui raízes milenaristas e dispensacionalistas.

⁵⁷ Estes episódios estão registrados no Livro do Apocalipse, capítulos 20 a 22.

Como característica dessa aplicação direta da ideologia religiosa que brota do dispensacionalismo, muitas lideranças evangélicas buscam a legitimidade de suas práticas no período de formação do Cristianismo Primitivo, em detrimento da centralidade que Roma teve na história do Cristianismo, junto com a adoção de elementos da identidade secular judaica. Aqui temos como símbolo máximo desse secularismo judeu a bandeira do Estado de Israel. Junto com os demais símbolos como o *menorá* ou a Arca da Aliança, este elemento traduz o papel contemporâneo que o Estado de Israel possui para a escatologia cristã fundamentalista. Como consequência dessa visão, tem-se um apoio incondicional de tais Igrejas evangélicas e seus membros ao governo israelense e suas políticas.

Os evangélicos acreditavam que duas das precondições haviam sido atendidas para o Dia do Juízo: Israel restaurado e Jerusalém judaica. Tudo que restava era a reconstrução do Terceiro Templo e sete anos de atribulações, seguidos da batalha do Armagedon, quando São Miguel apareceria no monte das Oliveiras para combater o Anticristo no monte do Templo. Isso culminaria na conversão ou destruição dos judeus e na Segunda Vinda e mil anos de reinado de Jesus Cristo. A vitória da pequena democracia judaica contra as legiões de despotismo árabe armadas pela União Soviética convenceram os Estados Unidos de que Israel era um amigo especial na mais perigosa das vizinhanças, seu aliado na luta contra a Rússia comunista, o radicalismo nasserista e o fundamentalismo islâmico. Estados Unidos e Israel compartilhavam mais que isso, pois eram países construídos sobre um ideal de liberdade beirando o divino: um era a nova Sião, a “cidade da colina”; o outro, a velha Sião restaurada. Judeus americanos sempre foram ávidos em dar apoio, mas agora os evangélicos americanos acreditavam que Israel tinha sido abençoado com a Providência (MONTEFIORE, 2013, p. 630).

Alguns judeus ortodoxos, organizados em torno do Instituto do Templo⁵⁸, buscam reconstruir o Templo em Jerusalém no mesmo local onde hoje se encontra o Haram Al-Sharif⁵⁹, o santuário muçulmano. Jerusalém, assim como do Monte do

⁵⁸ O Instituto do Templo (*Machon Ha-Mikdash*) é uma organização religiosa judaica fundamentalista fundada em 1987, que busca consolidar a construção do chamado “Terceiro Templo”, onde hoje se encontra o santuário muçulmano no Monte do Templo, em Jerusalém. Para isso, desde a sua fundação ele arrecada fundos para o treinamento dos sacerdotes e a confecção dos objetos que serão utilizados nos serviços realizados no futuro santuário.

⁵⁹ O *Haram Al’Sharif* (O Nobre Santuário) é considerado o terceiro lugar mais sagrado do Islamismo depois das cidades de Meca e Medina, na Arábia Saudita. Nele, erguem-se a Mesquita de Al-Aqsa – a maior mesquita de Jerusalém – e o Domo da Rocha. Este último templo possui uma importância fundamental na história do Judaísmo e do Cristianismo, pois se acredita que, além de ter servido como altar para o sacrifício de Isaac realizado por Abraão (Ismael na versão muçulmana), o local também abrigou o Santo dos Santos do Templo de Jerusalém. Desde os acontecimentos que culminaram na Guerra dos Seis Dias, judeus são proibidos de acessar o quadrângulo do santuário, nem fazerem suas orações nas proximidades do Monte, sendo a sua posse disputada até hoje por judeus e muçulmanos.

Templo – hoje tomado pelo santuário muçulmano –, era uma questão de direito divino.

Para os judeus religiosos – herdeiros daqueles que, por milhares de anos da Babilônia até Córdoba e Vilna, haviam esperado, como vimos, a entrega messiânica iminente –, este era um sinal, um veredicto, uma redenção e uma realização das profecias bíblicas, o fim do Exílio e o Retorno aos portões e pátios da cidade restaurada do Templo de Davi. Para os muitos israelenses que abraçaram o sionismo militar nacionalista, herdeiros de Jabotinsky, essa vitória militar era política e estratégica – a oportunidade única, dada por Deus, de garantir um Grande Israel com fronteiras seguras. Judeus nacionalistas e religiosos compartilhavam igualmente a convicção de que deveriam abraçar de forma enérgica a excitante missão de reconstruir e manter para sempre a Jerusalém judaica (MONTEFIORE, 2013, p. 630).

No entanto, se depender das negociações com os árabes, os judeus jamais terão acesso ao Monte do Templo, uma vez que o local é estratégico para os dois Estados, tornando-se o centro da disputa pela soberania sobre a cidade de Jerusalém, um dos principais problemas que envolvem o conflito árabe-israelense.

Em seu retiro presidencial em Camp David, em julho de 2000, Clinton reuniu o novo primeiro-ministro Ehud Barak e Arafat. Barak ofereceu audaciosamente um trato ‘definitivo’: 91% da Cisjordânia com a capital palestina em Abu Dis e todos os subúrbios árabes em Jerusalém oriental. A Cidade Velha permaneceria sob domínio israelense, mas o Bairro Muçulmano e o Bairro Cristão, bem como o monte do Templo, ficariam sob ‘custódia soberana’ palestina. O solo e os túneis abaixo do Santuário – especialmente a Pedra Fundamental do Templo – permaneceriam israelenses, e pela primeira vez os judeus teriam permissão de orar, em números limitados, em algum lugar do monte do Templo. A Cidade Velha seria patrulhada em conjunto, mas desmilitarizada e aberta a todos. Tendo já recebido a oferta de metade dos bairros da Cidade Velha, Arafat exigiu o Bairro Armênio. Israel concordou, oferecendo efetivamente três quartos da Cidade Velha. A despeito da pressão saudita para que Arafat aceitasse, ele sentiu que não podia negociar uma solução definitiva dos direitos de retorno dos palestinos, nem aprovar a soberania israelense sobre o Domo, que pertencia ao Islã. ‘O senhor que ir ao meu funeral?’, ele perguntou a Clinton. ‘Eu não abro mão de Jerusalém e dos Lugares Santos’ (MONTEFIORE, 2013, pp. 638-639).

Se para os judeus a vinda do Messias depende dessa construção desse novo Templo, para os cristãos isso não possui nenhum fundamento, uma vez que, de acordo com as próprias palavras de Jesus, a Segunda Vinda do Cristo não dependeria de esforços humanos, pois, segundo as Escrituras cristãs, só caberia a Deus decidir o momento e o local em que este evento ocorreria (Mateus 24:36).

Simbolicamente, Israel é um elemento presente na atuação dessas igrejas já no Brasil, onde símbolos sionistas juntamente com alguns elementos da tradição judaica transformam tais igrejas em apoiadoras de Israel e sua identificação com a Terra Santa é fortemente sentida. Conceitos como “Terra Prometida” e “Povo Escolhido” são repetidos diversas vezes pelos pastores em sermões e rodas de oração. O Estado de Israel se torna assim um exemplo de benção divina. Nesta perspectiva, o “Povo de Israel” e o Estado de Israel passam por um processo de santificação dentro das igrejas pentecostais, o que pode explicar o grande número de fiéis brasileiros que vêm para Israel a cada ano e compram ou levam diversos objetos de volta para o Brasil. Utilizam-se estes objetos em ritos religiosos ou mesmo fora dos templos, em suas casas, dando a eles um tipo de propriedade mágica (GHERMAN, 2009, p. 58).

Estas práticas religiosas de santificação executadas em, ou importadas de Israel, são observadas, sobretudo, na IURD, quando esta desde o final da década de 90 realiza uma série de campanhas denominadas com a “Fogueira Santa de Israel”.

A IURD convoca seus membros a participar da Fogueira Santa de Israel ao menos uma vez por ano. Trata-se de uma prática que aplica a noção de “fé em ação”. A Fogueira Santa, realizada na virada de 2000, no Monte Sinai, em Israel, é ilustrativa. Para esta igreja, este é o “único altar natural existente na Terra”. Após convocação da IURD, seus membros se preparam, com jejuns, vigílias e orações, para a realização da Fogueira. Geralmente são distribuídos envelopes, nos quais são depositados pedidos e “sacrifícios” em dinheiro. Após essas etapas, os bispos partem em peregrinação a Israel, conduzindo os pedidos para serem queimados em um “Monte Sagrado”, que geralmente nomeiam as “campanhas” (GOMES, 2011, pp. 112-113).

É interessante notar, que o período em que se iniciam as campanhas da “Fogueira Santa de Israel” coincide com a expansão territorial da IURD, que chega ao Estado Judeu em 2001, junto com outra denominação evangélica brasileira, a Congregação Cristã no Brasil (CCB), fato esse destacado por Michel Gherman.

As duas igrejas pentecostais brasileiras chegaram ao Estado de Israel durante um mesmo período. Conforme visto anteriormente, há fortes vínculos entre a realidade social, política e religiosa de Israel e o pentecostalismo brasileiro, o que transformou a chegada dessas igrejas à Terra Santa em um evento complexo e interconectado. Para uma melhor compreensão da atuação do pentecostalismo brasileiro em Israel, é importante entender dois processos paralelos e específicos que determinaram o surgimento dessas igrejas neste país. Tais processos consistem na inauguração das igrejas em Israel e nas primeiras conversões de israelenses ao pentecostalismo brasileiro. Ambas as igrejas que operam em Israel, CCB e IURD, têm entre seus primeiros fiéis convertidos pessoas com identidades judaicas religiosas muito específicas (GHERMAN, 2009, p. 59).

Essa presença da Universal no país com suas campanhas de fé e a inauguração de templos, junto com a conversão de judeus natos, constitui-se em marcos de suma importância para a construção de um novo processo de bricolagem na Universal que, segundo Patrícia Birman (2001), “muda constantemente como mudam suas matrizes: católica, afro-brasileira, New Age e mundo profano”. Assim, com a incorporação gradual da simbologia judaica na IURD, cria-se a construção de um processo de sincretismo, apropriação e ressignificação, que transcende as barreiras nacionais, antes, fincadas na religiosidade brasileira, para buscar em Israel, uma fonte de legitimação e autenticidade para esta denominação.

Renee de la Torre Castellanos (2009, p. 18) aponta que estes processos de transnacionalização realizados pelas religiões, tem como consequência o desenvolvimento de novos ideais de “povos escolhidos” e/ou “terras prometidas”. Desse modo, temos com a construção do Novo Templo de Salomão no Brás uma refundação da ideia de um povo escolhido por Deus, que agora, inclui, além dos judeus – já presentes na teologia veterotestamentária do Neopentecostalismo –, os fiéis que frequentam a Igreja Universal.

O megaprojeto da IURD de construir o Terceiro Templo de Salomão em São Paulo com pedras trazidas de Jerusalém é um exemplo emblemático da bricolagem que caracteriza as igrejas neopentecostais, uma vez que a escatologia dispensacionista da qual a IURD é fiel seguidora prevê a construção do Terceiro Templo em Jerusalém como um sinal da segunda vinda de Jesus. Mas curiosamente, a re-localização do templo não pareceria despertar questionamentos entre os seguidores da mencionada igreja (TOPEL, 2011, p. 48).

Desde o início da construção do NTS, a IURD o concebeu enquanto um espaço sagrado para exercer um papel de “centro do mundo” da denominação, de modo a agregar novamente os seus fiéis em torno de um ideal religioso. No entanto, foram desconsiderados todos os requisitos necessários para a construção de um Templo judeu, a partir das condições definidas na Bíblia – localização, forma espacial (de acordo com a visão apresentada pelo Livro de Ezequiel, em 40:1-49) ou a interpretação cristã tradicional (de que um Templo físico não é necessário, pois o Cristo é o seu símbolo espiritual arquetípico).

Com a apropriação e ressignificação própria do objeto máximo da identidade judaica e de seus símbolos atrelados, a IURD não está buscando legitimidade para sua empreitada a partir da fidelidade aos requisitos estipulados pelo Judaísmo ou

pelo Cristianismo, mas sim, no modo como essa nova identidade repercutirá na sua imagem institucional, e qual o seu impacto no campo religioso brasileiro. Visto isso, podemos avançar para compreender de que modo essa segunda e definitiva fase do projeto de expansão da Igreja Universal, poderá trazer resultados positivos para a denominação.

4.3 A ressignificação da simbologia judaica pela IURD

A IURD sempre esteve inserida nos três pilares da religião, interdito, rito e mito, sempre destacando sua função de controle da violência em meio ao caos urbano brasileiro. Tal como aponta Margarida Oliva (1997, p. 128), “a religião é a primeira instituição social. É ela que permite a sobrevivência da espécie que, sem ela seria aniquilada, submergida pela violência essencial”.

É preciso considerar que o sucesso da Igreja Universal passa pela legitimação dada por seus fiéis, por meio da sua interação com os rituais.

A adesão dos participantes à IURD é motivada pela possibilidade de realização de suas aspirações mediante participação nos rituais. Durante o processo de interação com o discurso iurdiano nos ritos, jornais, panfletos, rádio e televisão, os vestígios da crença mágica, presentes na mentalidade religiosa de cada participante são ressignificados de acordo com o sistema organizado da magia iurdiana. [...] a IURD não cria novos modelos mágico-religiosos, apenas organiza as imagens, procedimentos e crenças dispersas durante o processo de secularização do mundo no pluralismo religioso. Dessa forma, a IURD garante a identificação dos participantes mediante o íntimo conhecimento sobre o universo simbólico utilizado pela instituição e a possibilidade da eficácia simbólica garantida pela legitimação social da crença nos procedimentos e elementos mágicos por parte dos adeptos (LEITE, 2010, p. 96).

Apesar das mudanças observadas ultimamente pela gradual implementação de elementos judaicos no universo iurdiano, observada ao longo dos anos, o discurso da Igreja se manteve intacto, devido, sobretudo, pela “rígida estrutura institucional conferida pela administração carismática e a autoridade incontestável de Edir Macedo” (PEÑA-ALFARO, 2006, p. 246).

Por conta da característica personalista, a sua visão é que a IURD precisava deixar um legado que orientasse a condução da Igreja após a sua morte. Devido à rivalidade estabelecida no meio neopentecostal e evangélico, por conta do trânsito religioso ocorrido na sociedade brasileira, que a Universal, ante sua drástica

diminuição de fiéis, resolveu construir no coração do “polo neopentecostal” de São Paulo, um empreendimento que se tornasse o centro da fé iurdiana, voltando a ser referência no “Mercado da Fé” brasileiro. Daí, a alusão do título deste capítulo ao título do terceiro volume da série *Nada a Perder* (MACEDO, 2014).

Com isso procura-se mostrar que tal projeto é de fato uma visão pessoal de Edir Macedo para garantir a sobrevivência da Universal em uma época marcada pela disputa de espaços entre as igrejas evangélicas. Essa disputa por espaços está diretamente ligada à necessidade de determinado movimento se estabelecer como “o” movimento (YOUTUBE, Programa Conexão Repórter, 26 abr. 2015), sempre à vanguarda dos demais, como se fosse capaz de determinar qual é a verdadeira identidade da tradição da qual faz parte, tal como expõe Marcelo Camurça.

Eles lutam entre si por poder e dominação no campo. Os vencedores em uma situação histórica podem estabelecer regras. E eles podem definir o que é “boa arte” ou “religião verdadeira” (In: PASSOS; USARSKI, (orgs.), 2013, p. 269).

Essa busca da Universal pela construção de uma identidade que anuncie uma autenticidade e legitimidade dentro do seu campo religioso também passa pelo amadurecimento de sua imagem, de modo que, “desde a sua fundação a Universal sofre um acelerado e dinâmico processo de transformação; de movimento formado de dissidências até a institucionalização com o reconhecimento social” (PEÑA-ALFARO, 2006, p. 242). Do ponto de vista sociológico, este processo de transformação da identidade da Universal também pode ser entendido como reflexo da ascensão de uma sociedade pós-secular.

Pode-se entender a sociedade pós-secular como aquela na qual a tradição perde a naturalidade e auto evidência, dissolvida pela concatenação entre a diferenciação das esferas institucionais da vida social, a consolidação do espaço público e a separação entre Igreja e Estado, entre outros fatores. Ao mesmo tempo, é uma sociedade que convive com as mais diversas buscas religiosas, presentes nos mais diversos cantos e recantos sociais. Indivíduos, movimentos e grupos anseiam por experiências exóticas e/o éticas de ordem religiosa ou mágica, uns enfatizando as certezas ontológicas e a solidez da tradição, outros a liberdade da experiência pessoal e as promessas da pós-modernidade. Com isso, as instituições religiosas e seus discursos são afetados, interpelados e precisam reafirmar fundamentos (a palavra do fundador), reatualizar cosmologias e símbolos e acionar novos mecanismos de controle e exclusão discursiva, num processo que redundará, fatalmente, em deslizamentos ou endurecimentos (RIBEIRO; ROSA, 2014, p. 57).

Esse modelo de sociedade pós-secular ganha evidência com a crise da pós-modernidade, criando demandas de novos modelos de estruturas eclesiais, de liturgias e espaços sagrados, onde possam ser exercidas essas mudanças. Aqui entra a ressignificação dos signos/simbologia que compõe o microcosmo das religiões ou Igrejas, que passam a buscar novas identidades, agarrando-se no que havia de mais sólido no passado. Daí a fuga da Universal para uma simbologia judaica, que precede os próprios motivos cristãos.

A sociedade pós-secular é aquela em que a tradição é encenada e sua autenticidade é afirmada como tragédia, como memória atemporal em súbita (re)emergência ou como retorno a origem. São muitos os exemplos nesta paisagem espiritual pós-secular, dentre eles [...] c) o uso do shofar e da menorá, símbolos da cultura judaica, por igrejas evangélicas; d) a construção de templos monumentais, como o Templo de Salomão, da Igreja Universal do Reino de Deus. [...] Portanto, a tradição é encenada, entra em estado de performance por assim dizer, porque a memória e o ritual sofreram intensas transformações na sua função de garantir continuidade às experiências identitárias dos atores individuais e sociais. Como meio organizador da memória coletiva, a tradição sofreu rupturas constantes e é por isso que, na pós-secularidade, surgem, de um lado, intensos apelos de retorno à doutrina e, por outro, multiplicam-se soluções nostálgicas, ansiosos por uma experiência emocional, tanto em rituais religiosos cristãos, quanto não cristãos (RIBEIRO; ROSA, 2014, pp. 57-58).

É nesse interim que o Novo Templo de Salomão se apresenta como um espaço capaz de sintetizar ideias, situando não apenas uma instituição, mas também os sujeitos que estão envolvidos com ela, de modo a inseri-los na realidade sagrada, uma vez que a dinâmica religiosa é desenvolvida a partir de arquétipos (ELIADE, 1992, p. 47). Vale salientar que esse projeto que gira em torno do NTS, não se restringe apenas à apropriação e ressignificação dos símbolos judaicos, como reflexo das tendências já consolidadas no campo religioso brasileiro, ou pela elaboração de uma “estrutura arquitetônica monumental. É sua cosmovisão que está sendo objetivada pelos elementos incorporados em sua construção” (GOMES, 2011, p. 176).

Este é um processo ideológico complexo que envolve elementos retóricos discursivos, uso dos meios de comunicação de massa (com uma permanente exposição na mídia), o crescimento patrimonial (com a construção de grandes templos), a expansão mundial, aumento da representação política e participação nas campanhas eleitorais, o poder econômico alcançados. Tudo isto, resumido pragmaticamente como a eficácia dos resultados obtidos, serve para esta construção (PEÑA-ALFARO, 2006, p. 242).

Aqui percebemos que a análise semiótica do Novo Templo de Salomão se desenvolve a partir da relação existente entre o conjunto de símbolos ressignificados pela IURD e do modo como é apresentado ao seu público, pela performance dos rituais, do discurso e da liturgia, realizada no novo santuário. Ou seja, a partir da funcionalidade desse conjunto simbólico dentro dos serviços religiosos oferecidos.

E é por meio de uma abordagem especial dentro da Semiótica, sintetizada pela Teoria Funcionalista – a qual aponta que “a questão de fundo já não são os efeitos, mas as funções exercidas pela comunicação de massa na sociedade” (WOLF, 2009, p. 25) – que melhor podemos compreender a finalidade desse empreendimento levado a cabo pela Universal.

O simbolismo ritual age por si só, mas apenas na medida em que representa – no sentido teatral do termo – a delegação: o cumprimento rigoroso do código da liturgia uniforme que rege os gestos e as palavras sacramentais constitui ao mesmo tempo a manifestação e a contrapartida do contrato de delegação que torna o padre detentor do “monopólio da manipulação dos bens de salvação”; ao contrário, a abdicação de quaisquer atributos simbólicos do magistério, a batina, o latim, os lugares e os objetos consagrados, manifesta a quebra do antigo contrato de delegação que unia o padre aos fiéis por meio da Igreja. A indignação dos fiéis serve para lembrar que as condições capazes de conferir ao ritual sua eficácia somente podem ser logradas por uma instituição investida de poder de controlar a manipulação destas mesmas condições (BOURDIEU, 2008, p. 93).

Alex Peña Alfaro cita vários tipos de mecanismos de controle da Universal, materializados através da sua dinâmica ritualística. Como maior exemplo, tem-se a contínua participação em correntes: “o fiel tem que participar na corrente durante várias semanas, não pode faltar um dia sequer, do contrário ‘quebra a corrente’” (2006, p. 246).

Os rituais pentecostais buscam controlar, simbolicamente, a crise metropolitana nos seus diversos aspectos, numa espécie de controle do caos que exige um retorno ao tempo original de salvação. O caos urbano, drama real e tragédia possível, torna-se enredo, conteúdo e forma dos discursos e dos cultos espontâneos e efervescentes, obedecendo a uma sequência quase fixa, que vai da descrição e ritualização da situação caótica – os diversos males que afligem a vida dos fiéis – passa pela apresentação das causas dos males e conclui com a oferta de saídas (PASSOS, 2005, pp. 97-98).

Podemos apontar que, mais do que um mecanismo de controle, essa mudança da identidade da Universal tem entre as várias funções, criar uma

“estratégia de retenção” de fiéis através da encenação de seus rituais, relexicados através dos atuais problemas vividos no caos das grandes cidades.

De acordo com a pesquisadora Patrícia Birman (2001), em matéria de símbolos e rituais, o “novo é a característica principal da IURD e se expressa na utilização de quaisquer tipos de objetos como mediadores entre o profano e o sagrado, sempre que tenham sido consagrados pelos pastores”. E aqui entra a capacidade de síntese que os líderes iurdianos sempre tiveram ao longo da história da Igreja, de perceberem os rumos que a religiosidade brasileira tomava. Como uma verdadeira empresa, a administração da IURD sempre teve por base a implementação de técnicas de marketing e teorias da administração.

Segundo Maximiano (2011), “a obtenção de vantagens competitivas, diz respeito aos atributos de determinado produto ou serviço que consigam manter a preferência dos clientes e a superioridade com relação aos concorrentes”. Graças à política de formação de seus líderes, a mesma sempre esteve a par das tendências da religiosidade brasileira.

De acordo com Refkalefsky, os bispos, pastores e obreiros da Universal tem sua formação voltada, não para uma dimensão teológica ou para uma atuação pastoral, mas sim para impulsionar o crescimento da Igreja a partir de uma compreensão da realidade e adaptação de suas práticas ao comportamento religioso do brasileiro.

Os 80% se referem ao estudo (pesquisa) sobre a natureza da religiosidade brasileira. Para qualquer sacerdote ou obreiro da IURD, as obras de Gilberto Freyre (2003), Sérgio Buarque de Hollanda (1975), Antônio Gouvêa de Mendonça (1997), Roberto Damatta (1997), Muniz Sodré (1996), Yvonne Maggie (1975) ou Eneida Duarte Gaspar (2002) são mais importantes para o “marketing” do que a maioria dos livros de administração, negócios e comunicação – mesmo Marketing for Congregations, de Philip Kotler (1992), ou qualquer obra importada (REFKALEFSKY, 2006, p. 6).

É sobre essa perspectiva de constante adaptação que a “judaização” da identidade da IURD, a partir do projeto do Novo Templo de Salomão, toma sua forma, a partir do vínculo estabelecido entre a Universal e a “Terra Santa”, forjado da sua presença no Oriente Médio, desde os anos 2000, e a gradual inserção do “Israel mítico” e seu conjunto simbólico dentro da Igreja.

O vínculo com a Terra Santa não foi inventado, nem tampouco emergiu subitamente: ele está presente em várias formas de registro produzidas pela igreja como um componente fundamental, seja em livros, jornais, revistas ou vídeos. Ele passa a ser acionado com maior intensidade pela IURD, tornando-se um componente definidor e permanente da sua concepção de autenticidade após 1995 (GOMES, 2011, p. 168).

Essa ressignificação dos símbolos judaicos traz muito mais autenticidade às práticas da Universal do que o modelo antigo de espaço sagrado e ritualístico. Essa mudança torna a ida do fiel à Universal muito mais atrativa, pois agora, este passaria a acreditar que os resultados obtidos naquele espaço são efetivos, pois Deus agora estaria habitando no Novo Templo de Salomão.

Há, nesse trecho, três pontos capazes de estabelecer uma conexão entre a IURD e a Terra Santa: a) conhecer é uma necessidade; b) local onde se tem um encontro maduro e definitivo com Deus; c) esse encontro dá a certeza de vitória em detrimento das perseguições. Em termos da retórica da superação, seria a certeza da conquista. O *circuito da conquista* move a IURD em sua totalidade e, nesse sentido, a Terra Santa desempenha um papel preponderante, por participar ativamente da construção da autenticidade da igreja, materializada na concepção da Sede Mundial (GOMES, 2011, p. 169).

Em outras palavras, mesmo que um fiel frequente os cultos e reuniões em outro templo da IURD, o resultado desse reconhecimento parte do mesmo princípio, que é a assimilação da mensagem final que a Universal tenta passar: que “Deus se encontra na Universal”, premissa essa representada pelo NTS, pois agora, todos os cultos iurdianos estão voltados para a sede em São Paulo, convertendo-o em um “centro cultural” (RODRIGUES, 2016, p. 145).

A prova dessa conversão é que cada templo da denominação agora exhibe ao lado do altar uma grande foto do Templo de São Paulo, fazendo-se em todas as reuniões constantes referências à nova Sé da Universal. Essa repetição da propaganda em torno do santuário acaba por afirmar um papel de “centro cultural” da denominação, um “ponto de agregação” para seus fiéis, culminando no resultado esperado, com o grande número de caravanas que são levadas até o bairro do Brás. Isso permite aplicar ao campo religioso a relexicalização dos fiéis como “consumidores ou clientes” e dos serviços como “produtos” (PEÑA-ALFARO, 2006, p. 48).

Porém, existem critérios indispensáveis que estão envolvidos nesse processo de reconhecimento da autenticidade e legitimidade por parte dos fiéis iurdianos. É a

partir da correta utilização (ou venda) desses critérios que a Universal define a “fórmula do sucesso” do Novo Templo de Salomão para com o seu público. Nessa resignificação pela qual a IURD está passando também se torna evidente na gradual substituição da estética dos atores que figuram este espetáculo.

As performances, os símbolos, os ritos são realizados frente aos mesmos objetos evocados no espaço sagrado. Há que se perceber que tanto a liderança quanto os membros/frequentadores do TdS sugerem uma atividade teatral, cuja memória provocada e/ ou produzida favorecem um ambiente em que o fiel é colocado como personagem bíblico capaz de vivenciar a mesma fé do passado (RODRIGUES, 2016, p. 146)

E por conta das implicações dessa atividade teatral, a IURD redefiniu o modo como sua hierarquia é compreendida, a partir de uma nova interpretação voltada exclusivamente para o Novo Templo de Salomão. Institucionalmente, a hierarquia iurdiana continua a mesma, sendo a sua pirâmide dividida de modo decrescente em bispos, pastores e obreiros.

Os bispos são os líderes da Igreja, responsáveis pelos cultos nas sedes da Universal. Os pastores atuam tanto nas sedes como em templos menores, auxiliando nas sessões. Já os obreiros, que atuam como diáconos e diaconisas, são responsáveis pela acolhida, manutenção da ordem durante o culto e, dependendo do caso, realizam exorcismos.

No entanto, para a funcionalidade do Novo Templo de Salomão houve uma mudança estética daqueles que atuam na igreja-mãe da IURD. Antes do NTS, os bispos e pastores se apresentavam com camisas de mangas compridas e gravata. Já os obreiros se vestiam de um uniforme azul (OLIVA, 1997, p. 163). Agora os bispos e os pastores vestem um *talit* e a *kipá* quando sobe ao altar e os obreiros estão caracterizados como os levitas do Templo de Jerusalém. Essa mudança reflete a tentativa de reafirmar a autenticidade do que a Igreja Universal construir e consolidar por meio do novo significado atribuído ao seu santuário.

É necessário compreender, portanto, que na relação do corpo com a roupa o indivíduo se singulariza; que o corpo é restituído ao sujeito é o móvel do sentido; que na singularização do vestir se desenham os contornos do ser. Na roupa aparecem os sinais de uma existência em construção (In: BAITELLO JÚNIOR; GUIMARÃES; MENEZES; PAIERO (Orgs.), 2007, p. 148).

Essa mudança realizada não está voltada somente para as vestimentas, mas para um modelo daquilo que representa a figura do líder religioso para a doutrina iurdiana. Essa nova imagem dos agentes que atuam no Novo Templo de Salomão revela a substituição do modelo que aqui chamaremos de um “pastor-empresário” por um “pastor-profeta”.

Antes, o pastor da IURD era visto a partir do arquétipo de uma liderança empresarial, vestido como um moderno executivo, atuando no papel de consultor para conduzir seus fiéis à conquista da prosperidade almejada e pregada pela doutrina da Universal (CAMPOS, 1999, p. 94). No entanto, essa figura ficou bastante diluída diante de uma variedade de Igrejas que adotaram a mesma identidade e discurso neopentecostal.

Com essa ressignificação da imagem eclesiológica e dos símbolos utilizados pela IURD, seus pastores não apenas foram revestidos pela legitimidade que a pertença do simbolismo judaico lhes confere, mas também foram investidos de uma suposta autoridade espiritual, que antes não possuíam. Antigamente, o pastor vestia o tradicional terno e gravata, tornando-se semelhante a qualquer fiel. A diferença estava nas posições sociais ocupadas por estes, de acordo com o pensamento de Bourdieu (2003) sobre as trocas do poder simbólico dentro do campo religioso.

Essa adoção de novos paramentos não apenas confere um novo tipo de autoridade sacerdotal, como também busca incutir na mentalidade do fiel, que ele não está mais na presença de um simples homem, mas de um verdadeiro homem de Deus, uma espécie de profeta, tal como acontecia com os frequentadores do antigo Templo de Jerusalém, guiados ao longo da história por homens que eram considerados “ungidos por Deus”. Esse modelo do “pastor-profeta” é o centro mediador dessa nova relação de poder entre o fiel e seu líder, cuja autoridade agora ganhou muito mais força e realidade, diante de uma gama de outros líderes religiosos que aparentemente não estão revestidos dessa autoridade sacerdotal, conferida pelo impacto positivo que brota da imagem e discurso veiculados do altar do NTS.

É envolvente a relação que há entre esse discurso e os elementos não verbais, tais como o cenário da pregação (o Templo), o que pode criar uma imagem no interlocutor: se eu fizer parte desse grupo também serei bem sucedido, terei riquezas, participarei de uma “casa” colossal e poderosa como o Templo de Salomão, serei importante como o pastor. Esses elementos imbricados geram um ar de persuasão que leva,

consequentemente, à adesão dos espíritos e, no contexto religioso, à conversão dos não crentes. Notamos que não bastam as palavras para o convencimento do auditório, é importante apresentar – sem dizer – uma imagem que condiz com o discurso (STORTO; FIGUEIRÉDO, 2015).

Uma das aplicações dessa mudança estética foi a barba que Edir Macedo adotou durante o período de construção e primeiras semanas de funcionamento do Templo. Ao invés da imagem do empresário tradicional, Macedo mais se assemelhava a um rabino, aludindo até mesmo a algum personagem bíblico, de modo a incutir na mentalidade dos fiéis, que agora estavam diante de um autêntico “homem de Deus”, um “profeta dos tempos modernos”, de acordo com essa ressignificação da estética judaica.

Para os judeus ortodoxos, os símbolos são claros: aos homens não é permitido raspar a barba; a cabeça deve sempre estar coberta pela kipá, para lembrar da existência de um ser superior; e a reza precisa necessariamente ser feita com o talit, o manto de orações que representa um lembrete visível do dever de observar os mandamentos da Torá – o conjunto dos livros sagrado da religião (SHALOM, Último Segundo iG, 08 set. 2014).

Essa apropriação do conjunto simbólico do Judaísmo rapidamente incomodou muitos rabinos e líderes religiosos judeus, que viram no uso dos símbolos e paramentos pela IURD, uma descaracterização da identidade judaica e um perigo à comunidade e às pessoas comuns de serem confundidas pela exibição de tais símbolos em um contexto não judeu.

“Com certeza, o objetivo dele [Macedo] com isso não é difundir o judaísmo, até porque há uma mescla com as práticas e cultos tradicionais da religião dele com os símbolos e vestimentas comuns a nós”. [...] “Isso acaba criando uma confusão nas pessoas. Vemos ali um cenário e um ator, porque sabemos que aquilo não é nem uma sinagoga e nem um rabino” (SHALOM, Último Segundo iG, 08 set. 2014).

Por outro lado, a mesma reportagem mostrou as posições favoráveis da Federação Israelita do Estado de São Paulo (FISESP), possivelmente pela promoção da cultura judaica que é feita pela Universal, mesmo que de forma indireta e deturpada.

"Para nós, não é negativa a apropriação dos símbolos. Ninguém está usando nada para tirar sarro, para zombar. Desta forma, assim como eles estão respeitando o judaísmo, respeitamos também a fé dos seguidores da

Universal", explica o vice-presidente-executivo da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), Ricardo Berkienstat. "Na verdade, é até lisonjeador saber que eles respeitam o Templo de Salomão original a ponto de se adaptarem aos costumes de vestimentas daquela época" (SHALOM, Último Segundo iG, 08 set. 2014).

De acordo com Carlos Gutierrez, "a circulação de agentes judaicos pelo Templo de Salomão tem importância fundamental no processo de constituição da narrativa sobre si, na participação em novos projetos e na atribuição de um novo status aos bens simbólicos iurdianos" (2014). Isso serve como uma espécie de "certificado de autenticidade" do santuário, que é apresentado para os fiéis, uma vez que este reconhecimento parte de agentes originários que fornecem os símbolos que são apropriados pela Igreja Universal. Dessa forma, a ideia que se passa é que, de alguma forma, o Templo é reconhecido pelos próprios judeus como um espaço sagrado que comunga com o universo identitário do Judaísmo.

Uma mudança perceptível que o Novo Templo de Salomão está ocasionando nos demais templos da IURD é a utilização cada vez maciça da simbologia judaica, a partir de uma busca de legitimidade para a nova sede da Universal. Após uma pesquisa no site Youtube, encontramos vários registros de um antigo ritual que agora possui um novo sentido para a IURD: A entrada triunfal da Arca da Aliança. Este ritual, utilizado maciçamente por igrejas neopentecostais que se apropriam do simbolismo judaico, foi realizado na inauguração do NTS em 2014, buscando reproduzir a chegada da Arca no histórico Templo de Jerusalém. Por conta de sua inserção de objetos sagrados que são associados ao Antigo Israel, a Universal criou uma nova "corrente de oração" que gira em torno da Arca da Aliança do Templo do Brás, como parte do chamado *circuito da conquista*⁶⁰.

A passagem por esses momentos é de extrema importância, integra o que denomino circuito da conquista. [...] o enfoque centro refere-se à concretização da dinâmica, à capacidade de conquistar e superar, conforme as narrativas do Antigo Testamento. [...] São objetos móveis, que se inserem no contexto temático de cada reunião. Esses objetos são dispostos no altar dos templos, dando sentido e significado à dinâmica dos cultos (GOMES, 2011, pp. 175).

⁶⁰ Basicamente, esse *Circuito* consiste na fórmula como a IURD elabora sua identidade religiosa e dinâmica cultural, cujas categorias exprimem as situações-ações que devem ser tomadas pelo fiel para ele dar a "volta por cima" em meio a crises. As quatro categorias do Circuito são: Perseguição-Revolta-Sacrifício-Conquista (GOMES, 2011, p. 99).

Em muitos vídeos do Youtube encontramos uma “Arca Peregrina”, que percorre cidades à semelhança das imagens de santos da Igreja Católica. Essa peregrinação da Arca teve início com a inauguração do Templo de São Paulo, e passou por vários estados do Brasil. Durante a reportagem da passagem da Arca no templo-sede de Manaus, percebe-se a execução da canção judaica “Jerusalém de Ouro”, cantada em hebraico (YOUTUBE, Entrada Triunfal da Arca da Aliança – Amazonas, 15 fev. 2015). Da mesma forma, nota-se a presença dos levitas, pastores trajados com as vestes que remetem à casta sacerdotal judaica – sempre brancas, representando a pureza e sua separação das demais pessoas.

Todas essas ênfases veterotestamentárias implementadas na liturgia da IURD, têm por função reproduzir a vivência que os antigos judeus tiveram nos tempos bíblicos. A diferença desse uso dos símbolos judaicos da IURD para outras igrejas é que estas últimas não os incorporaram nem deram um novo sentido a partir de um “centro de mundo” do qual emana e no qual está sintetizado todo esse sentido que pretende ser repassado aos fieis – e que na Universal está representado no santuário do Brás. E como parte dessa incorporação, o sentido conferido ao NTS também reflete as implicações que este possui na hierarquia iurdiana.

Em julho de 2015 ocorreu no Templo de Salomão uma reunião com pastores e bispos da Universal, que teve como ponto máximo a consagração de novos pastores e bispos, alguns vindos de outros países do mundo. Pode-se dizer que agora o Templo de Salomão cumpre um papel de Sé da IURD para os principais serviços religiosos, tendo Macedo como uma espécie de Sumo Sacerdote. Isto tornou-se evidente pelo modo que o Bispo se vestia nesta cerimônia, trajando um *talit* ornamentado com as doze pedras preciosas que se encontravam no peitoral do Sumo Sacerdote de Israel – enquanto os demais bispos utilizavam um *talit* simples, com as tradicionais listras horizontais – (YOUTUBE, Reunião de pastores do Templo de Salomão, jul. 2015).

Pode-se dizer que o Templo de Salomão se converteu no lugar máximo de congregação, consagração e adoração da IURD, de onde são enviados os principais bispos e pastores para administrar a Igreja no Brasil e no mundo. E esse processo de consagração e envio de lideranças para outros lugares evidencia a transitoriedade, que é uma das marcas do episcopado e presbiterado iurdiano.

Aliado à intensificação da materialização de seu projeto de igreja – pela construção de catedrais –, houve uma complexificação do quadro de bispos, indicando uma distribuição e descentralização das responsabilidades. Embora articule a noção de catedral à “casa do bispo”, segundo a definição clássica de catedral (Duby, 1988), na IURD o título “bispo” é mais importante que a pessoa que o recebe. A pesquisa identificou uma contínua mudança e troca de bispos entre as catedrais, o que caracteriza um tipo de vínculo marcado pela transitoriedade, típico da IURD (GOMES, 2011, p. 248).

A partir dessa transitoriedade, nota-se a característica do projeto de expansão da IURD para o mundo. Como parte da execução da segunda fase do projeto, se percebe o intuito da IURD de propagar o NTS em outros países como o seu “centro cultural”. No segundo semestre de 2014, toda a parede do altar do Centro de Ajuda de Portugal, conhecido como SedEuropa, foi coberta por uma imagem do Novo Templo de Salomão, substituindo um antigo quadro que retratava o Paraíso (YOUTUBE, Templo de Salomão – Altar SedEuropa, 14 out. 2014).

Esta mudança arquitetônica foi feita para apresentar a nova sede iurdiana e convidar os fiéis da Europa para visitarem São Paulo. Assim como no Brasil, os cultos nas filiais da IURD em outros países também fazem constantes referências ao novo santuário, de modo que essa propaganda tenha o mesmo impacto gerado a partir do discurso de autenticidade que gira em torno do Templo, de modo a angariar mais fiéis em outras partes do mundo. E como parte desse projeto para levar o NTS a outros países, em maio de 2014, foi inaugurada a nova sede da Record Internacional em Lisboa, junto com seu canal televisivo, a RecordTV Europa.

O sucesso dessa recepção se mede pelos milhões, que já atenderam ao convite da propaganda. Porém, tais resultados não se devem só ao conteúdo dessa propaganda, que em quase todos os aspectos é semelhante a de outros agentes, que operam no campo religioso, mas que nem por isso obtêm os mesmos resultados. A Igreja Universal consegue coordenar a propaganda da televisão e do rádio com as atividades do templo, muito mais que os seus concorrentes, devido ao fato de ser proprietária de veículos de comunicação de massa. Isso permite a desvinculação daquelas amarras contratuais, dos cronogramas, horários e de possíveis conflitos ideológicos com os donos de veículos de comunicação (CAMPOS, 1999, p. 294).

A ascensão do Neopentecostalismo coincide com o fortalecimento das redes de comunicação no país, de modo que o proselitismo de tais Igrejas ganhou força através dos grandes veículos de comunicação, atingindo a massa, destacando-se os programas televisivos. Segundo atesta Brenda Carranza, o maior expoente do

proselitismo midiático no Brasil foi a IURD, a “herdeira mais representativa desse legado do televangelismo pentecostal” (In: PASSOS; USARSKI, (orgs.), 2013, p. 542).

Com a construção do NTS, é possível notar uma mudança no televangelismo da Universal, o qual, agora, gira em torno do novo santuário. Antes, os alegados milagres que ocorriam durante os cultos eram o cerne das transmissões da Universal. Agora, com a expansão de outras denominações e a propaganda dos mais variados tipos de milagres e promessas de líderes, o centro de origem desses “milagres” foi direcionado para o Templo do Brás, como um catalisador de onde parte a presença e atuação do “Sagrado”. Desse modo, a garantia do sucesso da Universal nestes novos tempos depende da correta venda da imagem desse novo produto. Tal como atesta a pesquisadora Brenda Carranza, no Compêndio de Ciência da Religião,

os setores religiosos, ao fazerem uso intensivo das mídias, estabeleceram uma fina associação entre consumo e religião, pois o ato de consumir se transforma em um ato subjetivo com significado religioso. Aliar o marketing religioso a profissionais de Deus será a mola propulsora que animará muitas lideranças, renovadas e pentecostais, a criarem produtos que, segundo eles, só por seu conteúdo religioso evangelizam. [...] Desse modo, o âmago do marketing religioso, no qual a propaganda é a “alma do negócio”, fará do Pentecostalismo um filão a ser explorado. A propaganda e a religião serão a fusão que renderá os respectivos ganhos econômicos, e a expansão das próprias igrejas se dará na potencialização do mercado de bens simbólicos. (In: PASSOS; USARSKI, (orgs.), 2013, p. 544).

A busca por mostrar o impacto positivo que o NTS tem sobre os fiéis que o frequentam pode ser observado pela propaganda veiculada pela Igreja Universal. Em todas as entrevistas realizadas com pessoas que frequentam o Templo ou o visitam pela primeira vez, nota-se que, na edição dessas entrevistas, é dada ênfase em termos como “resultados positivos”, “transformação de vida”, “fé diferente”, “caminho certo”, etc. (YOUTUBE, Pessoas têm sido transformadas ao visitar o Templo de Salomão, 29 jul. 2016). Da mesma forma percebe-se a apresentação de fiéis que frequentam outras religiões e igrejas, como católicos, evangélicos, espíritas e umbandistas, que de alguma forma não encontravam a satisfação em suas crenças, ou que chegavam ao Templo “desacreditados” e saem de lá com outra “perspectiva de vida”.

Palavras como “escassez”, “necessidades” e “desejos”, usadas para caracterizar situações vividas pelos indivíduos, antes de encontrarem determinadas soluções para seus problemas, podem se tornar conceitos subjetivos, caso não venham acompanhadas de evidências claras, que demonstrem quem tem carência, de quê e em que circunstâncias. [...] O recrutamento religioso sempre tem sido feito a partir das necessidades não resolvidas. [...] Dizem as pessoas entrevistadas terem se dirigido à Igreja Universal porque acreditavam na capacidade da mesma em resolver seus problemas, a contrário de outras agências procuradas anteriormente (CAMPOS, 1999, p. 199).

O ponto alto de tais propagandas é a chamada para que fiéis de quaisquer religiões visitem o NTS, com a promessa de que eles terão uma experiência única com o Sagrado. A IURD apresenta o Templo como um local onde acontecem “milagres”, em que o fiel poderá se “encontrar com Deus” através de uma experiência “inexplicável”.

Independentemente da sua religião, o Templo de Salomão está aberto para que você encontre a Deus. Aceite este convite e viva o inexplicável. Faça como todas estas pessoas, participe da cerimônia de fé. Domingo às 6, às 18 hohas e especialmente, às 10 da manhã, no Templo de Salomão: O Templo dos milagres (YOUTUBE, Membros de diversas denominações visitam o Templo de Salomão, 29 jul. 2016).

Desde sua inauguração, o NTS vem recebendo um fluxo muito grande de pessoas de várias religiões, assim como a visita de lideranças religiosas: pastores das mais variadas denominações evangélicas, padres católicos, rabinos judeus e até mesmo monges budistas, como mostrou uma reportagem no site do Bispo Edir Macedo, sobre os visitantes de outras pertenças religiosas que conheceram o santuário (BISPO EDIR MACEDO, 15 fev. 2015).

Isso reflete outro aspecto da propaganda da IURD em torno do templo, direcionando o conceito de “ecumênico” para se referir ao santuário como um “espaço aberto a todas as religiões”. Como parte do mecanismo de apresentar este lugar como propício a acolher aqueles que chegam pela primeira vez, vindos de outras pertenças religiosas, a fachada do NTS não possui qualquer referência à Igreja Universal.

Alguns jornais afirmaram que a “intenção da Igreja em atrair novos fiéis fez com que a Universal não colocasse seu nome na fachada”. De fato, não há qualquer menção à IURD na parte externa ou interna do Templo, com exceção de uma bandeira com o símbolo da Universal (coração vermelho com uma pomba branca no centro (GUTIERREZ, 2012).

Aqui, o valor do NTS enquanto ponto turístico e sua monumentalidade é o que move pessoas de outras pertenças religiosas a visitarem o local. Porém, como se percebe nas reportagens veiculadas acima, a Universal busca apresentar tais visitas como se tais pessoas fossem inspiradas por Deus a irem até o local, como o início de um processo de conversão, ou como se o santuário em si, despertasse uma nova fé, em detrimento da religião que os visitantes professam.

Também é importante frisar que, nas transmissões veiculadas para convidar as pessoas para os cultos no NTS, o altar jamais é mostrado nas imagens. Os destaques são direcionados para a figura do bispo que está orando em cima dele, e, sobretudo, para a multidão que lota a nave do Templo. Essa ocultação do altar tem um grande poder no processo de comunicação, pois o converte ao mesmo tempo no maior símbolo dentro do santuário e no seu maior mistério, criando um atrativo para os telespectadores visitarem o local e descobrirem o que está oculto.

Isso gera, no fiel, a crença de que o Templo pode lhe oferecer justamente isso: riqueza, elegância, poder. Cumpre comentar que as imagens foram disponibilizadas pela IURD, de modo que podemos afirmar se tratar de um recurso altamente argumentativo para chamar a atenção para pessoas a conhecer a sede da Igreja em São Paulo (STORTO; FIGUEIRÊDO, 2015).

Aqui entra outro ponto importante, que é o poder da propaganda religiosa como um instrumento decisivo para o resultado que se espera alcançar com o proselitismo. De acordo com Brenda Carranza

[...] a mídia religiosa tem um papel fundamental para as próprias igrejas, tanto no campo religioso, quanto na sociedade. Em cenários sociais de pluralidade, estar na mídia representa ampliar os mecanismos de proselitismo e de reinstitucionalização dos fieis, ao mesmo tempo em que é um ato de reconhecimento e de legitimidade social das instituições eclesiais (In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (orgs.), 2013, p. 552).

Dessa forma, podemos concluir que a execução da segunda fase do projeto de expansão da IURD está consolidado em um tripé, constituído pela propaganda feita em torno do NTS, a ida do visitante ao santuário do Brás, e a capacidade de convencimento deste a partir do impacto que a ressignificação do simbolismo judaico feito pela Universal é capaz de alcançar, através do conjunto de seus elementos constitutivos (arquitetônicos, discursivos, visuais, litúrgicos, etc.).

É sobre este complexo processo de recriação de sua identidade, que a Universal deposita suas cartas, na expectativa de se recuperar dentro do Mercado religioso brasileiro, de modo que sua retórica é traduzida a partir de sua capacidade de se reerguer em meio às adversidades. Desse modo, esse processo de recriação, a partir da apropriação e ressignificação da simbologia judaica é o meio pelo qual a denominação busca resgatar a sua autenticidade e legitimidade diante do público evangélico neopentecostal.

4.4. Para onde caminham a Universal e o Neopentecostalismo?

Não é tão simples apontar que caminhos, tendências e possibilidades religiões, igrejas e movimentos estão tomando. Da mesma forma, não podemos tratar o assunto abordado neste tópico como um exercício especulativo ou uma tentativa de prognosticar uma situação.

O que se busca realizar aqui são apontamentos e uma crítica fundada em acontecimentos recentes, que giram em torno do NTS, da IURD e do próprio campo neopentecostal. Com isso, se busca “apenas sugerir pistas que permitam traçar um esboço desta problemática” (In: ARAGÃO; CABRAL; VALLE, 2014, p. 287).

Em seus estudos no final da década de 90, Leonildo Campos afirmava que

O sonho de Macedo é manter a Igreja na categoria de movimento, desestimulando dessa forma, o aparecimento de uma burocracia que venha gerar problemas. [...] O grande temor do bispo Macedo seria a burocratização, vista como uma das principais causas da derrocada das demais organizações religiosas (CAMPOS, 1999, p. 380).

Passadas duas décadas desses estudos, o significado atribuído ao Novo Templo de Salomão resgata essa ideia de Edir Macedo, apresentando a IURD não como uma instituição, mas como um movimento de continuidade de uma “Aliança” feita por Deus em um passado milenar, tal como ele afirma na entrevista concedida ao programa Conexão Repórter, do SBT, em 26 de abril de 2015 (YOUTUBE, Programa Conexão Repórter, 26 abr. 2015). Entretanto, como Campos completa, “gostem ou não seus fundadores, todo movimento religioso historicamente se defronta com o dilema: *institucionalizar* ou *desaparecer*” (CAMPOS, 1999, p. 380).

A resposta para esse dilema foi encontrado na reforma da identidade da IURD enquanto instituição, para voltar a parecer um movimento inspirado por Deus, ao

mesmo tempo em que ela reforça suas trincheiras a partir de um(a) marco/marca que sobreviverá à morte de Macedo.

Talvez o Templo de Salomão configure-se em uma nova etapa nas técnicas de reflexão sobre si, ao materializar a ancestralidade do Israel mítico e, também, por retomar a questão da superação, da conquista e da temática da perseguição, já que seu líder máximo agora é atacado na mídia e por outros atores evangélicos pelo uso da barba, kipá e talit. O processo de produção de si enquanto “vitoriosos, batalhadores e guerreiros” parece ganhar um elemento fundamental que é o Templo de Salomão, pois se trata da concretização da narrativa da vitória da Universal e da consolidação dos iurdianos como “novos hebreus”, conforme discursos presentes em diversos cultos da IURD (GUTIERREZ, 2012).

Com a substituição do antigo modelo de liderança, do “pastor-empresário” pelo novo modelo do “pastor-profeta”, espera-se trazer de volta uma autenticidade que brota da experiência religiosa pela qual o fiel passa, a partir de uma ligação muito mais profunda com o imaginário do Antigo Testamento, do que existia na Universal antes do NTS. E esse processo de autenticidade passa essencialmente pela reprodução do conjunto simbólico encerrado no Novo Templo de Salomão.

Sem o Templo não há a legitimidade esperada pelo pastor ou do bispo que está em cima do altar vestido com o *talit* e o *kipá*, muito menos a arquitetura e monumentalidade do Templo ganham seu valor simbólico se não forem reproduzidos em todos os seus espaços, os ambientes, imagens e discursos que são relacionados ao histórico Templo de Jerusalém.

Essa máscara de poder, força e sucesso relacionada à máscara da submissão a Deus própria do contexto religioso cria um ambiente altamente persuasivo, pois a pessoa convence-se daquilo que vê e sente sem que palavras tenham de ser ditas. Consequentemente, o pastor, com a construção do Templo, conquista a mídia e a simpatia de novos fiéis, angariando, em contrapartida, muitos desafetos, os quais, ao criticarem o pastor e o Templo, fazem propaganda, gerando nas pessoas curiosidades por conhecê-los e por saber mais a respeito daquilo tudo (STORTO; FIGUEIRÊDO, 2015).

Sobre o marketing da Igreja, o que se espera é que, a partir de agora, ele gire em torno do Templo, no qual não serão poupados investimentos. A prova desse investimento está na mudança substancial das transmissões de TV da Universal, cuja mensagem aos fiéis, agora é basicamente dizer “vá ao Templo”. De acordo com Eduardo Refkalefsky, em reportagem para o site O Globo, “o objetivo da IURD, não é mais pedir doações, tal como outras Igrejas fazem em seus programas de TV, mas

levar seus fiéis ao Templo, onde lá será feita a síntese e a arrecadação massiva” (MARCOLINI; MALKES; LOBO, O Globo, 20 out. 2014).

Desde o anúncio da construção do Novo Templo de Salomão, nota-se que a Record passou a investir na produção de telenovelas, séries e filmes com temáticas voltadas para o Antigo Testamento, como “A História de Ester” (2010), “Sansão e Dalila” (2011), “Rei Davi” (2012), “José do Egito” (2013), “Os Dez Mandamentos” e “A Terra Prometida” (2016). A exceção, voltada para o Novo Testamento, fica a cargo de “Os Milagres de Jesus” (2014), porém, colocando em destaque os prodígios realizados por Jesus, como parte da ênfase doutrinária da IURD, baseada no arquétipo do “Cristo-Rei”.

Estas teledramaturgias bíblicas estão alinhadas com o lançamento de filmes *hollywoodianos* com temáticas religiosas, que tiveram uma boa aceitação do público, a exemplo de “Cartas para Deus” (2010), “Deus não está morto” (2014), “Noé” (2014) e “O Filho de Deus” (2014), “Ressurreição” (2016), “Ben-Hur” (2016). Quando comparados, percebe-se que as produções da Record estão sintonizadas com o Mercado cinematográfico estadunidense, possibilitando até mesmo a veiculação dessas produções nacionais no exterior, como aconteceu no caso do filme “Os Dez Mandamentos” (2016).

Da mesma forma, essas sucessivas produções, podem ser encaradas como preparo para uma produção ainda mais importante para o momento atual da IURD. O site da UOL anunciou que a Universal pretende realizar uma grande produção cinematográfica sobre a trajetória de Edir Macedo e da Igreja. Não apenas um único filme, mas uma trilogia (FELTRIN, UOL TV e Famosos, 14 out. 2016).

Esta superprodução, que vai custar cerca de 50 milhões de reais, servirá não apenas de propaganda institucional da IURD, como também buscará consolidar a trajetória do “Mito Macedo”, limpando o passado de denúncias e prisão, apresentando uma versão hagiográfica e oficial da vida do Bispo para o público. Além da propaganda institucional, esta produção busca a construção de um “mito fundante” da Igreja Universal, a partir da “incorporação de um passado percebido e reivindicado como seu e materializado na Sede Mundial” (GOMES, 2011, pp. 171-172).

Com essa empreitada, a Igreja buscaria afirmar que não foi simplesmente fundada em 1977, mas se trata de um movimento que tem origem no Reino de Israel

e inspiração direta de Deus. De acordo com os apontamentos de Edlaine Gomes (2011, p. 32), “ao se remeter ao mito de origem, a igreja busca e instaura uma “aura religiosa” capaz de fundamentar sua identidade a partir do que considera ser autêntico e permanente – neste caso, a concepção arquitetônica de suas catedrais” (agora, com a concepção arquitetônica do Novo Templo de Salomão).

Aqui se percebe que a Universal está engajada na construção de uma propaganda do Templo voltada também para a Internet e meios de comunicação virtuais. No final de 2016 a IURD lançou o “Univer”, um canal semelhante ao Netflix, voltado para o público evangélico (UNIVER, 29 dez. 2016). Neste serviço, o assinante pode assistir a filmes, séries desenhos animados cristãos, bem como ter acesso a um conteúdo exclusivo da Igreja: os cultos transmitidos do Templo de Salomão. Essa iniciativa evidencia a busca da Universal para sempre estar a frente no Mercado evangélico brasileiro, a partir de uma gestão espelhada nos grandes negócios ao redor do mundo, a exemplo da Netflix.

O serviço busca conquistar o público e seu espaço no mercado através de estratégias como, por exemplo, produzir séries próprias e lançar suas temporadas, em escala mundial, de uma só vez. Mesmo no caso de conteúdos adquiridos de outras empresas, o Netflix oportuniza aos seus assinantes consumi-los de diferentes formas – por meio de maratonas, por exemplo –, e ao mesmo tempo torna possível que esses produtos sejam consumidos por pessoas de diferentes países, sem os atrasos característicos dos canais da TV a cabo ou abertos, que muitas vezes veiculam episódios de séries apenas semanas após seu lançamento nos Estados Unidos (STÜRMER; SILVA, 2015).

Considerando a estrutura midiática que a Igreja já possui, é possível que este seja outro empreendimento bem sucedido, visto que a Igreja poderá explorá-lo à semelhança da empresa norte-americana, com a produção de telenovelas, séries e filmes próprios (algo que a Universal já faz através dos Estúdios Record), e a transmissão das cerimônias realizadas no NTS, movimentando assim o canal, bem como o mercado, com uma expectativa de retorno certo, devido ao perfil do público consumidor.

O projeto de expansão da Igreja Universal também inclui a gradual conquista dos espaços na política brasileira. Em 30 de outubro de 2016, o senador e ex-bispo da Universal Marcelo Crivella (PRB), foi eleito prefeito do Rio de Janeiro em disputa no segundo turno contra o deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL), com 59,37% dos votos. Essa vitória, impulsionada pelo eleitorado evangélico, que representa um

terço dos quase 4,9 milhões de votantes no Rio em 2016, e pelos eleitores mais pobres e menos instruídos. Embora o número de líderes evangélicos na política tenha crescido 61%, entre 2000 e 2010, estes possuem pouca representatividade no Poder Executivo, ao contrário do Legislativo (MARTÍN, El País Brasil, 1 nov. 2016).

Em um discurso de campanha, em outubro de 2016, Crivella disse que “mesmo que não seja na sua geração, o Brasil ainda vai eleger um candidato evangélico que vai trabalhar por suas igrejas (e por eles)” (O GLOBO, 21 out. 2016). O vídeo foi uma das grandes polêmicas das eleições do Rio em 2016. Em uma breve análise, se percebe não apenas o empenho dos evangélicos neopentecostais no Brasil em eleger um presidente no país, como também a Universal está tentando firmar um nome para as Eleições de 2018. Em seu histórico, a IURD elegeu um deputado federal em 1986, quatro em 1990, seis em 1994, catorze em 1998 e 22 em 2002, ano em que também conquistou uma vaga no Senado, com Marcelo Crivella (então do PL).

Tanto nas redes sociais como nos jornais, fala-se na possibilidade do lançamento de Crivella para a Presidência da República, devido ao seu nome, já consolidado na política, e seus bons desempenhos nos pleitos eleitorais. Mas independente do fato dele sair candidato ou não, a Universal mostra claramente seus desejos de ser a pioneira neste marco na história da política brasileira, com a eleição do primeiro presidente abertamente evangélico.⁶¹

O poder de alcance de notícias relacionadas à Universal e suas lideranças, ou para ser mais preciso, sua exposição de modo positivo ou negativo na grande mídia, será decisivo para a concretização do projeto no seu aspecto político. Mas a mídia também tem suas limitações, sobretudo na veiculação de informações corretas sobre a natureza do Novo Templo de Salomão.

Em matéria publicada no dia 09 de outubro de 2016, o site do jornal O Globo, afirmou que Edir Macedo empreendeu R\$ 90 milhões em um terreno no bairro de Taguatinga, em Brasília, para a construção de um Templo de Salomão, semelhante ao que existe em São Paulo, só que em menor escala (AMADO, O Globo, 09 out. 2016). Outros portais da internet – em especial, sites evangélicos –, replicaram a

⁶¹ Em 1954, com o suicídio de Getúlio Vargas, o presbiteriano Café Filho assumiu a Presidência até a eleição do ano seguinte. Tempos depois, durante a Ditadura Militar, o general luterano Ernesto Geisel governou o Brasil entre 1974 e 1979. Por virem de Igrejas do Protestantismo Histórico, ambos não podem ser considerados evangélicos.

notícia. O site Gospel Prime chegou a entrar em contato com a IURD, mas esta negou a informação em relação à construção do novo Templo. Porém, foi com a veiculação de uma reportagem no site brasileiro, Metrôpoles, que a notícia se tornou viral, adquirindo a conotação pela qual passou a ser divulgada.

A reportagem mostrou imagens do projeto de construção, que está sendo conduzida pela empresa portuguesa JFA Engenharia. O anúncio da obra foi feito pelo próprio Bispo Macedo a membros da Igreja, em setembro de 2016.

Heliponto com elevador privativo, espelho d'água, arborização, três andares de garagem subterrânea e vista para o céu, como nos estádios de futebol. Essas são apenas algumas das características da luxuosa sede da Igreja Universal do Reino de Deus que será construída às margens do Pistão Sul, em Taguatinga. Nos moldes do grandioso Templo de Salomão, em São Paulo, o futuro novo centro de culto dos integrantes da Universal acomodará mais de 5 mil pessoas. A previsão é de inauguração até 2020. [...] “Parece projeto do (Oscar) Niemeyer. Os engenheiros vieram aqui e fizeram perfurações no solo. Disseram que vão conseguir fazer três pavimentos só de estacionamento subterrâneo. Estou até curioso para ver como vai ficar”, disse um funcionário da região, que acompanha de perto as notícias do novo templo da Universal. (ALMEIDA, Metrôpoles, 12 out. 2016).

Pela análise do texto e das imagens veiculadas na reportagem, chega-se a algumas conclusões. Primeiro que, o próprio título da matéria não está de acordo com as imagens apresentadas. O título se refere a uma “versão candanga do Templo de Salomão”, contudo, quando analisamos as imagens, junto com a fala do funcionário entrevistado, nota-se que o aspecto estético da obra em nada lembra o Templo de São Paulo, se assemelhando muito mais a um projeto de Niemeyer, com traços futuristas e uma planta circular. Apenas considerando a aparência exterior, essa futura sede brasileira poderia ser descartada como uma réplica do NTS.

A outra questão – e principal –, é que, devido à falta de conhecimento sobre os elementos que constituem o Novo Templo de Salomão (arquitetônica, funcional e simbolicamente), os veículos de comunicação do país desconsideram qualquer um desses aspectos, fixando-se apenas na monumentalidade, custo e ostentação apresentados pelo santuário paulista, veiculando dessa forma, informações sem nenhum contexto com a realidade do NTS.

Até mesmo a partir da veiculação de informações imprecisas podemos tecer uma análise sobre a originalidade e exclusividade que o Novo Templo de Salomão possui enquanto um local sagrado por excelência. Por conta do seu papel central no projeto de expansão da Igreja Universal, é impossível imaginar uma réplica, cópia,

ou o que Carlos Barbosa chama de “clonagem religiosa”, feita pela própria IURD, pois o NTS por si só já se configura em uma versão “pictórica do Judaísmo”, descartando a necessidade de “filiais” de seu modelo.

Nesse sentido, o NTS, com todo o seu aparato cênico calcado, em que se pesem devidamente os fatos (!), sobretudo em uma versão pictórica do judaísmo, no qual o aspecto caricatural e o pastiche dão o tom predominante à estética de um Novo Templo, o qual poderia muito bem cumprir certo papel modelar (BARBOSA, 2015a).

Em seus estudos no início dessa década, o sociólogo Ricardo Bitun (2011, p. 116) indicou a possibilidade da Igreja Mundial do Poder de Deus estar iniciando uma possível Quarta Onda, com a criação de uma identidade neopentecostal própria, com base nas características peculiares das três primeiras⁶².

Quanto mais o neopentecostalismo (ou pós-pentecostalismo) se desenvolve, mais ele se afasta dos elementos que constituem as ondas propostas pelos pesquisadores da área. Apesar de apontar a Igreja de Valdemiro Santiago como responsável pela formação de um movimento originário dentro do Neopentecostalismo brasileiro, esta denominação não deu um passo significativo para alterar ou influir de maneira incisiva o campo neopentecostal brasileiro.

Victor Barrozo aponta para uma alteração surgida a partir de pequenas Igrejas neopentecostais que, “por um lado, possuem elementos de cada uma das “ondas” anteriores, sem precisamente identificar-se com qualquer uma delas e, por outro, demarcam um novo ethos pentecostal característico destes diferentes grupos” (In: OLIVEIRA (Org.), 2014). O autor continua sua análise apontando que

os anos que se seguiram à década de 90 acentuaram ainda mais uma significativa dissolução e pluralização desse campo pentecostal, fazendo emergir, neste contexto, novas comunidades pentecostais (grupos, movimentos e igrejas). Nas malhas desta intensa atomização, o pentecostalismo vai tornando-se cada vez mais polissêmico e suas tipologias clássicas lidam com certa imperícia no diagnóstico dos contornos tomados pelas suas manifestações contemporâneas. Para alguns autores como Berkenbrock (2010), Ribeiro (2012), Passos (2014), mas, até antes, para o próprio Freston (1999), parece haverem rudimentos elementares para se afirma o surgimento de uma possível “quarta onda” do pentecostalismo (In: OLIVEIRA (Org.), 2014).

⁶² Vide p. 18.

Fundamentando tais afirmações nos estudos de Carlos Antonio Barbosa, é possível dizer que após alguns anos de funcionamento do santuário iurdiano, nota-se o esboço de um modelo de culto que poderá ser copiado e reproduzido por bispos, pastores e líderes de outras denominações, utilizando-se dos traços “caricato-personais” e “estilístico-paramentais”, implementados pela Universal a partir do NTS (BARBOSA, 2015, p. 84).

Essa Quarta Onda, no entanto, não pode ser entendida como uma mera apropriação e ressignificação dos símbolos judaicos. Algumas Igrejas, como a Plenitude do Trono de Deus e a Mundial do Poder de Deus há muito tempo já utilizam símbolos judaicos em seus cultos, como o *menorá* ou a Arca da Aliança. Por outro lado, ainda não há uma influência decisiva do NTS sobre as crenças e práticas dentro do Neopentecostalismo. Por isso, diante do que foi apresentado, ainda não podemos apontar evidências de que está surgindo uma nova onda dentro do Neopentecostalismo brasileiro.

Para melhor compreender que consequências o santuário iurdiano produzirá no campo religioso brasileiro e para a própria Igreja Universal, será preciso aguardar os resultados do Censo de 2020 e novos estudos sobre o fenômeno do Novo Templo de Salomão.

CONCLUSÕES

Após passarmos pelo histórico, a fundação, crescimento e decadência da Igreja Universal, foi analisada a tese de Edlaine Gomes, que apontava que, após o ano de 1995, a IURD empreendeu a construção de sua sede mundial, a Catedral da Fé, no Rio de Janeiro, como resposta aos ataques sofridos nos anos 90. Esse projeto, denominado de “Era das Catedrais”, foi posto em prática como um princípio norteador para a elaboração de uma autenticidade sedimentada na “Terra Santa”, e totalmente voltada para as narrativas de superação e conquistas do Velho Testamento (GOMES, 2011).

Se para Edlaine Gomes, a “Era das Catedrais” simboliza a busca por uma autenticidade no mercado religioso brasileiro, podemos dizer que a “Era do Templo” simboliza o resgate desse projeto, interrompido nos anos 2000, pelo crescimento dos evangélicos no Brasil e o surgimento de várias Igrejas neopentecostais. Com o Novo Templo de Salomão, a ideia de Edir Macedo é fazer com que a Universal volte a ser o fenômeno que se apresentava nos anos 80 e 90, com um crescimento meteórico a partir de um conjunto de práticas religiosas que eram inéditas no país. Agora, essa autenticidade está sedimentada na promoção de uma nova identidade que resgate a autoridade que a denominação possuía diante dos seus fiéis, a partir da concepção de um “mito fundante”, estabelecido pela construção e funcionamento do santuário do Brás.

A superação e a autenticidade constituem duas categorias significativas para a compreensão do projeto de igreja da IURD. De acordo com a percepção nativa de autenticidade, a igreja busca evidenciar que não pode ser “acusada” de possuir uma “identidade fluida”, uma “origem impura”, nem um compromisso com o tempo e com o espaço, como poderia sugerir o estilo “franquia” e o “sincretismo” de suas práticas (GOMES, 2011, p. 178).

Com a construção do Novo Templo de Salomão a Universal busca consolidar sua identidade em torno de um conjunto de símbolos que foram ressignificados de modo que ela não poderá mais voltar atrás em suas tentativas de se adaptar à cultura religiosa brasileira e suas nuances.

Essa identidade iurdiana reflete diretamente a judaização das Igrejas evangélicas brasileiras, embora não assuma uma identidade que a insira dentro da categoria dos judeu-messiânicos, uma vez que, embora ambos tentem “hebraizar o

Cristianismo”, “os judeus messiânicos negam que sua religião seja cristã” (TRAVASSOS, 2015, p. 34).

As práticas e o discurso, apesar de continuarem fundados na Teologia da Prosperidade, agora possuem um novo significado com o revestimento completo da simbologia, discurso, e imagética judaica, retirados diretamente do período bíblico do Antigo Testamento. O produto vendido pela Universal continua sendo o “milagre”, mas agora ele possui um significado revestido por uma nova autoridade identitária, que desagua na expectativa do fiel em ter uma experiência totalmente nova a partir da visita ao NTS, agora o “centro do mundo” e “centro cultural” da IURD.

Tal esperança está centrada em ter contato com o autêntico “Deus de Israel”, a partir da reprodução dos rituais e do espaço sagrado que antigamente existia em Jerusalém. E por conta dessa suposta autenticidade anunciada pela Universal – representada pelo NTS – os fiéis teriam a garantia de que neste espaço ocorreria a tão esperada hierofania – a manifestação do Sagrado – em suas vidas.

De fato, a noção de espaço sagrado implica a ideia da repetição da hierofania primordial que consagrou este espaço transfigurando-o, singularizando-o, em resumo, isolando-o do espaço profano a sua volta. [...] Nesta área, a hierofania repete-se. O lugar transforma-se, assim, numa fonte inesgotável de força e de sacralidade que permite ao homem, na condição de que ali penetre, tomar parte nessa força e comungar nessa sacralidade. Tornando-se essa intuição elementar do lugar, pela hierofania, um “centro” permanente de sacralidade, ela orienta e explica todo um conjunto de sistemas muitas vezes complexos e densos (ELIADE, 2010, p. 296).

Dessa forma, esse projeto de expansão da IURD, pela correta propaganda de sua nova sede, busca passar a ideia de que a “Universal está sólida”, “consolidada”, “autêntica”, “legitimada” pelas práticas e rituais judaicos, que não podem ser acusados de idolatria, pois fazem parte do fundamento bíblico e de um “povo escolhido”. Dessa forma, a reprodução de todo esse discurso voltado para o Antigo Testamento, acaba criando a noção de que, de certa forma, os fiéis que estão no NTS, são uma espécie de “povo escolhido”, dando continuidade à “Aliança” feita com o povo hebreu milenar (CASTELLANOS, 2009, p. 18).

O mausoléu que se encontra no Memorial simboliza esse projeto, que brinda a eternidade, imortalizando não apenas o nome, mas a presença de Edir Macedo como uma espécie de “profeta dos tempos moderno”, representado pelo arquétipo

das suas roupas, posturas, discurso e aparência, quando trajava uma barba o transformava em uma personagem bíblica caricaturada (BARBOSA, 2015, p. 84).

A IURD, enquanto instituição passou por um verdadeiro *upgrade*, uma verdadeira atualização e ressignificação de seus discursos, símbolos, e atuação tanto no Brasil quanto no mundo. Segundo Benjamin Gutiérrez e Leonildo Campos, “todo fenômeno religioso tem o seu crescimento atrelado a um conjunto de causas de caráter histórico, socioeconômico, religioso e cultural, que independem da boa vontade [...] de seus integrantes” (GUTIÉRREZ; CAMPOS, 1996, p. 93).

Se nas décadas de 80 e 90 os neopentecostais buscavam meios de alcançar a prosperidade, hoje, em um mundo globalizado e neoliberal buscam, além dessas “bênçãos espirituais”, meios de enfrentar os grandes desafios do século XXI: Maiores taxas de desemprego, instabilidade política e econômica do país, custo de vida mais caro, etc. E desse modo, a promessa abraâmica de construir “uma nação abençoada em todo sentido, sem miséria ou fome, sem doenças ou enfermidades” (MACEDO, 1993, pp. 167-168) ganha um novo sentido, quando o “pacto” é firmado em um espaço que reencena o maior símbolo/espaço sagrado do povo judeu .

Dizemos que Jesus morreu na cruz para perdoar nossos pecados e nos dar vida eterna – mas é essa a Boa-Nova completa que devemos anunciar? As Boas-Novas que Jesus ordenou que pregássemos incluem todo tipo de bênção para o povo: espiritual, física e financeira. Certamente isto inclui a cura de doenças, completa libertação do domínio de Satanás e a ajuda que necessitamos para a solução dos nossos problemas (MACEDO, 1993, p. 138).

E aqui é preciso salientar que a hegemonia da IURD dentro do campo neopentecostal brasileiro esteve diretamente ligada com o cruzamento que a Igreja sempre fez entre a tradicional religiosidade nacional e a cultura urbana do Brasil moderno. Freston compara isso ao contraste existente entre os estilos culturais do pastor Universal e do pastor tradicional da Assembleia de Deus, que são paralelos, respectivamente ao empresário tradicional e o moderno (apud ANTONIAZZI et. al., 1994, p. 142). E isso pode ser atestado pela evolução da denominação, que pode ser acompanhada na *Cronologia da IURD* até a construção da Catedral Mundial da Fé⁶³, no Rio de Janeiro, e a *Cronologia do Novo Templo de Salomão*⁶⁴.

⁶³ Vide Anexo N.

⁶⁴ Vide Anexo O.

O Templo de Salomão é outro projeto de poder, mais um dos delineados pela IURD ao longo de sua história. Porém, este projeto tem por função o crescimento da instituição não apenas em números – demográficos ou financeiros –, mas também em legitimidade perante seus fiéis, onde a dinâmica está na “fidelidade” e no “compromisso” dos membros com a instituição (GOMES, 2011, p. 154).

Superando a crise pela qual passou nos anos 2000, assim como passou em outros momentos no passado, a Universal poderá ter um novo fôlego para desbravar novos campos religiosos, a partir de uma reprodução de um “evangelicalismo judaizado”. Se essa nova pertença religiosa irá se firmar entre as novas Igrejas evangélicas brasileiras, só o tempo poderá dizer.

Esta pesquisa não pretende ser um ponto final sobre o tema, mas ser uma das possíveis abordagens para o fenômeno do Novo Templo de Salomão. As perspectivas aqui apresentadas buscam contribuir como fontes para novas pesquisas que serão feitas a partir de então, de modo a aprofundar a compreensão sobre o nosso objeto de estudo.

Mais do que isso, as primeiras produções científicas sobre o NTS poderão servir de pontes para analisar que consequências este grandioso empreendimento trouxe para a IURD, para o Neopentecostalismo e para o campo religioso brasileiro, em suas dimensões econômicas, políticas e sociais. A tese desse trabalho somente poderá ser comprovada (ou não) com o tempo, e só assim, poderemos afirmar que este projeto de expansão alcançou os objetivos esperados pela Igreja Universal do Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

Livros

ARMSTRONG, Karen. **Jerusalém: uma cidade, três religiões**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **Historia da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época – 1930-1964**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A Era da Iconofagia – Ensaios de Comunicação e Cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BARBOSA, Carlos Antonio Carneiro. **O Deus sensual – Psicologia Simbólica e religião: o mito de Fausto e a representação social do sagrado na religião de mercado**. São Paulo: Reflexão: 2013.

_____. O (Novo) Templo Pentecostal: entre a urgência, a emergência, a abstinência e a extinção dos símbolos na unidade cristã entre os pentecostais. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). **Pentecostalismos e unidade: desafios institucionais, teológicos e sociais**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

BARROZO, Victor Breno Farias. Pentecostalismo à *la modernité*: afinidades dialógicas entre a nova ética das comunidades pentecostais emergentes e o “espírito” da modernidade religiosa. In: David Mesquiati de Oliveira. (Org.). **Pentecostalismos em diálogo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

BIRMAN, Patrícia. Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos. In: SANCHIS, Pierre (org). **Fiéis e cidadãos: percursos do sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

BITUN, Ricardo. **Mochileiros da fé: nomadismo religioso e Neopentecostalismo**. São Paulo: Reflexão, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: EdUSP, 2008.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A formação do homem moderno vista através da arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BUSATO, Cláudia. O fascínio pelas imagens da moda: dos códigos à vinculação. In: BAITELLO JÚNIOR, Norval; GUIMARÃES, Luciano; MENEZES, José Eugênio de Oliveira; PAIERO, Denise (Orgs.). **Os símbolos vivem mais que os homens**. São Paulo: Annablume, 2007.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Vera Lúcia Simões de. **Nossa identidade**: História e Teologia anglicanas. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. 27. ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.

CAMPOS, Breno Martins. Ciências Sociais da Religião: Estado da questão. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

CAMPOS, Leonildo Silveira. “Evangélicos de Missão” em declínio no Brasil. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento**: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Protestantismo brasileiro e mudança social. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). **Sociologia da Religião e mudança social**: católicos, protestantes e Novos Movimentos Religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Teatro, Templo e Mercado**: organização e marketing de um empreendimento Neopentecostal. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O futuro das religiões no Brasil: o enfoque das Ciências da Religião. In: ARAGÃO, Gilbraz; CABRAL, Newton; VALLE, Edênio (Orgs.). **Para onde vão os estudos da Religião no Brasil?** Recife: FASA, 2014.

_____. Religião como organização. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

CARRANZA, Brenda. Linguagem midiática e religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

CARROLL, James. **Jerusalém, Jerusalém**: como a história da antiga cidade sagrada para três religiões deu início ao mundo moderno. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2013.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Explosão Gospel**: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

DAVIES, Douglas J. Igrejas de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. In: PARTRIGE, Christopher (Org.). **Enciclopédia das Novas Religiões**. Lisboa: Verbo, 2006.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas II: de Gautama Buda ao triunfo do Cristianismo.** São Paulo: Zahar, 2011.

_____. **Mito do Eterno Retorno.** São Paulo: Marcuryo, 1992.

_____. **O Sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. **Tratado de História das Religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FELDMAN, Martha. S. **Organizational Routines as a Source of Continuous Change.** The University of Michigan, 2000.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et. al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo.** Petrópolis: Vozes, 1994.

GOMES, Edlaine de Campos. **A Era das Catedrais: a autenticidade em exibição.** Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

GRACINO JÚNIOR, P. **A demanda por deuses: religião, globalização e culturas locais.** Rio de Janeiro: Tese de Doutorado, UERJ, 2010.

GUENÓN, René. **Oriente e Ocidente.** São Paulo: Irguet, 2009.

GUTIÉRREZ, Benjamim F.; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas.** São Paulo: Pendão Real, 1996.

HOSKINS, Richard. Igrejas Independentes Africanas. In: PARTRIGE, Christopher (Org.). **Enciclopédia das Novas Religiões.** Lisboa: Verbo, 2006.

ISHIKAWA, Kaoru. **Controle de Qualidade Total: a maneira japonesa.** Rio de Janeiro: Campus, 1993.

KAGAME, Alexis. A percepção empírica do templo e concepção da história no pensamento bantu, In: RICOEUR, Paul et. al., **As culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco.** Petrópolis: Vozes, São Paulo: Edusp, 1975.

KESSLER, Rainer. **História social do Antigo Israel.** São Paulo: Paulinas, 2009.

MACEDO, Edir. **Aliança com Deus.** Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1993.

_____. **Nada a perder (Vol. 3): Do Coreto ao Templo de Salomão.** São Paulo: Planeta, 2014.

_____. **Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Unipro, 2013.

_____. **Somos todos filhos de Deus?** Rio de Janeiro: Unipro, 2007.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru. **Administração para empreendedores**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O Celeste Porvir**: a inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MONTEFIORE, Simon Sebag. **Jerusalém**: a biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

OLIVA, Margarida. **O Diabo no Reino de Deus**: por que proliferam as seitas? São Paulo: Musa, 1997.

ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Orgs.). **Igreja Universal do Reino de Deus**: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais**: origens e começo. São Paulo: Paulinas, 2005.

PEÑA-ALFARO, Alexis. **Ou dá o dízimo ou desce ao Inferno**: análise das estratégias de persuasão da Teologia da Prosperidade da Igreja Universal. Olinda: Livro Rápido, 2006.

PEIRCE, Charles Sanders. **Estudos coligidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PORTER, Michael E. **Estratégia competitiva**: técnicas para análise de indústrias e da concorrência. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

ROSA, Wanderlei Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo Luiz. **Religião e sociedade (pós) secular**. Vitória: Editora Unida, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SCHALY, Harald. **Breve História da Escatologia Cristã**. Rio de Janeiro, JUERP, 1992.

SCHLAMELCHER, Jens. Teorias econômicas no estudo da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

SCHMIDT, Francis. **O pensamento do Templo de Jerusalém a Qumran**. São Paulo: Loyola, 1998.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Transes em trânsito: continuidades e rupturas entre Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES,

Renata (Orgs.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

TOMITA, Andréa. **Religiões japonesas e a Igreja Messiânica no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

VÁRIOS AUTORES. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Doutrina e Convênios**. Estados Unidos: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2007.

WALTIER, Claude. Las Iglesias 'bantu' del Africa austral. In: PUECH, Henri-Charles (Org.). **Movimentos religiosos derivados de la aculturacion**. 3. ed. História de las religiones. Madrid: Siglo XXI, 1990.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

WRIGHT, P; KROLL, J. M.; PARNELL, J. **Administração Estratégica**. São Paulo: Atlas, 2010.

Artigos, Dissertações, Teses, Jornais, Revistas e outros

ALVES, J. et al. **A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010**: diversificação e processo de mudança de hegemonia. XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP, Águas de Lindoia-SP, 2012.

BARBOSA, Carlos Antonio Carneiro. **O Novo ou os “Novos” Templos de Salomão da Igreja Universal do Reino de Deus**: fenômeno sui generis ou modelar? Congresso ANPTECRE, Curitiba-PR. v. 05, 2015a. p. ST0506.

BERGER, Peter L. **A dessecularização do mundo**: uma visão global. *Religião & Sociedade*, v. 21, n. 1, Rio de Janeiro, ISER, abr. 2001.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **A Igreja Universal do Reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa)**. *Revista Lusotopie*, 1999a, pp. 355-367.

CASTELLANOS, Renee de la Torres. De la globalización a la transnacionalización de lo religioso. In ORO, Ari Pedro, ALVES, Daniel, MEIRELLES, Mauro e FRANCISCO DE BEM, Daniel (orgs). **Transnacionalização Religiosa**. Debates do NER, 10(16), 2009.

CAVERSAN, Luiz. **Folha de São Paulo**, 29 dez. 1995.

CHARTIER, Roger. **Pierre Bourdieu e a história**. Debate com José Leite Lopes. Palestra proferida na UFRJ, Rio de Janeiro-RJ, 30 abr. 2002.

COSTA, Rafael V. E. **Jerusalém**: o problema do conflito árabe-israelense na Cidade da Paz. Monografia de Graduação em Direito. Universidade Católica de Pernambuco, Recife-PE, Defesa em: 05 nov. 2014.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A interseção mídia religiosa e mercado e a resignificação de signos bíblicos pelos evangélicos.** Revista Relegens Thréskeia – Estudos e pesquisa em Religião. V. 03, n. 01, 2014.

GARCIA, Célio de Pádua. **Em terras de sincretismos:** apropriações e resignificações afro-brasileiras na Igreja Universal do Reino de Deus. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO, Defesa em: 29 jun. 2015.

GIUMBELLI, Emerson. **Crucifixos invisíveis:** polêmicas recentes no Brasil sobre símbolos religiosos em recintos esttaís. Anuário Antropológico, v. 10 (1), 2012, pp 77-105.

GHERMAN, Michel. **Deus e o Diabo na Terra Santa:** pentecostalismo brasileiro em Israel. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. V. 1 n. 1, jan.-jun., 2009, pp. 56-71.

GUTIERREZ, Carlos. **Beyond religion:** the use of Jewish symbolic goods by the Universal Church. Anais do XII Congresso Internacional da Associação de Estudos Brasileiros (BRASA). Londres, 20-23 ago. 2014.

JARDILINO, J. R. L. **Neopentecostalismo:** religião na fronteira da pós-modernidade. Revista Revés do Avesso, São Paulo, v. 3, n. 11, pp. 42-52, 1994.

LEITE, Lucas Farias De Vasconcelos. **A dimensão institucional da magia no Neopentecostalismo:** o papel decisório do poder mágico como atrativo à adesão religiosa na Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Pernambuco, Recife-PE, Defesa em: 28 abr. 2010.

LEVENSON, Jon D. **The Temple and the world.** Journal of Religion, jul. 1984.

MINERBO, Marion. **Reality Game:** violência contemporânea e desnaturação da linguagem. Ide, São Paulo-SP, 30(44), 2007, pp. 103-107.

NASCIMENTO, G. **O calvário do bispo.** Isto É, São Paulo: nº 1360, pp. 76-81, 15 jan. 1997.

PRANDI, Reginaldo. **Religiões afro-brasileiras e seus seguidores.** Civitas. PUC-RS. v. 3, jun. 2003.

REFKALEFSKY, Eduardo. **Comunicação e posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus:** um estudo de caso do marketing religioso. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UnB, Brasília-DF, 06-09 set. 2006.

RÉGENER, R. **Fora do aquário.** Ética Cristã, ano 5, n. 35, set.-out. 2011, pp. 32-36.

RODRIGUES, Max; CABRAL, Mailson. **Migrações entre igrejas cristãs e o pós-pentecostalismo no Brasil:** um panorama acerca dos dados do IBGE de 2010. III

Congresso Nordestino de Ciências da Religião, UNICAP, Recife-PE, 08-10 set. 2016.

RODRIGUES, Nelson Lellis. **O discurso cosmogônico e a (re)formatação identitária judaico-cristã no novo templo de Salomão pela Igreja Universal do Reino de Deus.** Revista Caminhando, v. 21, n. 1, p. 7-8, jan./jun. 2016.

ROSAS, Nina Gabriela. **O desenvolvimento do Neopentecostalismo brasileiro: esboços sobre a positividade da experiência religiosa nos dias de hoje.** IX Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, UFG, Goiânia-GO, 2009.

SAFRAI, S. **From the Synagogue to “Little Temple”.** Proceedings of the: The History of the Jewish People vol. II. Tenth World Congress of Jewish Studies, Jerusalem, pp. 23-28, 1990.

SIEPIERSKI, Paulo. **Pós-pentecostalismo e política no Brasil.** Estudos Teológicos, São Leopoldo-RS, v. 37, 1997, pp. 47-61.

STORTO, Letícia Jovelina; FIGUEIRÊDO, Marcelo da Silva. **Templo de Salomão: arquitetura, argumentatividade e midiaticização.** X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesical (Eclesiocom), Universidade Metodista, São Paulo-SP, 27 ago. 2015.

STÜRMER, Adriana; SILVA, Giana Petry Dutra da. **Do DVD ao online streaming: a origem e o momento atual do Netflix.** 10º Encontro Nacional de História da Mídia, UFRGS, Porto Alegre-RS, 03-05 jun. 2015.

TOPEL, Marta Francisca. **A inusitada incorporação do Judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões.** Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH. Ano IV, n. 10 mai. 2011, pp. 35-50.

Sites

ALMEIDA, Kelly. **Igreja Universal vai construir versão candanga do Templo de Salomão.** Metrôpoles, 12 out. 2016. Disponível em: <www.metropoles.com/distrito-federal/religiao/igreja-universal-vai-construir-versao-candanga-do-templo-de-salomao>. Acesso em: 06 jan. 2017.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A transição religiosa no Brasil: 1872-2050.** Portal Eco Debate, 25/07/2016. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2016/07/25/a-transicao-religiosa-no-brasil-1872-2050-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. Acessado em 06 out. 2016.

AMADO, Guilherme. **Novo Templo de Salomão: Edir Macedo compra terreno no DF.** O Globo, 09 out. 2016. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/novo-templo-de-salomao-edir-macedo-compra-terreno-no-df.html>> Acesso em: 13 out. 2016.

ARAGÃO, Jarbas. **Evangélicos abrem 14 mil Igrejas por ano no Brasil.** Gospel Prime, 1 fev. 2014. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/evangelicos-14-mil-igrejas-ano-brasil/>>. Acesso em: 12 out. 2016.

ARAÚJO, Pedro Zambarda de. **Engenheiros do Templo de Salomão contam ao DCM como foi feita a obra.** Diário do Centro do Mundo, 04 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/engenheiros-do-templo-de-salomao-contam-ao-dcm-como-foi-feita-a-obra/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

_____. **Exclusivo: como é o apartamento de Edir Macedo no Templo de Salomão.** Diário do Centro do Mundo. 07 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/exclusivo-como-e-o-apartamento-do-bispo-macedo-no-templo-de-salomao/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

BATISTA JÚNIOR, João. **Construção do bispo Edir Macedo inflaciona o preço de imóveis.** Veja São Paulo, 8 mar. 2013. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/templo-salomao-inflaciona-imoveis-vizinhos/>>. Acesso em: 21 out. 2016.

_____. **Detalhes exclusivos do Templo de Salomão, nova sede da Igreja Universal.** Veja São Paulo, 30 mai. 2014. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/templo-de-salomao-igreja-universal>>. Acesso em: 01 out. 2016.

_____. **O sonho de ultrapassar Edir Macedo foi adiado.** Veja São Paulo, 2 abr. 2016. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blogs/terracopaulistano/2016/04/agenor-duque-plenitude-trono-deus/>>. Acessado em: 07 out. 2016.

BISPO EDIR MACEDO. **Experiências no Templo de Salomão.** 16 fev. 2015. Disponível em: <<http://blogs.universal.org/bispomacedo/2015/02/16/experiencias-no-templo-de-salomao/>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 03 out. 2016.

CARDOSO, Rodrigo. **O Brasil é uma potência religiosa global.** Isto É, 21 mar. 2012. Disponível em: <[www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/194952_O+BRASIL+E+UMA+POTENCIA+RELIGIOSA+GLOBAL+](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/194952_O+BRASIL+E+UMA+POTENCIA+RELIGIOSA+GLOBAL+>)>. Acesso em: 19 out. 2016.

CHAGAS, Thiago. **Pastor Silas Malafaia vai inaugurar primeira igreja da ADVEC em SP e já planeja megatemplo.** Gospel Prime, 23 nov. 2016. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/malafaia-inaugurar-igreja-advec-sp-planeja-megatemplo-86909.html>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

FELTRIN, Ricardo. **Vida de Edir Macedo vai virar trilogia no cinema e custar até R\$ 50 milhões.** UOL TV e Famosos, 14 out. 2016. Disponível em:

<<http://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2016/10/14/vida-de-edir-macedo-vai-ser-trilogia-no-cinema-e-custar-r-50-milhoes.htm>>. Acesso em 22 nov. 2016.

FERRAZ, Adriana. **Concorrência faz igreja menor fechar as portas.** Agora São Paulo, 16 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.agora.uol.com.br/saopaulo/ult10103u610354.shtml>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

FIGUERAS INTERNATIONAL SEATING. **Templo de Salomão, a força emocional de 10.000 poltronas, no novo centro religioso do Brasil.** Disponível em: <http://www.figueras.com/pt/projetos/centros-religiosos/1504_templo-de-salomao.html>. Acesso em: 28 out. 2016.

G1 SÃO PAULO **Novo megatemplo ilustra disputa de igrejas em SP para mostrar poder.** 29 fev. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/02/novo-megatemplo-ilustra-disputa-de-igrejas-em-sp-para-mostrar-poder.html>>. Acesso em: 09 nov. 2016.

LOPES, Leiliane Roberta. **Igreja Mundial estaria perdendo fiéis para Plenitude do Trono de Deus.** Gospel Prime, 18 set. 2015. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/igreja-mundial-perdendo-plenitude-trono-de-deus/>>. Acesso em: 10 out. 2016.

_____. **Igreja Universal fará jejum de informações durante a Copa do Mundo.** Gospel Prime, 23 mai. 2014. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/igreja-universal-jejum-copa-do-mundo/>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

MARCOLINI, Bárbara; MALKES, Renata; LOBO, Thaís. **A Igreja Universal e o custo da megalomania.** O Globo, 20 out. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/a-igreja-universal-o-custo-da-megalomania-14302329>>. Acesso em: 26 out. 2016.

MARTÍN, Maria. **Vitória de Crivella no Rio, a ponta de lança do projeto político da Universal.** El País Brasil, 1 nov. 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/30/politica/1477857709_431438.html>. Acesso em: 3 nov. 2016.

GOSPEL MAIS. **Assembleia de Deus vai construir mega templo para quase 30 mil pessoas, que inclui hotel em sua estrutura.** Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/assembleia-deus-construir-mega-templo-30-mil-pessoas-47905.html>>. Acesso em: 07 de novembro de 2016.

MARTINS, Dan. **Assembleia de Deus vai construir mega templo para quase 30 mil pessoas, que inclui hotel em sua estrutura.** Gospel Mais, 6 jan. 2013. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/assembleia-deus-construir-mega-templo-30-mil-pessoas-47905.html>>. Acesso em: 20 de dez.2016.

_____. **Igreja Universal recebe dízimo via Facebook.** Gospel Mais, 24 ago. 2012. Disponível em: <[Igreja Universal lança sistema de pagamento de dízimo e doações através do Facebook/](#)>. Acesso em: 27 out. 2016.

_____. **Levantamento revela que no Brasil é aberta uma nova igreja a cada duas horas.** Gospel Mais, 2 set. 2013. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/levantamento-revela-brasil-aberta-igreja-cada-duas-horas-60137.html>>. Acesso em: 11 out. 2016.

NOGUEIRA, Luís Artur. **Universal construirá templo em SP maior que a Catedral da Sé.** Revista Exame, 16 abr. 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/economia/universal-construira-igreja-maior-catedral-se-sp-579095/>>. Acesso em: 29 set. 2016.

O GLOBO. **Presidente evangélico trabalhará por igrejas, diz Crivella em vídeo.** 21 out. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/presidente-evangelico-trabalhara-por-igrejas-diz-crivella-em-video-20329782>>. Acesso em 30 out. 2016.

PÚBLICO. **IURD constrói templo em Vila Nova de Gaia e espera “oportunidade” em Lisboa.** 16 jul. 2012. Disponível em: <<https://www.publico.pt/sociedade/noticia/iurd-constroiu-templo-em-vila-nova-de-gaia-e-espera-oportunidade-em-lisboa-1555062>>. Acesso em: 04 out. 2016.

ROMERO, Simon. **Templo evangélico de R\$ 680 mi no Brasil faz Cristo no Rio parecer 'penduricalho'.** UOL Notícias, 27 jul. 2014. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/the-new-york-times/2014/07/26/templo-evangelico-de-r-680-mi-no-brasil-faz-cristo-no-rio-parecer-penduricalho.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

SANCHIS, Pierre. **Pluralismo, transformação, emergência do indivíduo e de suas escolhas.** IHU On-Line, 27 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/512850-pluralismo-transformacao-emergencia-do-individuo-e-de-suas-escolhas>>. Acesso em: 18 out. 2016.

SHALOM, David. **Rabinos criticam uso de símbolos judaicos no Templo de Salomão.** Último Segundo iG, 08 set. 2014. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-09-08/rabinos-criticam-uso-de-simbolos-judaicos-no-templo-de-salomao.html>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

SOUZA, Beatriz. **20 coisas surpreendentes sobre o templo da Igreja Universal.** Revista Exame, 25 jul. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/20-coisas-sobre-o-enorme-novo-templo-da-igreja-universal>>. Acesso em: 30 set. 2016.

TEMPLO DE SALOMÃO. **Regras de conduta no Templo de Salomão.** Disponível em: <<http://sites.universal.org/templodesalomao/regras-de-conduta-no-templo-de-salomao/>>. Acesso em: 29 out. 2016.

UNIVER. **Um universo de entretenimento cristão ao seu alcance.** Disponível em: <<https://www.univervideo.com/>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

UNIVERSAL. **Nota de repúdio contra o Gospel +**. 18 out. 2013. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2013/10/18/nota-de-repudio-contra-o-gospel+-23969.html>>. Acesso em: 02 nov. 2016

VEIGA, Edison. **Lar, doce lar... E não vou sair ou mudar**. Estadão, 08 out. 2016. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/tempo-universal-caraibas-rua-verde/>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

VEJA. **Templo de Salomão doa terreno de 38 mi e se livra de fechamento**. 20 out. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/templo-de-salomao-doa-terreno-de-38-mi-e-se-livra-de-fechamento/>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

_____. **Universal inaugura megatemplo hoje com alvará provisório e sem aval dos bombeiros**. 31 jul. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/universal-inaugura-megatemplo-hoje-com-alvara-provisorio-e-sem-aval-dos-bombeiros/>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

ZAP PRO, **Região em torno do templo de Salomão tem preços estáveis**. 23 out. 2014. Disponível em: <<http://www.zapro.com.br/regiao-em-torno-templo-de-salomao-tem-precos-estaveis/>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

ZL IMÓVEL. **Afinal, a valorização do Brás virá?** 05 ago. 2014. Disponível em: <http://www.zlimovel.com.br/noticias_afinal-a-valorizacao-do-bras-vira-zona-leste-sao-paulo_1400-0-0-0-1_0.html>. Acesso em: 22 dez. 2016.

ZYLBERKAN, Mariana. **Prefeitura vai apurar irregularidades na construção do Templo de Salomão**. Revista Veja, 1 ago 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/prefeitura-vai-apurar-irregularidades-na-construcao-do-templo-de-salomao/>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

Vídeos

YOUTUBE. **Bispo Macedo anuncia construção de novo templo em São Paulo – "Templo de Salomão"**. 13 jul. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4X5mJNc9o6Q>>. Acesso em: 24 dez. 2016.

_____. **Edir Macedo – Ou dá ou desce**. Jornal Nacional, 22 dez. 1995. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mjZ34nkSGqQ>>. Acesso em: 05 out. 2016.

_____. **Entrada Triunfal da Arca da Aliança – Amazonas**. 15 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kxXWX4APIjQ>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

_____. **Entrevista de Edir Macedo e Silvio Santos no Templo de Salomão**. Programa Domingo Espetacular, 02 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gJjf-zpc68w>>. Acesso em: 15 out. 2016.

_____. **Inauguração Oficial do Templo de Salomão.** 31 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eYprcb5Jg3U>>. Acesso em: 17 out. 2016.

_____. **Membros de diversas denominações visitam o Templo de Salomão.** 29 jul. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mnJ_x6KLIwM>. Acesso em: 05 jan. 2016.

_____. **Pessoas têm sido transformadas ao visitar o Templo de Salomão.** 29 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0qZ3Dybatek>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

_____. **Reunião de pastores do Templo de Salomão.** Jul. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dcb9TvgcsN0>>. Acesso em: 16 out. 2016.

_____. **Reunião no Templo de Salomão – Terça 12/08 com Bispo Clodomir.** 8 ago. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Po8loMOmdA8>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

_____. **SBT Conexão Repórter – Edir Macedo.** Programa Conexão Repórter, 26 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=awNFekVMKbA>>. Acesso em: 14 out. 2016.

_____. **Templo de Salomão – Altar SedEuropa.** 14 out. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hW7P6taWFWE>>. Acesso de: 29 dez. 2016.

_____. **Valdemiro Santiago – Domingo Espetacular – O apóstolo milionário.** Domingo Espetacular, 18 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JCH4473iTII>>. Acesso em: 08 out. 2016.

ANEXOS

ANEXO A

Terreno onde foi construído o Novo Templo de Salomão



(Fonte: Google Imagens. Disponível em: <<https://wikioso.org/wp-content/uploads/2014/08/terreno-templo-de-salomao-universal.jpg>>)

Lançamento da Pedra Fundamental do Novo Templo de Salomão



(Fonte: Universal. Disponível em: <<http://blogs.universal.org/bispomacedo/wp-content/uploads/2015/08/Pedra01.jpg>>)

ANEXO B

Imagem do site do Novo Templo de Salomão com as câmeras da construção



(Fonte: Google Imagens. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-tnlaS4Zc3oY/UC-yjEOKV9I/AAAAAAAAAGGE/o4gj8v_hqt4/s1600/Imagem4.jpg>)

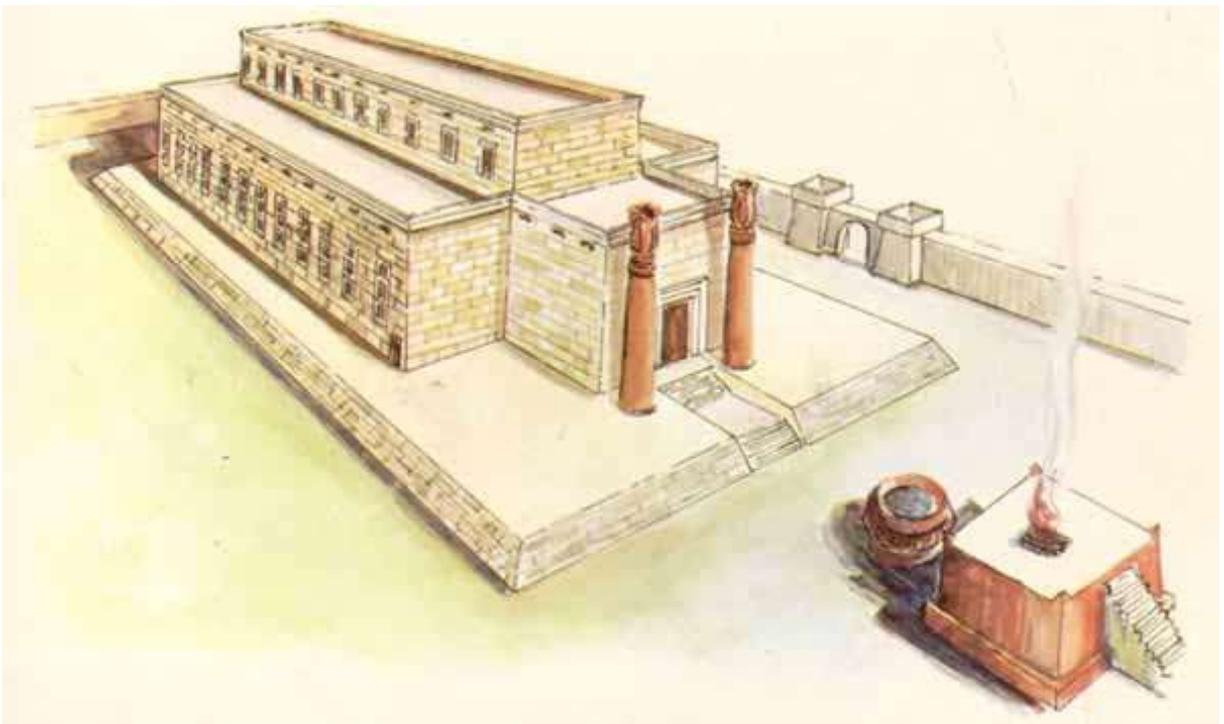
Interior da nave em construção do Novo Templo de Salomão



(Fonte: Gospel Mais. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/files/2012/11/templo-de-salomao.jpg>>)

ANEXO C

Representação gráfica do Primeiro Templo



(Fonte: Google Images. Disponível em: <http://www.crystalinks.com/solomon_temple.jpg>)

Modelo em escala do Segundo Templo, exposto na cidade de Jerusalém



(Fonte: Google Imagens. Disponível em: <http://www.womeninthebible.net/wp-content/uploads/2016/04/Copy_2_of_5-Jerusalem-HG-Temple-recons-5.jpg>)

ANEXO D

A fachada do Templo de Salomão



(Fonte: Último Segundo iG. Disponível em: <<http://i0.statig.com.br/bancodeimagens/21/qn/3t/21qn3t96pf71qoqrcpng82xvb.jpg>>)

Vista noturna do Templo



(Fonte: Google Imagens. Disponível em: <<http://2.bp.blogspot.com/-vTTu-sHinl4/U9wePf2O8gl/AAAAAAAAAQoA/9mCT2v-Dzo4/s1600/TEMPLO+DE+SALOM%C3%83O1.jpg>>)

ANEXO E

Cerimônia de inauguração, com destaque para o cortejo da “Arca da Aliança”



(Fonte: Google Imagens. Disponível em:
<https://farm9.staticflickr.com/8610/16458370229_7abc6f8bd7_o.jpg>)

Presença de autoridades políticas durante a cerimônia



(Fonte: Último Segundo iG. Disponível em:
<<http://i0.statig.com.br/bancodeimagens/0y/me/l0/0ymel0qu2q2pf1fg3phshzjul.jpg>>)

ANEXO F

Bandeiras dos países onde a IURD está presente



(Fonte: UOL Notícias. Disponível em:
<http://imguol.com/c/noticias/2014/07/30/29jul2014---bandeiras-de-dezenas-de-paises-onde-a-igreja-universal-do-reino-de-deus-esta-presente-sao-observadas-da-frente-da-replica-do-templo-de-salomao-localizado-no-bairro-do-belem-na-zona-leste-de-1406731383426_956x500.jpg>)

Bandeiras da IURD, do Brasil e de Israel



(Fonte: Google Imagens. Disponível em:
<https://lh3.googleusercontent.com/proxy/BZAHMwXt6Lz-owmWVqVdqFN2i3hsQSWvEYQGUqDd7b1Rq1DbmcUW8dr1aCykTLskRpb9yd_Mf-gv1qv01-T3_=w506-h292>)

ANEXO G

Jogo de luzes no início do culto



(Fonte: Último Segundo iG. Disponível em: <<http://i0.statig.com.br/bancodeimagens/bt/t5/v5/btt5v5jvhdub90bqrp92ev2d.jpg>>)

Jogo de luzes alterado durante o culto



(Fonte: Google Imagens. Disponível em: <<http://www.averyreview.com/content/3-issues/4-4/1-translating-sacred-architecture/menorás-decoration-www-otemplodesalomao.com.jpg>>)

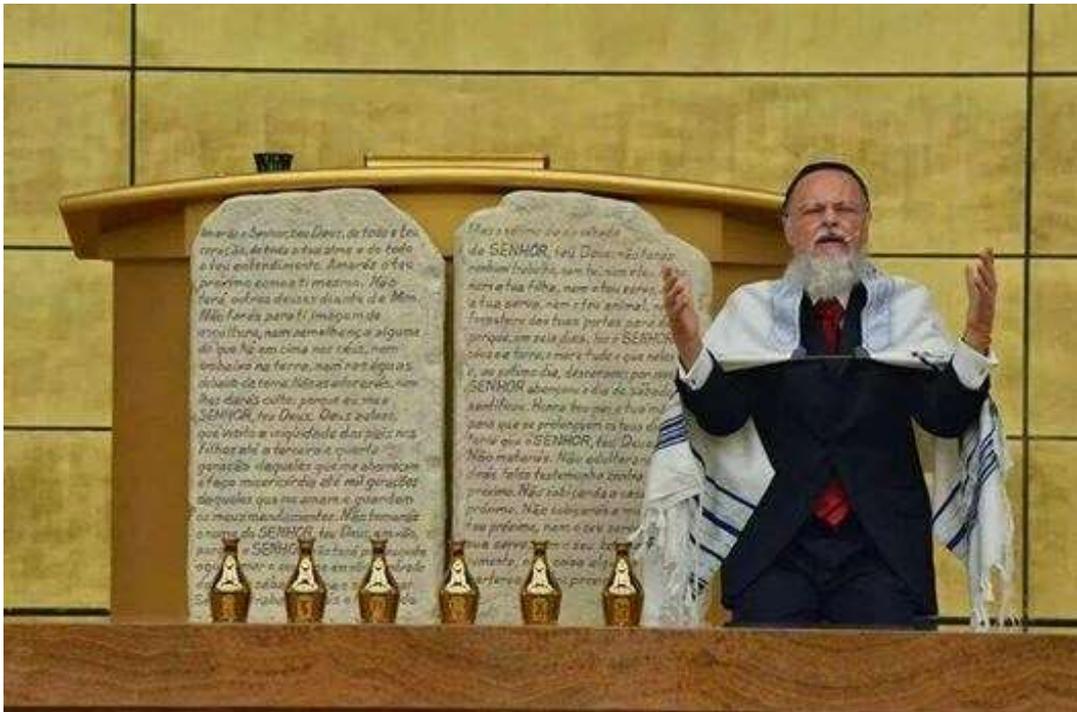
ANEXO H

Multidão acompanhando as orações do Bispo Edir Macedo



(Fonte: Google Imagens. Disponível em: <<http://pontodasigrejas.com.br/wp-content/uploads/2015/03/templo-de-salomao-2015-32-one.jpg>>)

Bispo Edir Macedo no púlpito, com destaque para os paramentos judaicos



(Fonte: Último Segundo iG. Disponível em: <<http://i0.statig.com.br/bancodeimagens/01/2n/xc/012nxc6vzu06ywhrnn5q5cj2t.jpg>>)

ANEXO I

Altar, com destaque para o “Véu do Templo”, dividido em duas partes



(Fonte: Veja São Paulo. Disponível em: <<http://msalx.vejasp.abril.com.br/2014/08/22/1611/jcclk/templo.jpeg?1408734861>>)

Altar, com destaque para a Arca da Aliança e a inscrição “Santidade ao Senhor”



(Fonte: O Globo. Disponível em: <<http://og.infg.com.br/brasil/13453335-e98-2c9/FT1086A/foto-3.JPG>>)

ANEXO J

Menorá na entrada do Jardim Bíblico



(Fonte: Último Segundo iG. Disponível em:
<<http://i0.statig.com.br/bancodeimagens/db/4b/bg/db4bbgg0hiyegkm5qbm54gyr6.jpg>
>)

Menorá no interior do Templo



(Fonte: Google Imagens. Disponível em:
<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/images/novas/Mariana/templo%20de%20salomo_divulgao_detalhe%20interno.jpg>)

ANEXO K

Jardim Bíblico e Memorial



(Fonte: Site São Paulo. Disponível em: <<http://www.saopaulo.com.br/wp-content/uploads/2014/08/memorial-templo-de-salom%C3%A3o.jpg>>)

Interior do Memorial



(Fonte: Universal. Disponível em: <<http://universal.org.uy/wp-content/uploads/2015/05/2suiza.jpg>>)

ANEXO L

Área ocupada pelo Tabernáculo



(Fonte: Cidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.cidadedesao paulo.com/sp/images/stories/t/templo%20salomo%20tabernculo_060815_foto_josecordeiro_0022.jpg>)

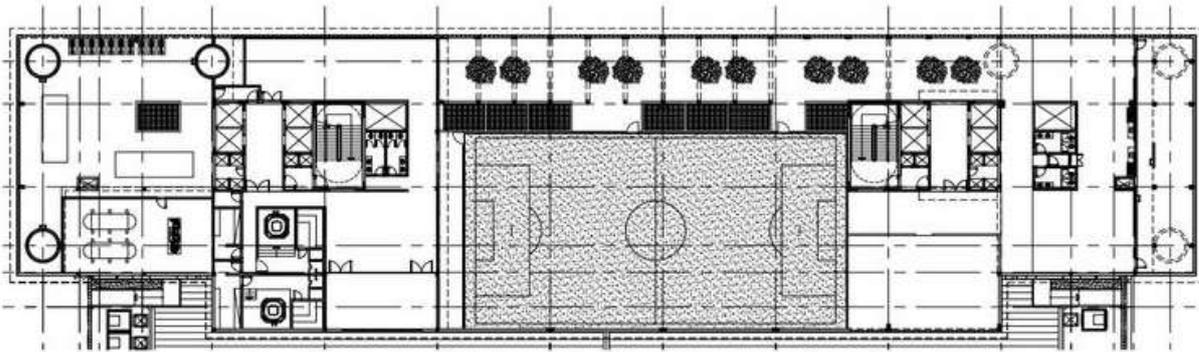
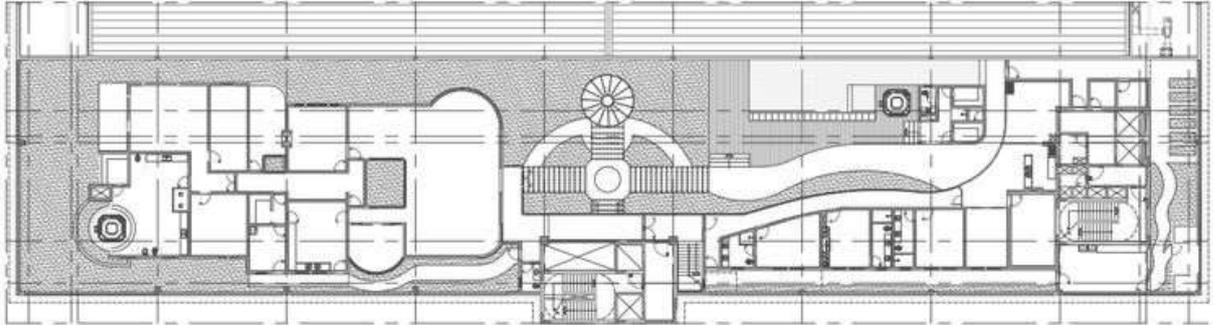
Interior do Tabernáculo, com destaque para a réplica da Arca da Aliança



(Fonte: Universal. Disponível em: <http://blogs.universal.org/bispomacedo/wp-content/uploads/bfi_thumb/Rab10-2ytcve9454nel78y6r6x3e.jpg>)

ANEXO M

Memorial dos aposentos de Edir Macedo no Templo de Salomão



(Fonte: Diário do Centro do Mundo. Disponível em:
<<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/exclusivo-como-e-o-apartamento-do-bispo-macedo-no-templo-de-salomao/>>)

De acordo com a descrição do memorial, o segundo andar da mansão do bispo Edir Macedo (imagem superior) conta com hall íntimo; closet; suíte master; sauna privativa com piso em mármore thassos; varanda em mármore travertino; escritório e sala de tv em mármore crema marfil. Já as áreas internas e externas que conectam a torre A com a torre B do Templo (imagem inferior) incluem quadra de grama sintética; playground; academia; sala de jogos 1 e 2; sanitários masculino e feminino; duas saunas; duas salas de hidromassagem; dois vestiários.

ANEXO N

Cronologia da Igreja Universal da sua fundação até a construção do I Polo Turístico
Evangélico, na Catedral da Fé do Rio de Janeiro

(Fonte: GOMES, 2011, pp. 241-245)⁶⁵

09/07/1977 – A IURD é inaugurada.

20/08/1980 – Chega à Bahia, pelos então pastores Paulo Roberto Guimarães Honorilton Gonçalves.

1980 – Bispo Macedo lança seu primeiro livro, *Orixás, caboclos e guias – deuses ou demônios?*, em um evento no Maracanãzinho, Rio de Janeiro.

06/07/1980 – Chega em São Paulo.

13/07/1980 – Inaugura o primeiro templo fora do Brasil, em Nova Iorque.

08/1980 – Chega em Curitiba, Paraná.

01/1981 – Bispo Macedo visita o Monte do Calvário, em Jerusalém, com o então pastor Carlos Rodrigues, levando os pedidos da Fogueira Santa.

04/1981 – Em entrevista publicada na Revista Plenitude (nº 5), o Bispo Macedo anuncia o crescimento da IURD e indica sua intenção de expandi-la para todo o mundo.

01/1982 – Inaugurado o primeiro Orfanato Lar Universal, em Mauá, no Rio de Janeiro, em seguida transferido para um sítio em Campo Grande, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

11/1982 – É organizada a primeira caravana da IURD para Israel.

1983 – Chega ao Estado de Goiás.

1985 – Chega ao Rio Grande do Sul.

07/08/1986 – Zeleide Nunes Padilha é consagrada como a primeira pastora da IURD.

27/10/1986 – Grande concentração no Maracanãzinho, com cerca de 30.000 fiéis.

17/04/1987 – Primeira grande concentração no estádio do Maracanã, Rio de Janeiro. A chamada da Folha Universal era: “Maracanã, templo maior da Fé”, e o evento foi denominado “O duelo dos deuses”. Presença de cerca de 200.000 pessoas.

⁶⁵ Uma vez que o Novo Templo de Salomão virou a *sede mundial* da IURD, substituímos este termo por *Catedral Mundial da Fé*, para distingui-los.

1988 – “IURD realiza, no Rio de Janeiro, a primeira passeata contra a matança de crianças em rituais de Candomblé”.

18/12/1988 – Outro evento no Maracanã, com 200.000 pessoas.

1989 – Chega em Portugal, realizando um batismo na Lagoa Azul, em Sintra.

15/06/1989 – “IURD é reconhecida pelo Poder Público como instituição de utilidade pública”.

18/01/1992 – Evento “Ao pé da cruz”, dirigido pelo bispo Marcus Vinícius, no terreno Del Castilho, onde atualmente está a *Catedral Mundial da Fé*, que reuniu 70.000 pessoas, segundo reportagem da *Folha Universal* (15 mar. 1992), intitulada “A multidão ao pé da Cruz”.

21/03/1992 – Início dos eventos preparatórios da IURD no Maracanã, em três dias consecutivos, no terreno onde atualmente está a *Catedral Mundial da Fé*.

28/03/1992 – Segundo dia de preparação para o evento do Maracanã.

04/04/1992 – Último dia de preparação para o evento no Maracanã.

17/04/1992 – Outra grande concentração de fiéis no Maracanã. “Encontro com o Espírito Santo”, às 8 horas. O mesmo encontro ocorreu em São Paulo, no estádio do Morumbi, à tarde. Ambos foram dirigidos pelo bispo Macedo.

09/1992 – Primeiro templo da IURD é inaugurado na África, em Johanneburg, África do Sul.

1993 – Bispo Marcelo Crivella chega à África para expandir a IURD naquele continente. (Segundo informações da própria igreja, em 1999, eram 350 templos em 20 países).

1995 – IURD chega ao Japão.

1997 – Chega à Rússia.

01/1997 – Anúncio da construção da *Catedral Mundial da Fé*. “Universal constrói catedral do futuro” (ed. 248, *Folha Universal*).

05/07/1997 – Lançamento da “pedra fundamental” da *Catedral Mundial da Fé*, evento que contou com 20.000 pessoas.

06/1997 – Após muitos impedimentos devido às regras para construção desse porte, a prefeitura concede autorização para o início das obras. A IURD teve o auxílio da bancada evangélica na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

10/1997 – Iniciada a obra da *Catedral Mundial da Fé* (com 50 engenheiros e arquitetos, 40 técnicos e 2.500 operários).

10/1997 – Inaugurada a Catedral da Fé em Curitiba, Paraná, com capacidade para 2.500 pessoas.

1997/1998 – Foram inauguradas 10 catedrais em São Paulo (réplicas da Sede Estadual, que fica em Santo Amaro).

09/1998 – O prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde, visita as obras da *Catedral Mundial da Fé*.

06/09/1998 – O jornal *O Dia*, veículo de comunicação de grande circulação no Rio de Janeiro, publica uma grande matéria de duas páginas (centrais) sobre as obras da *Catedral Mundial da Fé*, nomeando-a de “O Maracanã da Fé”.

01/04/1999 – Pré-inauguração da *Catedral Mundial da Fé*. Pela primeira vez o bispo Macedo a nomeia de Templo da Glória do Novo Israel. Nove bispos são consagrados.

08/1999 – Novamente a *Catedral Mundial da Fé* recebe a visita do prefeito do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde, com deputados e outros parlamentares da bancada evangélica.

08/1999 – Inaugurada a praça de alimentação da *Catedral Mundial da Fé*.

09/1999 – Controvérsia acerca da troca do nome da avenida na qual a *Catedral Mundial da Fé* da IURD foi construída, de Avenida Suburbana para Av. Dom Hélder Câmara (bispo católico que havia falecido à época).

10/1999 – Inaugurada a Catedral da Fé em Durban, África do Sul, com capacidade para 4.000 pessoas, construída no interior de um mercado indiano, estilo neoclássico.

29/12/2000 – “Vigília da Libertação” no Maracanã, e lotou também o Maracanãzinho.

07/01/2001 – Inaugurada a Catedral da Fé na Bahia, com capacidade para cerca de 5.000 pessoas, e a Catedral da Fé de Osasco, com capacidade para 2.230 pessoas, ambas com a presença do bispo Macedo.

06/03/2001 – “Deputados federais homenageiam, em uma Sessão Solene no Plenário da Câmara Federal, os 9 anos do jornal *Folha Universal*.”

04/2001 – Inauguração da Catedral da Fé de Curitiba.

Evento da IURD no estádio Machava, em Maputo, Moçambique, denominado “Jesus, o Salvador da Humanidade”.

“A Catedral da Fé de Nova Iorque, com capacidade para 1.864 pessoas conquista milhares de fiéis para o Senhor Jesus e é, reconhecidamente, uma das maiores vitórias da IURD nos Estados Unidos”.

“O bispo Marcelo Crivella é homenageado com a Grande Medalha da Inconfidência pelo governador de Minas Gerais”.

05/2001 – Inauguração do primeiro templo da IURD na “Terra Santa”, sendo responsável o bispo Fernando Mendes.

2001 – Começam as Sessões de Descarrego nas reuniões de terça-feira na *Catedral Mundial da Fé* e nas demais catedrais da IURD.

29/06/2001 – Lançamento da revista feminina *Ester*.

10/2011 – O jornal Folha Universal recebe reconhecimento pela matéria publicada na edição 478, sobre leite materno.

28/10/2001 – “EBI [Escola Bíblica Infantil] consagra 3.200 orientadoras na *Catedral Mundial da Fé*, no Rio de Janeiro, em cerimônia organizada pela Sra. Enir Rodrigues, coordenadora da EDI, e presidida pelo bispo Guaracy Santos”.

02/2002 – “Inauguração do primeiro Templo 24h, em Tóquio, Japão, com o real objetivo de ser um pronto-socorro da alma. O bispo Celso Rebequi é o responsável pelo atendimento aos necessitados”.

03/2002 – Inauguração da Catedral da Fé de Angola, bairro Alvalade, em Luanda, com reunião realizada pelo bispo Macedo, contando com a presença de mais dois bispos da IURD, Renato Cardoso e Arnaldo Lanzelotti.

05/2002 – Universal Produções participa da 17ª Bienal do Livro, em São Paulo. “Os grandes destaques foram os lançamentos de 16 títulos e livros autografados por autores como: Clodomir Santos, Romualdo Panceiro, Geraldo Caetano, João Mendes e Wanderval Santos”.

“O bispo Edir Macedo realiza, em Los Angeles, a 3ª grande concentração de fé em menos de dois anos, denominada Família de Jesus Unida ao Pé da Cruz, com a presença de milhares de fiéis. No evento foram recolhidas 15 toneladas de alimentos pela ABC”.

2002 – Estima-se que em São Paulo existam 730 templos e 15 catedrais da IURD, e mais quatro em construção.

06/2002 – Inaugurada a Catedral da Fé em nova Iguaçu, município do Grande Rio, Rio de Janeiro.

O jornal Folha de São Paulo reconhece que a IURD é a igreja que mais cresceu no Brasil na última década, passando de 268 mil, em 1991, para 2 milhões, em 2000, atingindo, assim, um crescimento de 646% em relação às demais igrejas evangélicas.

09/07/2002 – Reunião realizada pelo bispo Macedo para comemorar os 25 anos da IURD.

20/02 a 02/03/2003 – I Polo Turístico Evangélico em comemoração aos 25 anos da IURD, na *Catedral Mundial da Fé*.

ANEXO O

Cronologia do Novo Templo de Salomão

(Fonte: Dados fornecidos pelo autor)

2000-2010 – O Censo do IBGE de 2010 aponta que a IURD sofreu uma perda de fiéis entre 2000 e 2010, de 2.102 milhões para 1,873 milhão, uma diminuição de mais de 10,8% de seus membros.

A IURD diminui sua participação entre os evangélicos, saindo de 8,03%, no início dos anos 2000, para 4,28% em 2010.

22/08/2008 – Concessão de alvará de reforma para o terreno do Novo Templo de Salomão.

2010 – O Censo de 2010 aponta que a Igreja Mundial do Poder de Deus possui 450 mil fiéis, sendo uma das principais responsáveis pela perda de fiéis da Igreja Universal.

2010 – Minissérie *A História de Ester*.

07/2010 – Anúncio da construção do Novo Templo de Salomão, feito pelo bispo Edir Macedo na sede regional da Universal, no bairro do Brás.

08/08/2010 – Lançamento da “pedra fundamental” do Novo Templo de Salomão, com a presença do Bispo Edir Macedo, acompanhado por outros bispos e uma multidão no terreno do santuário.

Início da construção do Novo Templo de Salomão.

28/08/2010 – O prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab, liberou R\$ 15,7 milhões para reformas urbanas no entorno do Novo Templo de Salomão.

10/2010 – Eleições presidenciais. A IURD apoia Dilma Rousseff como candidata à presidência.

2011 – Valorização e inflação de preços dos edifícios ao redor do Novo Templo de Salomão.

2011 – Minissérie *Sansão e Dalila*.

2012 – Minissérie *Rei Davi*.

2012 – Lançamento do primeiro volume da autobiografia de Edir Macedo, *Nada a Perder – Momentos de Convicção que Mudaram a Minha Vida*.

07/2012 – Início de uma campanha de arrecadação na rádio, TV e Internet para a construção do santuário.

2013 – Início da cobertura do edifício com as pedras importadas de Israel.

2013 – Minissérie *José do Egito*.

2013 – A artista israelense Yael Bartana produziu um vídeo em que o Templo de São Paulo era demolido.

28/08/2013 – Lançamento do segundo volume da autobiografia de Edir Macedo, **Nada a Perder – Meus Desafios Diante do Impossível**.

2014 – Minissérie *Milagres de Jesus*.

05/2014 – Inauguração da RecordTV Europa, em Lisboa.

10/06 a 19/07/2014 – Realizado o “Jejum de Jesus”, no qual os fiéis da IURD se abstiveram de consumir qualquer tipo de informação secular, durante 40 dias, período este que estava sendo realizada a Copa do Mundo e precedeu a inauguração do Novo Templo de Salomão.

13/07/2014 – Término da construção do Novo Templo de Salomão.

19/07/2014 – O Novo Templo de Salomão foi consagrado em uma cerimônia que reuniu bispos, pastores e obreiros de várias partes do mundo.

31/07/2014 – O Novo Templo de Salomão foi inaugurado em uma grandiosa cerimônia, que contou com a presença de 10.000 convidados, incluindo a presidente Dilma Rousseff, o Vice-Presidente Michel Temer, o governador de São Paulo Geraldo Alckmin e o prefeito da capital paulista Fernando Haddad.

Também cabe o destaque para a presença de autoridades israelenses e dos Poderes Judiciário e Legislativo.

A cerimônia foi transmitida pela Rede Record, com toda a pompa esperada.

08/2014 – Processo da Controladoria Geral do Município de São Paulo para apurar irregularidades nos alvarás concedidos em 2008.

12/08/2014 – Durante uma reunião no Templo, o Bispo Clodomir Santos falou a respeito do santuário ser uma “Casa de Deus” e não uma “casa de shows”.

19/08/2014 – Ônibus invade esplanada do Novo Templo de Salomão.

10/2014 – Altar do templo da SedEuropa, é revestido com uma grande imagem do Novo Templo de Salomão.

10/2014 – Lançamento do primeiro volume da autobiografia de Edir Macedo, *Nada a Perder – Do Coreto ao Templo de Salomão: A Fé que Transforma*.

2014-2015 – A "Arca Peregrina" sai do Novo Templo de Salomão para percorrer os principais templos da IURD no Brasil.

2015 – Telenovela *Os Dez Mandamentos*.

26/04/2015 – Reportagem do Programa Conexão Repórter, do SBT, quando Edir Macedo foi entrevistado pela primeira vez sem ser por uma emissora afiliada da Rede Record.

07/2015 – Novos bispos são consagrados no altar do Novo Templo de Salomão.

02/08/2015 – Reportagem do Programa Domingo Espetacular, da Rede Record, mostrando a visita de Sílvio Santos ao Novo Templo de Salomão, acompanhado de Edir Macedo.

19/12/2015 – A Igreja Mundial do Poder de Deus inaugura a sua nova sede, a Cidade Mundial dos Sonhos de Deus, no bairro do Brás.

2016 – Telenovela *A Terra Prometida*.

28/01/2016 – Lançamento do filme *Os Dez Mandamentos*.

10/2016 – Anúncio da adaptação da trilogia *Nada a Perder*, que contará a vida de Edir Macedo e a trajetória da Igreja Universal.

17/10/2016 – Atropelamento no estacionamento do Novo Templo de Salomão, com sete vítimas.

30/10/2016 – Marcelo Crivella é eleito prefeito do Rio de Janeiro.

12/2016 – A Igreja Universal lança o “Univer”, o canal virtual para transmissão de filmes, telenovelas, séries e cerimônias do Novo Templo de Salomão.